BARCELOS

BARCELOS
MINHO
PORTUGAL

BARCELOS

Apontamentos

para a

Historia de Barcelos

3º Volume

1947

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26796

Barcellense
Penna.

A quem folhear este livro:

A compilação dos apontamentos que o canto se encontrarão é a complexidade do que entendi e pude lançar mão para que se possa satisfazer ás exigencias de qualquer Consulente, de bem que tudo quanto tenho feito é para utilidade para a minha cruza de trabalho, em geral.

Barcellos - 1947.

Francisco Caetano da Silva
Tenente Interventor

EDIÇÃO DA
COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE BARCELOS

Barcellinhos

Sua Situação

Considerada cidade Baixa

Do "Dicionario Geographico de Portugal - Memorias Parochiaes - Lemma XVIII - 1721 - Obra inedita - 205 - Folhas 32 - Volume 6º - Torre do Tombo" -

". . . . . Esta freguesia de Santo André de Barcellinhos esta situada nesta provincia de entre Douro e Minho, he do Arcebispado de Braga, comarca, e termo da villa de Barcellos, e parte della arrabalde da mesma villa, da qual são Donatarios os Senhores Duques de Bragança: tem fogos cento, e setenta, e sete, casados cento, e quatro, viuvos, e viuvas quarenta, e sinco, solteiros oitenta, e sete, pessoas de sacramento quinhentas, e sincoenta, e huma, menores setenta e sinco, ausentes seis, Sacerdotes dous e sete.

Está situada esta em valle, e della se descobre a mesma villa de Barcellos, e muitas freguezias; para a parte nascente as capellas do Bom Jesus do Monte fora da cidade de Braga, e a de S. Jeus em hum monte na freguesia de Cabeçoes está distá desta freguesia duas legoas, aquella tres; e o monte da Senhora da Boa Fei chamado de Airó no meio de varias freguezias: entre poente, e sul se descobre o monte da Senhora da Franqueira, onde está a capella da mesma Senhora, e mais abaixo no mesmo rumo a parte do Poente está situado o Convento do Bom Jesus da Ordem dos menores de S. Francisco da provincia

da Piedade, e para a parte do Norte se descobre a capella de Nossa Senhora da Portella, que fica em hum monte assim chamado da Freguezia de Sam Fins de Friuel, e para a parte do oriente se descobrem os montes do Geez, e os em que está a capella da Senhora da Abbadia, que dista desta setè legoas, e para as mais partes tambem se descobrem muitos montes, e serras.

Hoje, como dito fica, arrabalde, e Termo da villa de Barcellos se compõem dos lugares seguintes, do de Santo Antonio, que lhes fica para a parte do Nascente, que tem oito moradores; do de Labandeiras, que lhes fica entre Nascente, e Sul, que tem nove moradores; do Areal que lhes fica ao sul, que tem quatorze moradores; do da Esperança, que lhes fica para o Poente, que tem treze moradores; do de Marésses, que lhes fica para o mesmo Poente, que tem honze moradores, e tambem para o mesmo Poente fica o de Meedos que tem oito moradores.

Fica a Parochia desta Freguezia no principio do arrebalde da parte do Sul, o qual se compõem de varias ruas, e terreiros; como he do da mesma Igreja, que principia ao pé della, e finda para a parte do Norte em hua rua chamada da Rua Direita, allem de varias travessas que a elle vem ter, he este algum tanto de ladeira, e adornado de todas as partes com boas casas, e no meio delle tem hum grande tanque aparando a agoa de hum vistoso fonte que deita em hua bica agoa todo o anno, com boa ponteira de pedra bem feita: compõem se mais o dito arrebalde da Rua de baixo, que corre de Poente a Nascente saida da dita villa para a cidade de Braga, que he bastantemente comprida com boas casas de Rua, e outra parte, a qual finda em o terreiro da Ponte, onde tambem finda a sobre dita Rua direita, que corre de Norte para Sul, que he de ladeira, e ornada de todas as partes com boas casas, saida da dita villa para a cidade do Porto; e do dito terreiro da Ponte, que principia na Capella desta, e finda em hum lugar chamado o Sancho, compõem se este terreiro da parte do Sul de Excelentes casas, e da parte do Norte fica fazendo com o Rio Cavado.

~~Hoje a Igreja da dita freguezia Santo Antonio tem a sua Igreja Anexa dos Padres Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que a governão, e administrão, e he Parochia bem grande, e tem muita gente, e muitos fogos em diversos lugares, huns pela parte do Norte, e outros pela parte do Poente, e do Meio dia, e tambem pela parte do Nascente, e Norte, e tem muitos moradores, e muitos Clerigos, e Frades, e muitos Conventos de Religiosos, e Religiosas, e muitos Santos, e Santas, que com suas virtudes, e milagres illustrão a mesma Senhora dos Remedios~~

[illegible] que [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

Hoje orago da dita Freguezia Santo André, e tem a sua Igreja dentro de si sinco altares na Capella mayor hum onde está o Santissimo Sacramento que tem sua confra

= Barcellinhos =

= Uma vista da parte baixa de Barcellinhos pella qual vemos o que era antigamente esta linda Povoação. =

ria com hua boa Sancrestia posta a parte do Norte, e dotada de bons rendimentos, pella parte do Evangelho tem o Altar de nossa Senhora das Neves, e por sima do mesmo tem hum quadro com varias reliquias de diversos Santos, com que embrecer a Irmandade da mesma Senhora das Neves com varias indulgencias o Papa Alexandre setimo, que se fazem publicas em varios dias, principalmente no dia da festa da Senhora a sinco de Agosto; e da mesma parte tem outro altar das Almas, que tem sua Irmandade da qual he padroeiro Sam Gregorio Sammatino, que se festeja no seu dia; da parte da Epistolla correspondendo ao dito Altar das Almas fica outro do Nome de Jesus. que hera Irmandade, e se mio a dita das Alt

mos; e mais da dita parte fica a outro altar de Santa Luzia, aos quaes estão as imagens de Santo Antonio Sam Sebastião, Sam Miguel Anjo e Santa Quiteria; está toda a Igreja bem paramentada, e bem pita tanto no interior como no exterior tudo com correspondencia, e tem para parte do Norte huma torre de sinos com dois, e lugar para outros dois, e toda ella foi feita de hum Real imposto aos povo da dita villa, e sem terno por provisão Regia que para isso se alcançou pello povo ser de poucos poderes, e não tem Naves.

He o Padroado desta Freguezia vigario ad nutum apresentado pello Reverendo Prior da Collegiada da villa de Barcellos e tem de congrua da renda da freguezia desanove mil quatrocentos, e oitenta e seis reis em cada hum anno, que com hum pé de altar, que mais tem poderá render sessenta mil reis.

Tem esta Freguezia a capella de Nossa Senhora da Ponte, que fica ao pé da ponte para a parte do Nascente, que serve de armas a dita villa, e foi feita a custa dos Senhores Duques de Braganza; tem mais a capella de Santo Antonio que fica na saida do arrabalde para a parte do Nascente e se festeja o dia Santo no seu dia onde concorre bastante gente de romaria; tem outra capella de Sam Braz situada em hum monte pegado no alto delle, que fica fora do arrabalde para a parte de entre - Nascente, e Sul, onde concorre muita gente no seu dia de romagem, e todas estas capellas são proprias da freguezia; e tem mais outra de Sam Miguel Anjo, que fica no lugar da Esperança que hé particular de hum Administrador; e tem mais outra nova no lugar de Meedos erecta por mim com avocação de Sam Joaõ da Lapena, que de presente administro, e por meu fallecimento ha de ser administrador della a pessoa chamada na sua instituição e se festeja o dito Santo no seu dia onde já concorre bastante gente de romaria.

Os lavradores desta freguezia colhem os frutos seguintes bastante milho grosso, meudo, centeio, e alguns feijões, bastante vinho verde, algumas azeitonas, e bastante linho.

Está esta freguezia subjeita as justissas da dita villa de Barcellos, e se servem os moradores della do correio da mesma villa que vai para a cidade do Porto todas as sestas feiras, e vem della todos os domingos, que dista a dita cidade do Porto desta freguezia sete legoas; e dista esta mesma freguezia da cidade capital do Reino sessenta e duas.

Tem esta freguezia, allem de muitas fontes particulares, tres

de agoa boa, e bem feitas, como hé a de Ninains, que fica na descida do monté, e capella de Sahr Brag para a parté do Norté, que alem de ser bem feitá com boa fonteira, escatheiroins, e accentos por todas as partes, he de agoa excelenté, que muitas pessoas de varias partes a vão buscar a ella por ser milhor que a das mais.

Este documento foi feito em Barcellos de Abril 18 de 1758 e

Vista panoramica de Barcellinhos que nos mostra - do lado direito - uma casa com frente para o Rio Covado e fazendo esquina formado o arruado para o Matadouro Municipal, que diga, em frente às actuais casas havia ainda outras do lado do rio.

assinado in :- A Visaria Joaõ Simes - A Visaria Joana Martins Pereira e A Cadeira Antonia Paes de Faria

Citacão - Torre do Tombo - "Dicionario Geografia" - Volume VI - Folha 32 - Documento 2 0 5.

Barcelinhos

(Extracto do "Portugal Antigo e Moderno" de Pinho Leal)

Freguesia, limitrofe, comarca, concelho e arrabalde de Barcellos, donde fica distante pela estrada, 18 Klm. ao O. de Braga, 50 ao N. de Lisboa, 250 leg. Em 1757 tinha 1.775 fog. Orago Santo André, apostolo. Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O oitavo era apresentado pela Casa da Rainha de Port. e tinha de rendimento 600$000 reis.

A igreja chamava-se antigamente Santo André de Marécos, provavelmente de uma aldeia deste nome.

Marécos — é uma pequena aldeia, quasi exclusivamente habitada por serralheiros.

Fica fronteira de Barcellinhos e ao lado da estrada que conduz á Povoa de Varzim.

A fonte de Pinhaes é famosa em toda a freguesia, pela ótima qualidade da sua agua.

D'ela bebiam os Arcebispos de Braga.

Estando a fonte arruinada, foi reedificada pela Camara de Barcellos em 1710, com grande magnificencia, e tem na lapide a seguinte inscripção:

"Si veræ nascuntur aquæ de vertice cœli, hæc de cœlesti vertice limpha fluit".

Está em communicação com Barcellos, por uma extensa ponte, obra dos romanos, de admiravel belleza.

Perto lado e sobre a ponte (logo á entrada d'ela) está a Capella, outr'ora, da Senhora Linhoa da Ponte, toda fendida de ogiva a ogiva e a pedra é toda rachada.

Tem mais de 500 annos. Antigamente houve ponte de trazeira de Barcellos.

Tem Barcellinhos mais outras capellas, que outr'ora eram ermidas.

Em 1841, foi feito Barão de Barcellinhos, Manuel José de Oliveira (o Manuel dos Centos).

Hoje é ornado com a ermida de Luiz Barão

do Senhor Visconde de Asseca.

É terra abundante de boas aguas, fertil e sanda nelle suas cercanias muito aguaraes.

É uma grande povoação com limites predios e visita de Barcellos. Faz um bom espitio.

É situada sobre a margem esquerda do rio Cavado.

(Vide "Portugal Antigo e Moderno" - Vol. 1º - de Augusto Soares Azevedo Barbosa de Pinho Leal, a pag. 326).

= Barcelinhos =

Vista geral de Barcelinhos vendo-se a frente mais central d'esta freguesia. Junto á ponte a historica Capellinha de Nossa Senhora da Ponte e defronte o celebre Carvalho da Ponte.

(Da "Memoria Historica" de Abade de Louro, 1867)

Barcelinhos é uma arraiolos de Barcellos, situado na margem esquerda do rio Cavado, em frente de Barcellos, pela margem direita do Barcellinhos.

São duas freguesias, que se lêjam e comunicam pela ponte do rio Cavado; e as corcanias de Barcellinhos são muito apraziveis pelos arvoredos e regadios que dividem e fertilisam os campos e pelas margens risonhas do Cavado.

— × × × —

A' direita uma antiquissima perspectiva de Barcellinhos junto á Ponte sobre o Cavado.

— × × × —

Ruas e Terreiros =

Tem somente cinco ruas, a saber:
A Rua do Baixo – A Rua Direita – A Rua dos Ferreiros – A Rua da Esperança e a Rua da Boavista.

Terreiros – ou Largos – Tem dois:
A terreiro ou Largo da Frente Alta, é aquele largo que está nas costas da capella, onde empera a

"Tem cima a historica Capella de Nossa Senhora da Ponte, vendo-se ao lado o grande, frondoso e tambem historico Carvalho da Ponte".

Rua Direita e a que vae para a Boavista ou a dos Ferreiros e a da Esperança, cujo largo a Camara mandou terraplanar e cercar de pedra ferro-dada em 1858.

A terreiro ou largo da Ponte é o que está ao fronte da Capella de Nossa Senhora da Ponte, terreiro espaçoso, cercado de casas, que, para a norte, servem de varanda, da qual se goza a aprasivel vista do Canal e a magestosa cachoeira de Bom Conselho.

× × ×

= Chafarizes, Tanques e Fontes =

O chafariz e tanque é de que está edificado no centro da porrazão, na esquina do largo, onde cruzam a Rua Direita e a que vae para a Bravista com a do Rendo e da Esperança.

Vista geral de Barcelinhos

Este chafariz é obra mesquita e elegante, que a Camara ali mandou edificar, e que foi concluida em 1858, mostrando-se n'uma cova, que havia mais acima entre o Monticho e a rua que vae para a Bravista.

As Fontes são:—a de Vessadas e a de Tinhas. Esta de Tinhas é de agua de tanta fama, pela sua bondade e frescura, que varios arcebispos de Braga, principalmente D. Sebastião de Matos a mandavam buscar para o seu uso diario, não obstante a distancia de 3 leguas.

Esta fonte reconstruida em 1700, pela Camara, com sua arquitectura florada em diversos materiais.—

Histórica Capelinha da Senhora da Ponte

× × ×

Silhueta da Capela de Nª Sª da Ponte.

Designações que actualmente teem as ruas de Barcelinhos:

A Rua do Paizo — chama-se Rua Miguel Angelo

A Rua Direita, que até ha pouco era Rua Luiz Navarro, chama-se Rua Miguel Miranda

A Rua do Penêdo

A Rua da Esperança ou de S. Guimarães — Anjo

A Rua da Boavista

Largo do Tanque, cuando-se o lindissimo chafariz que a Camara mandou construir em 1853.

× × ×

Sobre Fontes – Vide paginas 19 deste Volume

× × ×

Ponte sobre o Cavado

Esta ponte tinha quatro de pedra, guarnecidas de ameias que depois foram sendo substituidas quatro quadras nos fins do Século XIX pelas actuais de ferro, alargando a seu leito e transformando o seu traçamento.

Compõe-se de cinco arcos tão altos e tão arrojadamente construidos que nas maiores cheias do rio nunca foi danificada nem o seu transito interrompido ao publico.

Apenas duas vezes e essas por causas bem diferentes, nos consta que foi interrompida a passagem em novembro de 1775 quando, tendo ao grande terramoto, desabou sobre ela a torre do lado de Barcellos e a segunda em 1809 estando as tropas do Marquez de Chaves na margem direita do Cavado, receosas dos Francezes que estacionavam em Braga, cortaram a ponte do lado de Barcellinhos, barricando-a com as pedras arrancadas e com a outra e historica Cruz ficando naturalmente danificada.

—x x—

(Vide paginas 31 do 1º Volume e 28 e seguintes do mesmo Volume).

—x—

Muita coisa se tem escrito sobre a Ponte de Cavado em Barcellos: Como esta tem sido a sua antiguidade julgamos necessario trazer a lume alguns pormenores e juntar aqui tudo o que sobre este assunto se tem escrito: Na Caixa nº 10 do Archivo Distrital em Braga, existe o seguinte documento que transcreveu José Augusto Ferreira, de Braga em 1933 descobrimos e entendemos:

Omnibus hos et aprobetur sedis misericordiam sanctæ Bracharensis ecclesiæ Archiepiscopus Dñs Gabriel Armando Martinus de Soares et Pereira Johannis de Fonte Arcus Declaratorium Pectoribus mentis dicens Salutem et Benedictionem Cum dilectum nostrum Fabias Lourenci Canonicum Bracharensis ad laudem

dei et honorem virginis et gloriose salutis devotione ductum grandem Capellam
predificari fecerit in Ponte de Barcellos positam super fluvium qui Cataveyx di-
citur. Nos ejus supplicationibus assimulés votis et in quaque rationem in-
tuidem committimus et mandamus fraternis in dicta Capella secundum
institutionem Canonicam altare erigat valeatis. Ita tamen quod jus matri-
cum dicti altaris salvum in omnibus remaneat dicte Capelle est fundate
et aliis circumcirca Ecclesiis nullum prejudicium generetur. In cujus
rei testimonium has litteras sigilli nostri fecimus sigillari. Datum Bracha-
re XIII die mensis Augusti Anno domini Millesimo Cec.º XXVIII.º

Stephanus plagie vidit

Em virtude deste documento alguem de Barcellos fez
mover pelos primeiros dias de Maio de 1833 pedra tirada
na fontaina da Capela de Nossa Senhora da Ponte, ao lado
da ponte, em Barcellinhos, uma pedra com a inscrição se-
guinte:

"NO ANO DE 1328 O ARCEBISPO DOM GONÇA-
LO PEREIRA ERIGIU ALTAR NESTA CAPELA QUE
FES O CHANTRE EGAS LOURENÇO"

Esta placa deve-se á iniciativa da Camara Municipal
mas foi inscrita sob a direcção e opinião do Major reformado
de José Augusto Marcellos de Sampaio, que, na nossa pe-
ca opinião, errou e com documentos autenticos vamos
mostrar: —

No sabado dia 13 de Maio de 1933 sob o titulo —
"Bagatelas" fizemos publicar no jornal "O Barcellen-
se" o seguinte: — A Capela da Ponte — Como nos parece
que a lapide que ha poucos dias foi collocada nesta an-
tiga ponte não corresponde com verdade a verdade, em vis-
ta da copia do documento autentico que fizemos
publicar nesta semana, tendo ouvido sobre esta
nossa duvida a opinião auctorisada de Mgr. J.
de Augusto Ferreira, membro da Academia de Sci-
encias, erudito e distinto archeologo e investigador
de grandes e reconhecidos merecimentos, por ele nos
foi enviada uma carta com o verdadeiro da

inscrição a colocar na Capela da Ponte de Barcelos a qual me deu entender devia ser a seguinte:

= "No ano de 1328 o Arcebispo D. Gonçalo Pereira autorisou a erecção do altar nesta Capela, que fez aqui edificar o Chantre da Sé Primaz Egas Lourenço, conforme consta dum documento autentico citado nos "Fastos da Igreja de Braga", II, pag. 136 e existente no Arq. dist." =

Como a história deve ser escrita o mais clara e concisamente possível, para nos dissipar dúvidas no futuro, chamamos a atenção da dita Comissão para este facto. —

Vidé documentario diverso no Volume V - "Apendice" destes "Apontamentos" sobre a Ponte de Barcelos, cujas páginas se encontram numeradas de 1a 10 e por mim rubricadas, encontrando-se entre elas cartas originais que esclarecem e trabalham o que atraz deixamos dito.

×

Vidé, pois, o Capitulo "Curiosidades" - "Migalhas d'historia de Barcelos" a que acima nos referimos. Apendice a estes apontamentos - Volume 5º

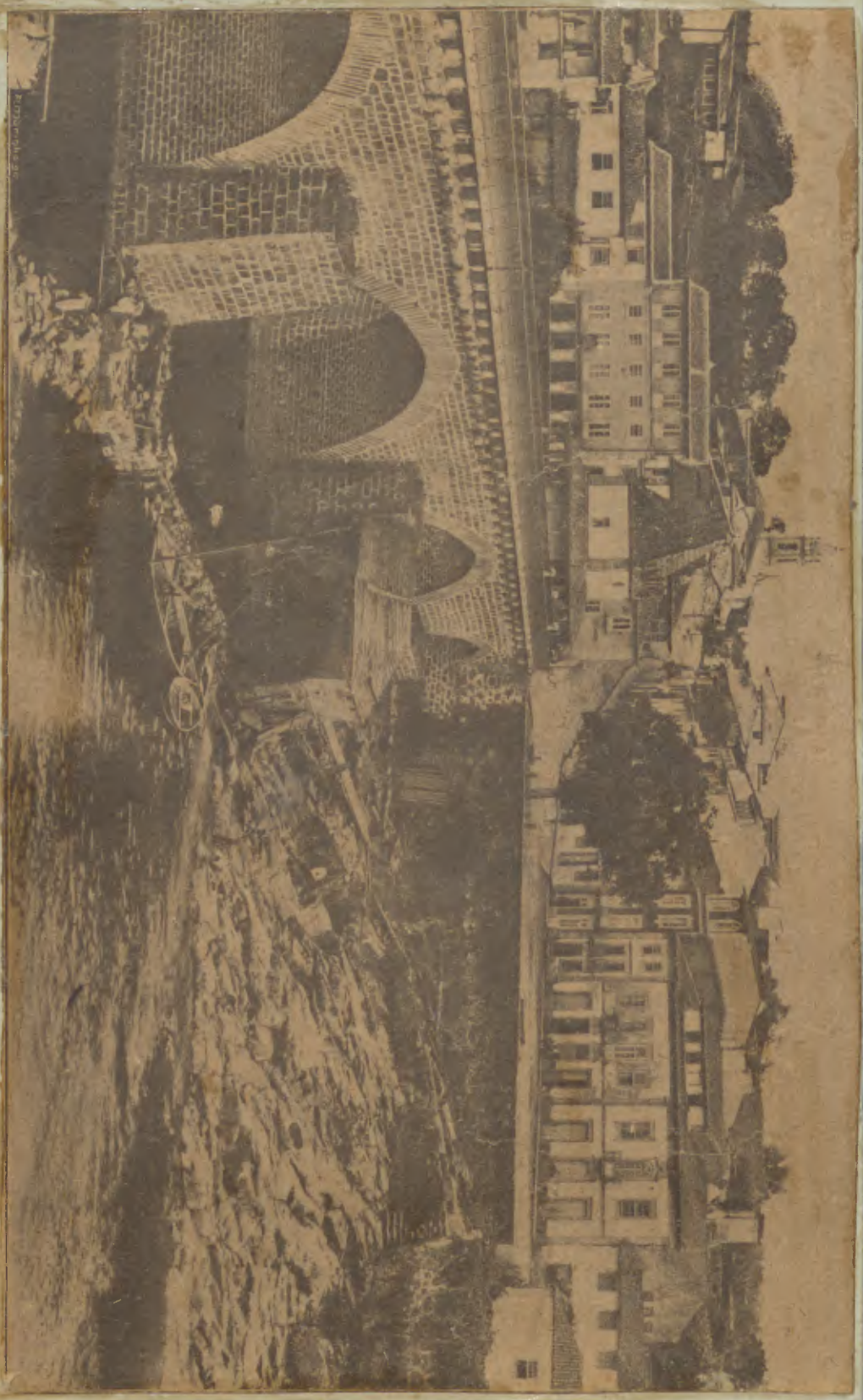
×

A' esquerda a Ponte sobre o Cavado, fotografia tirada de Barcelinhos, vendo-se em ponte o Paço dos Duques e a Igreja Matriz, sendo interessante notar-se que só à entrada da Ponte do Lado de Barcelinhos é que tinha dois lampeões da antiga iluminação a petróleo, quando hoje têm dois da iluminação electrica! Estavam por concluir as obras em volta dos Paços dos Duques.

×

Ponte sôbre o Cavado =

Já existente em 1328, foi reconstruida no séc. XVI e modificada em 1881 - Ao fundo o Paço dos Duques - Barcelos



Vista de Barcelinhos ao lado - sul (antigamente).

Esta litografia é das mais antigas e das mais interessantes que temos conhecimento, mostrando-nos casas praticamente ao rio que hoje não existem e que se estendem na parte que hoje está ajardinada.

Igreja Paroquial de Barcelinhos

Esta igreja tem a invocação de Santo André de Barcelinhos.

Diz-se que está edificada onde anteriormente existia uma Ermida de S. Sebastião, que foi demolida para dar lugar a esta edificação, em 1675, segundo grandes obras que lhe foram feitas em 1857.

Outrora a Igreja Paroquial de Barcelinhos estava situada no lugar de Marêses com a invocação de Santo André de Marêses.

Desta antiga Igreja foram trasladados os restos mortais para a nova Igreja que foi construída no lugar da Boa-Vista com frente para esta rua e com fundos para o lugar de Santo que lhe fica a nascente.

Esta igreja tem uma grossa, elegante e elevada torre dos sinos.

— x x x —

A primitiva matriz, sob a invocação de Santo André de Marêses, era dentro da quinta de Marêses, propriedade da família Salazar e dela se fez a transladação para a actual, que foi edificada em 1675, no mesmo sítio onde antes havia uma ermida de S. Sebastião. Modernamente sofreu grandes modificações a construção primitiva, fazendo-se-lhe então a elegante e elevada torre que possue.

— x —

Pelas inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação "De Sancta Andrea de Maraces", nas Terras de Faria.

Santo André de Franeces, depois Santo André de Barcelinhos, foi primitivamente abadia secular, passando mais tarde a vigairaria da apresentação, primeiro da Casa de Bragança e por fim do Prior da Colegiada de Barcelos.

A igreja paroquial era antigamente no logar de Maras, ao lado norte da Estrada distrital nº 30, que daqui vae para a Torre do Vasqueiro, dentro da Quinta de Franeces, actualmente pertencente aos herdeiros do Sr. Eduardo Salazar.
A residencia paroquial é hoje casa de casaes desta quinta.
Pelos meados do Seculo XVII, antes de 1672, foi mudada para o logar do Santo, onde hoje está, soffrendo no Seculo XIX, 1867, grandes modificações, tornando-se um templo amplo e elegante.

No Terreiro junto ao adro da nova igreja existia uma antiga capella de S. Sebastião, a qual fôra fundada em 1736 para Barcellos, actual rua Manuel Viana, junto das Casas dos Mendanhas — hoje Quartel da Guarda Nacional Republicana.

— No rio Cavado, no distrito desta freguezia tem tres açudes uma junto á Ponte sobre o Cavado; outra em Franeces, junto á confluencia do rio dos Amaes que da freguezia de Pereira vem affluir ao Cavado junto ao logar e outra em Santo Antonio de Vessadas.

~~~ X ~~~
~~~

= Ruas de Barcelinhos =

Rua José Falcão
" Cemiterio Navarro
" Penedos
" Brito Pinto
" Alcaides de Faria
" Esperança

x x x

= Largos =

Largo da Feira
" Loureiro
" M. Antonio Teixeira (antigo de Montilhão)

x x x

= Lugares habitados =

Lugar de Abade
" Carniceria
" Lamadelas
" Barca d'Anha
" Gandra
" Milheiro
" Granices
" Medos
" Pinhães
" S. Braz
" Sanches
" Tamadia
" Vessadas

x x x

O Barcelinhos

(De "O Minho Pitoresco" de J. Augusto Vieira – II Volume – pag. 145–1887) =

. . . . . Diminutivo que indica uma filiação histórica, segundo a fronteira já enunciada na cantiga popular:

O dem filho Barcelinhos, etc.

Arrabalde de Barcelos lhe chamam na localidade, mas é realmente desembaraçada uma vila que todos consideram mãe como tal, se a terra de D. Afonso não existisse ao lado. Como diminutivo e como arrabalde, Barcelinhos é dia animado com blandícias, ora chasqueando em maliciosas ditos, ás vezes trovados em cantigas. Galanteia-lhe as suas feiticeiras rapaniças, as suas trecanas de chinelinha alerta e recomendam aos encantos:

Se fores a Barcelinhos,
Leva contas de rezar,
Que lá estão as feiticeiras
Que te podem enfeitiçar.

Mas se as rapaniças não correspondem aos galanteios dos Fenoiros de Barcelos, é logo a troça e então:

As moças de Barcelinhos
Todas teem a falda rôta,
Só a moça do ribeiro
Tem uma nova de estôpa.

Apesar disto Barcelos e Barcelinhos querem-se como filho, contemplam ambos sorrindo as margens formosas do Cavado e juram que nunca se quebrem laços tão íntimos de amizade ali está o brazão da vila reunindo de um lado a nobreza de Barcelos, do outro as lindas de Barcelinhos, simbolisadas na emida da ventura da ponte e no cavalho fronteiro, duas sentinelas que estão – segundo D. Pedro de Barcellos, alerta em defesa de Barcelos – A ventura como guardeira intrepida, o cavalho como fiel vencedor – lhe consagrão e juragão por ser arvore linissima a sorte.

Na povoação que representa Barcelinhos vê o leitor á sua esquerda a ermida da Senhora da Ponte; não mostando o edifício muita antiguidade por causa das reconstruções por tem soffrido; mas, tendo-a realmente, pois já no principio do seculo XV era a Senhora da Ponte frequentada pelo povo como uma lapa; á sua direita vê o Cavalho da Senda, mostrando a principios de tempos immemoriaes, o pouco pé pelas tropas miguelistas do Senhor cortado em 1827, para com ela e com a ponta tirada do primeiro arco da ponte, nessa occasião destruido, impedirem a resistencia ou demorarem a passagem ás tropas liberaes. O actual Cavalho foi-lhe mesmo ahi plantado por ordem da Camara de Barcellos. Este logar da Ponte é um dos mais aprazíveis da vila, pela encantadora a paisagem, para quem de cima a vasa da Senhora, pelas duas margens, estendem-se olhos na direcção da corrente do pouco rio. Como se lhe vem a poesia das ruinas dos velhos castellos com as suas malmorias com a poesia da natureza nova, que enche todo o quadro; uma aragem suave e caprichosa, chega até nós uma vaga melodia, que parece escutar-se muito ao longe, como trazendo um sonho de passado e que vae como a agua murmura do rio, para uma vida doce de futuro. Ao pé da ponte, apenas espadanam a cristallina e limpida corrente; adiante recortam-se os areaes, em sinuosidades de ouro; nas margens ondula, como fimbria de um manto ebrossal, a vegetação luxuriante e densissima.

Entretanto raros são os espectadores, que hoje se demoram a admirar da ponte a formosura esplendida d'este pedaço de Cavado; de obra a tem visto já. Por isso se o leitor encontrar por ahi alguem solitario, não crê de que ele está enamorado da paisagem; está simplesmente a vêr as obras do matadouro, que na margem esquerda se levanta, se é que antes não veio de vêr as da terraplanagem, que a Camara

está fazendo em volta de taes dueaes, e, ao que parece, com menos defeso criterio.

~~~ × ~~~

«Nichos ou Alminhas» – Barcelinhos tem os seguintes:
O de Tessadas – O do Areal e o de Franéces.

~~~ × ~~~

Capela de Nossa Senhora da Ponte – em Barcelinhos.
Edificação dos fins do Séc. XIV.

~~~ × ~~~
~~~

Capela de Nossa Senhora da Ponte
e o "Carvalho da Ponte"

Esta capela é aquela, que se vê fundada e consagrada ao mesmo Senhor dos Barqueiros junto à Barca, na entrada da ponte, à mão direita do lado de nascente, e que à mão esquerda do lado do poente tem junto um grande e viçoso "Carvalho"; e que antigamente era mais pequena e de menor fabrica.

O seu local é singularmente aprazível, já pela vizinhança e vista do rio Cavado, e já pela continuada passagem de todo genero entre e sae da vila, pela ponte.

O corpo principal desta capela é da figura de uma torre quadrangular, e remata em uma cupula piramidal de quatro faces, com seus ornatos de pedra nas arestas, estas faces de telha vidrada foram recentemente, no presente ano de 1867.

Em volta da capela, junto ao cavamento, é cercada por uma varanda de pedra, que sobe até meia altura das janelas da capela.

Junto d'ella, mas muito de menos se vem muitas familias a tomar a sombra fresca dos ares do Cavado.

A edificação não mostra muita antiguidade, o que é devido às reconstruições que tem tido; entretanto a sua fundação é muito antiga.

Já no começo do seculo XV. N.ª S.ª da Ponte era procurada de povo, como milagrosa.

S. Magestade (por provisão de Fevereiro de 1684, registada no respectivo livro da camara, fol. 46) deu licença de aforamento da Casa de Barcellos e Bragança mandou dar 30$000 reis, de esmola a N.ª S.ª da Ponte.

Hoje porém tem ella uma irmandade, que a venera e que tem sufficiente protecção.

S. Paulo de Boyaes, no seu Panegyrico fol. 18, cap. 13, falando desta capella, demonstra, que ella e o Carvalho fronteiro a ella são duas sentinellas, que estão alerta em defeza de Barcellos.

N.ª S.ª como padroeira e fortaleza da villa; e o "Carvalho," como instrumento-lhe emitta condemnação e desacção por ser arvore duríssima e fortíssima etc...

O "Carvalho" está cercado com um pequeno de cantaria em forma de diques, que lhe serve de pilota-forma.

Mas o "Carvalho" actual, apesar de estar um frondoso e copado, é muito mais novo do que o seu antecessor, que ali existia desde tempos immemoriaes, que era possibilissimo, e que em 5 de Fevereiro de 1824 foi cortado pelas tropas emigrantistas de Lisboa, mandadas de Chaves, para com elle atalhar a fronte, como explicitamente se diz, mas n'esse mesmo anno de 1824 a Camara mandou plantar o "Carvalho" que ainda hoje existe, no mesmo local do antigo, assaz viçoso, frondoso e copado.

Junto esta capella como ao "Carvalho" fazem frente das armas de Barcellos.

= O Carvalho da Ponte =

Como se disse lá o primitivo Carvalho da Ponte foi cortado para com ele se intentar a passagem da Ponte ("Vide" pagina 36 do 1º Volume e 11º deste).

E para em tempo algum deste facto virem a duvidar extractamos as seguintes actas da Camara:

- Sessão de 10 de Fevereiro de 1827 =

"..... e assentarão que no sitio onde existia o antigo Carvalho destruido pelos Inglezes no dia quatro deste corrente mez, se plantasse outro para o substituir pois que elle he hum dos Brazões da villa assim como a Capella de Nossa Senhora da Ponte. Igualmente se deve dar providencias para se conservar aquella parte da Ponte que os ditos Inglezes tão bem destruirão."

. . . . . xxx . . . . . .

- Acta da sessão da Camara de 17 de Março de 1827 =

"..... Igualmente se determinou que o actual Procurador do Concelho fizesse immediatamente plantar o Carvalho em sitio do Largo da Ponte fazendo tudo da a mais deligencia que necessario for a este respeito."

. . . . . .

— — — — — x x x — — — — —

O Carvalho da Ponte já existia no Seculo XV conforme o disse um Frade do Convento de Villaça que em Ponte d'Ermida de Nª Sª da Ponte existia um Carvalho.

Notas diversas:

O atrio da Capella de Nossa Senhora da Ponte recebeu (certa de) sua frente por occasião da passagem da estrada de Vila Nova de Famalicão a Viana do Castello, (conforme a resolução do engenheiro Vicente Francisco Guimarães), tendo havido fazendo a guarda separação. (Vide livro das actas da confraria a paginas 29 vº. de 10 de Maio de 1857).

Grades do adro da Capella de Nossa Senhora da Ponte

Em acta de 5 de Julho de 1868, foi deliberado arrematar (livro respectivo a folhas 42), dizendo: "Uma grade de ferro para cercar o Adro da Capella de Nossa Senhora da Ponte, por isso que como actualmente está de tosca sendo por Ruinoes e Imundicias" .

Custou 93.500 reis, sendo arrematada na mesma Sessão, Antonio da Silva Ferreira, de Barcellinhos. (Vide auto de arrematação - livro das actas a paginas 43 vº. de 26 de Julho de 1868).

Acta da Confraria de Nossa Senhora da Ponte, de 3 de Julho de 1847

Os Necessarios antecedentes, que derão lugar a Festa decretada nos Estatutos pertencente ao anno de mil oito centos e quarenta e sinco para o de mil oito centos e quarenta e seis pela razão de nesta Villa estarem frequentemente existindo tropas, não só demorando-se dias mas continuando em passagens, e em fim por todas as circunstancias e correntes, que não são desconhecidas, maior-

mente por serão ter mudido fazer obranças de Irmãs não estando a Justiça em actividade, nem os Irmãos permanentes e desassombrados de istinto e finalmente não hesa possoine fazer-se a Festividade com a custa grandeza recomendada nos estatutos por ficar esta Capella tão pessoina à Ponte por onde frequentemente marcharão as tropas ogne tudo deu causa a que a Festa que se fizera no anno antecedente não fosse tal qual o istatuto recommenda, cuja declaração fazem jurar a todo tempo constar."

_____ x x x _____

"Cópia dos estatutos da Confraria de N. S.a da Ponte"

Ill.mo e Ex.mo Snr:

Dizem o Juiz, Mesarios presentes, e alguns outros das Mesas passadas, da Confraria de Nossa Senhora da Ponte, sita na sua Capella da mesma, e freg.a de Santo André de Barcellinhos que havendo-se-lhes desencaminhado o Estatuto da mesma Confraria, assim como alguns livros d'Acta, por ocasião da invasão da invazão das tropas Francezas, tem até qui sido Administrada por praticas, usos, e costumes, que por tradição, e dizer de homens antigos d'aquella Freguezia, assim se praticava na existencia do primordial Estatuto; porem como seja de toda a preoizão hua Ley que regule e determine as obrigações tanto da referida Confraria, como de seus Confrades, acordou a Mesa presente, com alguns outros Membros das preteritas, em sessão de primeiro de Março do corrente anno que se effectuasse hum Estatuto, como com effeito se fez, e é o que inclusso a esta se mostra.

Os Supp.tes a apresentação a Jus.

C. M. B
BIBLIOTE

Lença e consideração de V.ª Mag.de e muito solemente implorão a sua Approvação.

P.ª a V.ª Mag.de a Graça de lhes confirmar e Approvar

E. R. M.ce

× × ×

Estatuto
da
Confraria de Nossa Senhora
da Ponte, sita na Freguezia de Santo André de

Barcellinhos

Feito
Pela Mesa presente, e mais Membros das passadas, no Anno de

1844

= Prevenir =

Sendo as Irmandades, ou Confrarias, hûma Sociedade de duas pessoas devotas, dedicadas a promover hûm culto regular a Deos, ou a algum Santo, é evidente, que estas Sociedades não podem obter seus fins de cada hûm individuo, de que ellas se compõem, as quaes administrar segundo sua vontade e capricho.

Para evitar estes inconvenientes, vão os Instituidores hûma Lei fundamental, para por ella se regerem, isto é, Estatuto.

Esta de Nossa Senhora da Ponte, collocada na sua Capella sita na Freguezia de

Santo André de Barcellinhos, os teve sempre até a invasão das tropas francezas em Portugal, em mil oito centos e nove.

Nesta epoca extraviarão-se não só o Estatuto, como também outros livros da Confraria.

Foi a Meza d'aquelle tempo, e seguintes, remediando a falta d'Estatuto, governando-se por algumas praticas e usos confirmados por homens velhos da freguezia, até que a Meza presente d'este anno de mil oito centos e quarenta e quatro, com alguns d'aquelles mais dos passados, poude fundada não só nas ditas praticas e usos, mas ainda mesmo em documento, renovar o mesmo Estatuto, dando já mais jurisdicção, privilegios, e mandamentos, que com Real Alvará reconhece, e os fez na forma seguinte.

Capitulo 1º.

Admissão de Irmãos e suas qualidades.

Artigo 1º.

Como os cargos da Confraria devem ser exercidos por bons Irmãos, cumpre fazer boa escolha.

Artigo 2º.

Toda a pessoa de qualquer dos sexos, que for de boa conducta moral e civil, será acceita para Irmão d'esta Confraria, e isola mesmo os menores com consentimento paterno.

Artigo 3º.

A Meza levará d'ingresso a cada um dos admittidos, a saber, - de vinte e cinco annos d'idade, trezentos reis; até quarenta e cinco, quatro centos reis; até sessenta quatro centos e oitenta reis; e desde esta para cima, seis centos reis, e dez reis d'annuaes.

Capitulo 2º.

= Motivos porque a Mesa póde excluir os Irmãos =

Artigo 4.º

Não devem ser considerados Irmãos, mas sim devem ser excluidos os abaixo juntos designados seguintes:

S.º 1.º – Os que não acceitarem os cargos para os que forão eleitos, não tendo legitima escusa, e quando esta se verifique, a participarão á Mesa nova para lhe dizer como julgar de justiça; e quando assim o não fação, ou se escusem todos, ou parte d'elles, a Mesa deve lhe recorrer á Autoridade competente para os coagir a servir, se, perante ella, não mostrarem legitimo impedimento.

S.º 2.º – Os que tendo sido de Mesa dilapidarem os fundos da Confraria, derem contas infieis, descaminharem seus titulos, ou Alpaias, apesar de serem responsaveis e executados por qualquer Justiça.

S.º 3.º – Os que recusarem pagar os annuaes de tres annos seguidos, tendo sido judiciados, por mais de tres vezes, e em diversos tempos, ou tratarem com palavras pouco decentes, apesar legalmente lhes pedir.

– Capitulo 3.º –

= Eleição da Mesa e sua composição =

Artigo 5.º

Na vespera do ultimo Domingo de Maio, se fará a Eleição dos novos Officiaes que devem servir no anno seguinte.

Artigo 6.º

Reunida a Mesa para á pluridade de votos, escolha de pessoas de boa reputação moral, civil e decente sustentação. (1)

(1) Á margem tem a seguinte annotação: Este artigo foi mandado addicionar no fim deste Estatuto.

S.º único

Exceptuão-se os que forem devedores á Confraria.

Artigo 7.º

A Eleição da Meza será fundiada pelo Juiz da Festa e na falta d'este, pelo que contar a Meza.

Artigo 8.º

A Festa deve compor-se d'um Juiz, um Secretario, tres Homens bons, e um Thesoureiro, todos estes com voto.

S.º unico

Haverão tambem dous Procuradores e um Servo.

Capitulo II.º

Dia da Festa da Senhora

Artigo 9.º

A Festa da Senhora deve fazer-se no ultimo Domingo de Maio, para haver tempo de se lançar e dar as contas em Juizo á Autoridade competente, e constará de uma Meza solemne, Missa de côro, e reza, com Sermão e Procissão.

Capitulo 3.º

Obrigações em Commum

Artigo 10.º

Todos os Mezarios são obrigados a obedecer aos mandados do Juiz, comparecendo em todas as Mezas, que por elle forem destinadas para o serviço e augmento da Confraria, em cujo acto se portarão com todo o respeito e acatamento ao que por elle for representado, dando cada hum seo voto como lhe cumprir entender em sua consciencia.

Artigo 11.º

§.º unico

Havendo empate, o Juiz decidirá para a parte que achar mais justa, e aos arrematadores fica livre o direito de protestar.

Artigo 12.º

Os Mordomos, e servos, são tambem obrigados a obedecer aos mandados do Juiz.

Capitulo 6.º

Obrigações de cada Mazairit, Mordomos, e Sérvo

Artigo 13.º

Compete ao Juiz convocar a Mesa quando o interesse da Confraria o exigir, zelar e cultivar, e a economia nas suas despezas, propôr os objetos que tem de tratar-se, ou discutir-se; e bir assistir ao enterro dos Irmãos.

Artigo 14.º

Ao Secretario compete toda a escripturação da Confraria, Zelar os seus interesses, e substituir o Juiz na sua falta.

Artigo 15.º

Aos Mezmens bons compete Zelar os interesses da Confraria, e informar-se, quando haja bacancia, sobre as seguranças do dinheiro a juros.

Artigo 16.º

Ao Thesoureiro pertence a arrecadação de todos os rendimentos da Confraria, Terrenos e alfaias por inventario, fazer todas as despezas, que estiver determinado pelo Juiz para a ordinaria, e deliberação da Mesa para a extraordinaria: bir assistir aos enterros e ter toda a vigilancia sobre o estado dos devedores, fazendo, no caso de morte dos originarios, reformar as escripturas, de forma que por sua omissão não haja falencia.

Artigo 17.º

Aos Mordomos pertence ir ao enterro dos Irmãos, acompanhar aos Judiciários dos animaes, e aos mais Irmãos da Confraria deverão ser Irmãos.

Artigo 18.º

Ao Clérigo, que reze, salario, pertence-lhe assistir ás Missas que se digam na Capella, e Ilmar, pelo amanhecer, á mesma esmola para a ajuda das Missas alem dos legados: ter com limpeza, e em boa guarda os aparamentos tanto de Capellão, como também os mais utensilios; fazendo lavar, e engomar as roupas brancas, participando ao Juiz de quaes pecuniarias, que forem necessarias tanto novas, como compostas; trazendo a Capella e Adro varrido, e acendendo a lampada como é costume.

Capitulo 7.º
Fallecimento dos Irmãos

Artigo 19.º

Fallecendo qualquer dos Irmãos desta Confraria tanto n'esta Freguezia, como na de Santa Maria Maior da Villa de Barcellos, o Thesoureiro logo lhe dará duas Velas para cada enquanto ahi se acharem o Corpo.

Artigo 20.º

O Mordomo de mez, avisará toda a Irmandade do dia e hora do enterro, e a este irá advertir o Thesoureiro levando a Cruz, o Juiz com a vara, que lançará as orações de costume pelos Instituidores da Confraria e pelos Irmãos defunctos; indo tambem os Mordomos e os homens bons juntamente.

Capitulo 8.º
Sufragios dos Irmãos

Artigo 21.º

Gozarão os Irmãos faltados, além dos sufragios dos artigos dezanove e vinte, de duas Missas pela sua Alma.

Artigo 22.º

Se algum Irmão falecer, e se enterrar em outra qualquer parte, que não seja naquella que determina o Artigo dezanove, gozará sómente das duas Missas pela sua Alma, na forma do costume.

Capitulo 9.º
Legados da Santa
Artigo 23.º

Hé esta Confraria tão Lem obrigada a mandar dizer annualmente quarenta e tres Missas pelas tenções existentes da Santa; mas como não abrange este numero todos os dias santificados em que concorre mais fervor ao culto Divino, tem-se adoptado a medida na cobrança das Missas d'hum Jubileu para não desfalcar o rendimento do Capital, pois com o rendimento, e com as esmolas que se juntão, que alguns annos chegão, se tem celebrado a Missa todos os dias santificados, e assim se deve continuar de futuro pois hum que resulta a todos que concorrem para tão pia devoção. E nesta forma ficou por findo e acabado este Estatuto, em virtude de Acordão de Janeiro de Março do corrente Anno de mil oito centos e quarenta e quatro pela qual foi mandado fazer o referido Estatuto, o qual foi visto e examinado tanto pela Mesa presente, como por alguns Mordos, mais das Mesas passadas, que pelo achar conforme, e na forma de seus esclarecimentos anteriormente dados, os assinarão e deliberarão

se representasse com elles a Sua Excellencia o Senhor Governador Civil, pedindo-lhe sua digna Approvação.

Artigo additional ao Artigo 6.º

Quando se dê a caso da Mesa ser dissolvida antes de acabar o tempo da sua administração, por omissão, ou omissão em que seja achada; em tal caso a Mesa que tiver de substituila será feita por votos de toda a Irmandade, ou pela maioria da mesma, quando toda se não reuna, sendo para este fim convocada a toque de campainha.

(a a) O Padre João de Souza Guimarães
O Juiz João Manoel de Figueiredo
O Thesoureiro Joaq.m Marques Simões de Almeida
O Thesoureiro João Antonio da Silva
O Thesoureiro Dom.os Joaq.m Gomes
O Procurador João José de Souza Ramos
O Escrivão Antonio José Baptista Guimarães
O Mordomo Dom.os José Simões
Antonio Joaquim Monteiro
Antonio José Gomes
José Antonio Simões
José Antonio Gomes
Antonio Hermenegildo
Manoel José Simoens
Joaquim Antonio da Silveira

Paço de Belem em 3 de Setembro de 1844

(a) Antonio Bernardo da Costa Cabral

Reg.da a fls. 69 do L.º 4.º

Nota.

Foi tirada a copia fiel do original por mim abaixo assignado e final respeitou a orthografia da mesma.

Estavam escritas em outras meias folhas de

papel selado com selo em branco com os dizeres:- "Reino Lisboa 40 Público", quer dizer, era da taxa de quarenta reis e todas as meias folhas timbradas com este pequeno selo a tinta d'oleo que dizia = Gov. C. de Braga e com a rubrica por cima deste = R. de Oliveiras.

Barcelos 5 de Junho de 1938

Francisco Cardoso Gomes

Tenente

— x x x —

— x x —

Esta capela, junto ao nicho, fica do lado direito à entrada da ponte que liga esta freguesia com a de Barcelos é muito antiga.

Julga-se ser edificada nos fins do século XVII (antes de) e devia ser em agradecimento a alguma graça

Tem esta capela anexo um cemitério aberto em 1844.

Na ponte existiu um engenho, ao qual se refere a acta da sessão da Camara Municipal de 1726, no lugar da Rebola antes, no dito antes e em Maneles antes, hoje todos desaparecidos.

No largo da ponte, em frente à capela, separado dela apenas pela estrada, vê-se o já secular Carvalho, do cesso de outro muito antigo, abatido em 1827.

Esta capela, o Carvalho e a ponte pela Barcelos fazem parte das peças que entram na composição do Brasão de Barcelos.

— x x x —

= Capela de Nossa Senhora da Ponte =

Conforme se vê do livro das actas da Confraria a fls. 29 v.º com data de 10 de Maio de 1857, a atrio foi certado, na frente, 13 palmos, ou seja uns mais de 3 metros, por virtude da passagem da estrada de Famalicão a Viana do Castelo e por resolução da en-

penheiro Vicente Ferreira Guimarães, concluindo - de ser isto que a Capela tinha à frente o seu alpendre mais empinado.

Por deliberação da empresa em acta de 5 de Julho de 1868 foi resolvido arrasar grades de ferro na frente alpendrada que circula a Ermida, como se vê a folhas 42 do respectivo livro, por o local "se tornar imundo por animaes e frequentado por mendigos", cujo trabalho foi encontado pelo mestre Jerónimo Antonio da Silva Ferreira, de Barcellinhos, custando 93.500 reis como se verifica do auto de arrematação escriturado no livro de actas a paginas 43 v.º com data de 25 de Julho de 1868.

A empresa perdeu os seus primitivos livros e estatutos, como se vê das actas, aprovados no Paço de Belem em 3 de Setembro de 1884 por António Bernardo da Costa Cabral (Rg.to a folhas 169 do L.º 4.º)

× × ×

Capela de Nª Sª da Ponte

Em 1789 sofreu a primeira modificação, - mandada fazer por um tal José Gama, natural de Barcellos, alterando-lhe o telhado de duas vertentes que possuia, por uma cupula piramidal de quatro faces e oito ventas a telha vidrada, obra que tambem sofreu reedificação em 1867 como assevéra o Abade de Lama a paginas 204 da "Memoria Historica da Villa de Barcellos".

× × ×

Vide documento registado a paginas 29 do 1.º Volume pelo qual se prova que esta Capela é de 1328.

× × ×

- Capela de Nossa Senhora da Ponte -

Do Dicionario Geografico de Portugal "Memorias Paroquiaes" - tomo XVIII - 1721 - Volume VI - Dece-

mento nº 33 – Fl 11 – Torre de Tombo =:

"..... Da outra parte da ponte, Arabalde de Barcellinhos que hé pertença desta villa, fica no fim da mesma ponte esta a excellente Capella da Senhora da Ponte, com invocação da Natividade, que tambem lhe dão: está esta Capella cercada em volta com alpendrado sustentado em trinta e outo columas de pedra: hum dos melhores ornos desta villa; hé administrada por devotos, e Brazão das armas desta mesma villa; tem no spiritual, jurisdição nella o Parocho de Santo André de Barcellinhos.

Do "Minho Pittoresco" de J. A. Vieira – II Vol. – 1887 – pag. 147 –

..... Além da egreja parochial existem no pittoresco arrabalde mais algumas capellas, sendo estas a de Santo Antonio de Vessadas, na quinta deste nome; a de S. Miguel-o-Anjo, no fim da rua da Esperança; a de S. João de Rendufe e por ultimo a de S. Braz em uma situação deliciosa no logar de Lavandeiras e á qual se faz romaria de espalhamento no decimo-quinto dia de Janeiro. Uma pequena ermida vizinha, hoje bem arranjada, corta da estrada até ao principio da escadaria, em cujo ultimo lance fica a ermida, podendo o leitor gosar junto desta a paisagem, que se desdobra por toda a bacia do Cavado, desde o monte de Roriz, que se levanta a nordeste, até ao de Porthos, que desenha a linha do poente. É deveras encantador!

Esta Capella está situada junto ao rio Cavado, do lado direito á entrada da Ponte que liga Barcellinhos a Barcellos. Julga-se ter sido edificada nos fins do Sec. XIV, com architectura differente da actual. Tem confraria com estatuto aprovado em 1844.

Na ponte existia um Cruzeiro ao qual se refere a acta da sessão da Camara de 1725, no logar da Rebela outro, no Souto outro e em Marêces outro, hoje todos desapparecidos. — (Vide folha 142 deste Volume) —

= Fontes e chafarizes =

Tem uma lindíssima fonte em tanque que ao cimo da Avenida Navarro, antiga rua Direita, mandada construir pela Câmara em 1853.

A Fonte de Vendas mandada construir pela Câmara em 1871.

A antiga e afamada Fonte de Frinães mandada construir pela Câmara em 1710.

No frontão desta fonte vê-se a seguinte inscrição:

"VERÆ. NASCENTUR. AQVÆ. DE. VERTICE. HAC. DE. CELESTI. VERTICE. LINPHA. FLVIT."

× × ×

Vide páginas 5 deste Volume.

×

= Fonte de Frinães =

Do "Minho Pitoresco" de J. A. Vieira - II Vol. - 1887 - pag. 197 -

. . . . . Ao lado do caminho (de S. Braz) encontra-se a fonte de Frinães, cuja água foi de tanta fama por sua bondade e frescura, que varios arcebispos de Braga, entre eles D. Sebastião de Matos, a mandavam buscar para seu uso diario. A fonte está hoje um pouco arruinada; empanto á justa fabugem da fama da sua água, parece-me que deve procurar-se antes na fundição um fero ou histerica do ponto dos arcebispos, que na sua qualidade, aliás excelente, como a de todas as águas de Barcellos, mas que não se comprehende bem, pudesse levar vantagem ás muitissimas águas de Bom Jesus, que os frades tinham lá ao pé de casa.

×

= Casa de Frinães e as invasões francezas =

Os francezes na segunda invasão de Portugal assinalaram tristemente a sua passagem n'esta freguesia de Barcellinhos, com o assassinato, em 9

de Abril de 1809, no Areal, de Manuel Ribeiro Paes, da Casa de Minas, deixando-o ficar insepulto durante trez dias! (Vide folhas 76 do II Volume).

Capéla de S. Miguel-o-Anjo

Esta capéla, outr'ora era sita no logar do Areal, junto da quinta que foi de André Leitão Salgado e que dêle passou para os herdeiros de José Tomaz, de Lavandeiras; e d'ali (do Areal) haverá cerca de 80 anos (dizia isto em 1857 o Abade de Lamas), foi removida para a fim da Rua da Esperança, onde existe em pequeno jardim, pertencente a um particular.

× × ×

Foi mandada construir por Francisco Fernandes Paiva, em 1675, junto ás suas casas na rua da Esperança.

Com a mesma evocação existiu esta Capéla no logar do Areal de Cima, a qual caiu em ruinas, dela hoje não ha vestigios.

× × ×

A segunda a fotografia da Capéla de S. Miguel-o-Anjo a que acima nos referimos, situada na Rua da Esperança, em Barcelinhos.

× ×

(Vide fig. 18 v.º deste Vol.)

×

Existiu esta Capéla no Areal de Cima, a qual caiu em ruinas, dela hoje não ha vestigios.

A actual foi mandada fazer por Francisco Fernandes Paiva em 1675, junto ás suas casas na Rua da Esperança. Hoje (1929) é dos herdeiros de José Joaquim da Costa.

×

Capela de S. João de Médros

Esta capela está situada no logar de Médros.

Em 1867 (dizia a Abadia do Lamas) pertencia à Irmandade dos Reis, da Freguesia de Faria.

× × ×

Foi fundada em 1757 como se vê de uma inscrição na frontaria da sua porta principal:
HANC. FECIT. JOANES. VICARIVS. ANNO. 1757

× × ×

(Vide paginas 18 v.º desta Volume)

Esta Freguesia é da Capelinha de S. João de Médros, em Barcelinhos, a que acima nos referimos.

× ×

Esta capela é conhecida por "Capela de S. João das Lajes, em Médros. - 1.º do Século XVIII.

× ×

Capela de S. João Baptista de Medros

Foi fundada em 1757, como se vê de uma inscrição na fachada da sua porta principal - HANC FECIT. JOANES. VICARIVS. ANO. 1757.

Está situada junto à Estrada Distrital n.º 30 no logar de Maricas, pouco distante da ponte sobre o rio dos Anseis e hoje pertencente a Manuel José Alves.

×

Com o alargamento da estrada acima referida, foi demolida, para ser reconstruida, demolição que teve logar em março de 1948.

= Capéla da Casa de Vessadas =

Manuel José Botelho, senhor da Casa de Vessadas, mandou fazer em 1885 esta capela junto às suas casas, sob de sorte, dando-lhe para padroeira Nossa Senhora d'Agonia. ———

A' esquerda a fotografia da Casa Solarenga de Vessadas, vendo-se em frente a linda Capela da Casa de Vessadas a que acima aludimos.

——— x x ———

Capela de Santo Antonio de Vessadas

Esta capela foi fundada em frente das casas e quinta de Vessadas, ao lado fronteiro das ditas casas, por João Paes.

Devido ao fragado e apertado da estrada que liga Barcellos a Braga e Vila Nova de Famalicão, nos anos de 1855 e 1857 foi aberta a nova estrada onde hoje se acha, mais acima das Casas de Vessadas, ao lado norte destas e da nova estrada, cuja construção se fez com muita fadiga e sacrificio devido ao relevo e espessura do Cortado Granito de Vale Vinha onde foi feito o corte da Quinta e Casas de Vessadas.

— x x x —

Foi mandada construir, no anno XV, por João Paes "A Velha", senhor da Casa de Vessadas, em frente da mesma, junto á antiga estrada que da freguezia vinha para Barcellos, em cumprimento de um voto, por ella lhe ter aparecido uma cavada.

Em 1856 foi mudada para o logar onde está, ao norte d'esta Casa e separada desta pela estrada, e completamente alterada a sua architectura.

Pertence hoje á Junta da Freguezia.

— x x x —

A' esquerda a Photografia da Capela de Santo Antonio de Vessadas, situada á margem da estrada, (no logar que lhe dá o nome) que liga Barcellos á Braga e Vila Nova de Famalicão.

A esta Capela dizem respeito os apontamentos acima excarados.

— x x —

(Vide pag. 18 nº. deste Volume)

= Capela de S. Braz =

É muito antiga.

Está situada no bairro de Perandubas.

Nesta data ainda a romaria a S. Braz no domingo seguinte ao dia 3 de Fevereiro, ou n'esse mesmo dia 3 caindo domingo. Festividade é concorridissima principalmente pela gente de Barcellos e Barcellinhos.

Ao lado esquerdo uma fotografia que nos mostra o grandioso edificio que dá acesso ao largo onde está a preciosa Capellinha de S. Braz.

Toda a gente de Barcellos conhece esta encantadora pequenina e bastante preciosa, sempre muito limpa e caiadinha de branco, é vista de quasi todos os pontos da cidade.

O local onde está situada, é dos mais pitorescos que nos rodeiam, estando naturalmente indicado para ser aproveitado pelo turismo para "Ponto de Vista Publico", pela linda paisagem que d'ali se avista.

A Capellinha nada tem de historico, mas a sua estructura que é talvez do seculo XVI, deve ser respeitada.

As suas portas, frestas, e as arcas de pedra que a ensombram, bem como o seu interior de pavimento lageado inspiram-lhe epoca, inspiram-nos o dever de pugnar pela sua

conservação.

Demolir-la, ainda mesmo que seja uma ampliação condigna, é um crime.

Como dizemos, nada há ahi de historico, a não ser a tradição que mantem pela veneração das Festas ao seu orago, as quaes são concorridissimas por quasi toda a cidade barcellense.

Diz-se que foi mandada construir por um dos Senhores da Casa de Lavandeiras cuja administração passou a ser da Junta da Freguesia de Barcellinhos desde 1882.

— — — × × × — — —

(De Bento Antas da Cruz) - 19/10 -

Esta capella é antiga ao Século XV, tendo antão na sua frente um cruzeiro que servia de alivio aos devotos que vão levar as suas oferendas áquele milagroso Santo, depois do dia da romagem, a qual por um costume antigo, se realisa no domingo imediato ao dia 3 de Janeiro, ou n'esse mesmo dia, coincidindo ao domingo.

É tradição de que foi fundada por um antigo senhor da freguesia casa e quinta de Lavandeiras, que hoje possue, por herança, ao Exmo. Snr. Dr. Manuel Belega da Cruz Almeida Torres, residente em Freguesia de S. Julião de Fonte de Lima.

Até o anno de 1882, esteve de posse d'ela a mesma illustre casa; e tomou em 19 de Abril d'esse mesmo anno Jaleem D. Maria Belega de Andrade Torres, mas de repente D. Manuel Belega e seus irmãos e mãi d'um pantum n.º 20, Snr. Domingos Belega e Snr. Dr. José Belega, residente em Braga, passou todo o dominio da Junta de parochia pois, com o fundo das esmolas dos fieis lhe mandou fazer o adro e

o escadório.

Instituiu-se ali há poucos anos uma campanha para a aquisição e inspeção de uma nova capela, levantando-se para isso a respectiva planta de que já nem se sabe o paradeiro.

× × ×

O bairro de S. Braz é um lindo bairro de onde se avista toda a nossa linda cidade e seus arredores até os cumes dos montes da Arrábida, Achia, S. Gonçalo e do Castelo em S. Pedro de Vila Fernosinha.

A capelinha da invocação de S. Braz, bispo de Sebaste na Arménia e martir, assenta sobre pequenissimo e pobre pateo arquitectonicamente apresenta, mesmo bastante antiguidade.

Demonstram-no claramente a porta ogival e as suas altas cruzes.

Está ao cimo de elegante escadório, vedada ao publico e caiadinha sempre.

É pequena e branca, tendo duas portas e uma frecta.

Tem também outr'ora tido altar ou gabiete na frente, mas que desappareceu quando se lhe fez o adro, achando-se ainda indícios nos dois "cachorros" ou mísulas de pedra n'ela existentes.

É bodrilhada e em dia de festa, como o tem, de folha-virgília, nomeadamente ao cimo, a imagem do Padroeiro e dos lados as de S. Domingos de Gusmão e Santa Efigénia a Santa pretinha como lhe chama o povo, por certo ser de côr natural, como todos os filhos da Ethiopia, onde nasceu.

× × ×

×

É antiga, talvez do século XVI.

Está no alto do outeiro de seu nome, donde se disfruta um lindo panorama, é da evocação brasileira e lusitana de.

Ao lado da festa juninha nesses ainda dois anteriores de festa, recordações da existência de antiga afamada romaria jubilar.

Dizem que foi mandada construir por um antigo senhor da Casa de Carvalhais, andando nesta casa a sua administração até 1882, ano em que tiveram fim a festa da freguesia.

No dia 3 de Fevereiro, quando é domingo ou no domingo imediato, realiza-se festa a ela a mais interessante romaria deste distrito.

A povoação da cidade e das freguesias circunvizinhas ali se reune, réza ao santo, ouve musica, dança e come em alegre convívio, sentada em ramadas por entre amplas e lindas, os apetitosos mesandeiros que trazem, regados pelo bom vinhaco, empilhado num carro à beira da fonte.

× ×

Pode-se firmar ser do Século XVI esta capela.

× ×

Vide paginas 18 v.º deste Volume.

Capela de São Brás

Matadouro Municipal =

em Barcellinhos =

Principiou a funccionar em 18 d'Maio de 1889.

— x x x —

Está no largo da Ponte, fechando-o deste lado o Matadouro Municipal — obra do fim do seculo XIX. —

— x x x —

A' esquerda a photographia do Matadouro Municipal, em Barcellinhos, visto exteriormente pelo lado da entrada principal, voltada para o lado do Largo da Ponte.

— x x —

A' direita a photographia que reproduz a frente interior do Matadouro, vendo-se em frente o pavilhão com as regas.

— x x —

A' esquerda a photographia que nos deixa ver a viela chamada "Carniceria", talvez pelo facto dos primitivos Matadouros existirem na casa que vêmos á nossa direita e á direita d'aquela viela.

— x x —

O Matadouro Municipal, de que atraz nos occupamos foi construido em 1887 cujas obras se prolongaram até 1889 anno em que se inaugurou.

Está situado ao poente da Largo da Fonte e fechando-o deste lado, ergue-se então este Matadouro Municipal, obra do fim do século XIX.

"Escola Agrícola de Barcelos" – "Aprendizagem Agrícola Gonçalo Pereira"

Funciona em Barcelinhos na Quinta do Sancho, propriedade que se adquiriu para este fim. – As obras para a edificação desta Escola, principiaram nos fins de Maio de 1940, tendo-se lançado as primeiras pedras, – (sem quaisquer cerimónias), – para as suas alicerces em 3 de Junho de 1940. ———

Não tem mantido aqui qualquer número de alunos. ———

Principiou a funcionar provisoriamente na Quinta do Bom Sucesso, no Largo da Granja, em Barcelos em 15 de Fevereiro de 1907.

Deixou de funcionar aqui, por resolução tomada pela Comissão Administrativa em 5 de Novembro de 1914, passando a subsidiar a criação de alguns rapazes na Escola Agrícola de S. Bento, em Santo Tirso e assim se tem mantido nesta disposição. ———

——— x x x ———

Em fins de 1906, Gonçalo Alfredo Alves Pereira, desta cidade, escolheu cinco amigos a quem comunicou o seu intento de pôr em prática a realização desta Escola, pedindo-lhes este encargo.

Feitos os empréstimos estatuídos e estudos, foram estes reduzidos a escritura pública em 15 de Fevereiro de 1907, lavrada na nota do Notário A. G. Ferreira, desta localidade.

Os trabalhos preliminares da instalação começaram em 16 de Dezembro de 1906.

Contratou-se desde logo Eduardo Sarchen Macedo para regente agrícola e D. Alves Pereira, para professor de instrução primária, sendo-lhe admitidos e internados, na Quinta do Bom Sucesso para lá ser arrendada, 12 alunos.

Os estatutos não obtiveram logo aprovação do Governador Civil, estando o funcionamento provisorio prorrogado até 1911, sendo os mesmos aprovados por Alvará de 30 de Janeiro de 1912.

Subsidiados pela Misericordia teem estado internados na Escola Agricola S. Bento, de Santo Tirso, diversos alumnos.

A Misericordia comprou para a instituição da Escola-Asylo - Agricola de Barcellos, a Quinta de Sancho, em Barcellinhos, por escriptura de 22 de Junho de 1931, lavrada na nota do Notario Dr. Virginio da Silva, desta cidade.

x x x

Cemiterio de Barcellinhos

No domingo 9 de Julho de 1882, ás 11 horas da manhã, foi benzido o cemiterio publico de Barcellinhos, assistindo Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Arcebispo de Braga, e seguindo juntos com seu cortejo episcopal e todas as auctoridades da freguezia acompanhados por uma banda de musica.

× × ×

Foi construido em 1882 no logar de Fraiões, ao lado esquerdo da estrada que vae para a Povoa de Varzim, quasi em frente á antiga Egreja Parochial.

Em frente e ao fundo (do lado da porta principal) existe uma capella destinada ao jazigo exclusivo, mandada fazer por Antonio Torres de Sousa Pinto para jazigo de sua familia.

Pertence hoje á familia Torres.

× × ×

Num jazigo ali existente tem a seguinte assombrosissima inscripção:

AQUI. JAZ. ANA. JOAQUINA. QUE. FOI. MARTIR.
DEPOIS. DE. ESTAR. SEPULTADA. A' 22. ANOS!

× × ×

A' esquerda a photographia da frente do Cemiterio de Barcellinhos a que acima se alude.

Está situado na margem da Estrada que liga Barcellinhos á Povoa do Varzim e Porto.

× × ×

= Corpo de Salvação Publica Barcelinense =

Foi inaugurado em 24 de Junho de 1921 (6ª feira) na Capa da Ponte em Barcelinhos.

Abriu uma secção, na Capa Sr. Tavares em Barcellos em dia 23 de Janeiro de 1922.

Por Alvará do Governador Civil de Braga foi-lhe dada a denominação de

= "Corpo Voluntário de Salvação Publica Barcelinense" =

desde 14 de Maio de 1923

— x x x —

Foi fundado no ano da sua inauguração = 1921. =

— x x x —

A' esquerda a fotografia da casa da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos que tomou a designação de "Quartel de Joaquim José d'Araujo" que foi seu Comandante Geral e fundador desta Corporação.

— x x x —

Bombeiros Voluntários de Barcelinhos = Associação Humanitaria e Beneficente = Fundada em 24 de Junho de 1921 = Filiada na Liga dos Bombeiros Portuguezes = Instituição de Utilidade Publica por Decreto de 20 de Novembro de 1934 = Tem a sua séde - quartel no Largo Guilherme Gomes Fernandes =

— x —

Possue as seguintes Condecorações:
Medalha do Grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerencia;
Medalha em ouro da Camara Municipal de Barcellos;
Medalha em ouro do Gremio do Commercio de Barcellos;
Medalha da 1ª Parada dita Grande Parada dos Bombeiros Portuguezes, no Porto;
Medalha da 2ª Grande Parada dos Bombeiros Portuguezes, em Lisboa; e
Medalha das Festas dos Bombeiros da Provincia do Minho, em Braga.

Tem edificio proprio, aonde está aquartelada e tem todo o seu funcionamento.

= Associação de Socorros Mutuos Barcelonense =

Foi fundada em 1880. (Em 21 de Março de 1880)

× × ×

Tambem teve a denominação de
Real "Associação Humanitaria de Socorros Mutuos Barcelonense".

× × ×

Está situada, funcionando em edificio proprio, na antiga Rua Direita, mais tarde denominada Navarro e hoje Rua Miguel Miranda — em Barcelinhos.

× ×

A Forca de Barcellos

Na Praça de Cima – Largo da Barcelinhos – do lado direito da Estrada que por Alheira vae ás Fontainhas, encontra-se (1928) dentro de uma horta os vestigios de um padrão de triste memoria legado por nossos antepassados.

É o estado de pedra onde era armada a Forca de Barcellos e que a Camara de Barcellos mandou fazer em 1712.

Do lado opposto da mesma Estrada, em outra horta, erguia-se outro padrão, commemorativo de um facto envolto em lenda e á guisa em outra forma aos referidos, conhecido pelo nome de Senhor do Calo.

Vide Pag. 34 vº do II Vol. – 30 vº do mesmo – e 74 do IV Vol. destes Apontamentos.

Constava este ultimo padrão de um quadrado de cantaria de dois degraus, no centro erguia-se um pedestal de pedra onde tinha gravado em relevo a figura de um homem dependurado de uma corda ao pescoço e por baixo outra figura na attitude de o suster com uma mão, figura essa que pelo trajado e cabeça que tem na outra mão parece ser Santo Ivo.

Na face opposta desse pedestal tem em cima de um lado a figura do Sol e do outro a da Lua; no centro a imagem de N. Senhora e por baixo outra que parece ser a de S. Bento.

Em cima do pedestal tinha uma cruz com a imagem do Christo crucificado e entre os pés do Christo e a cabeça do justiçado via-se a figura de um gato e do outro lado, á mesma altura, a figura de um dragão.

Este padrão foi retirado d'aqui e collocado, tal como era, no Museu Archeologico Municipal, nos antigos Paços dos Condes de Barcellos.

Vide Photo, 30 vº do I Volume.

Geral será mais honroso dizer-se:

Barcelos é a Rainha do Cavado

ou

Barcelos é a dona do Cavado?

- Ingerito feito em "O Barcelense" em 1940 e inserido na Lucar "Intra-Muros" — "Reflexos de Sombras" — sob a responsabilidade do colaborador Francisco Cardoso e Silva (Z) _____

_____ x _____

Em 1927 foi Manuel Lamhair ao
lelo um livro sobre Barcelos, intitulado
Resenha "Histórica-Pitoresca-Artística" no qual, refe-
re-se em especial a Barcelos, chama-lhe
de "Dona do Cavado".

Desde então os barcelenses nunca mais foi
nem quieto, pois sempre ouviram chamar
à sua terra, por uns "Princesa do Cavado" e por
muitos, a maior parte, "Rainha do Cavado".

Deu-lhe para a que o autor destes fracos
apontamentos, interviesse n'"O Barcelense" o
seguinte inquérito que, por enviado, copia-
mos para aqui:

Qual será mais honroso dizer-se:
Barcelos é a Rainha do Cavado
ou
Barcelos é a dona do Cavado?

Querendo reunir opiniões de ilustres amigos e
conterraneos meus, sobre o conceito que lhe merece
respeitosamente a cada um sua expressão,
peço ápenas que queiram ter a gentileza
de exprimir o seu parecer, e enviem a es-
ta redação para ser inserido no meu
"Reflexo de Ironias". - Z.

Aceitão, 18-VIII-1940

..... Sr. Ernesto Francisco Cardoso e Silva (Z)
Queira gentilmente dar-me a honra com a publi-
cação da minha opinião sem valor acerca do que lhe
se relativamente ás expressões: Barcelos é a rainha do
Cavado ou Barcelos é a dona do Cavado; agradecendo a de-
ferencia imerecida com que V... me distingue, digo na
minha opinião, que prefiro a expressão Barcelos é a
rainha do Cavado.

Barcelos não é a dona do Cavado.

Para que a fase, neste conceito fidalgo e li-

trário em que se usa ou pode usar a expressão, seria necessário que o rio Cavado se contivesse, totalmente, nos limites territoriais de Barcelos, e que se não dá; pois sendo assim, o Cavado pertence a vários concelhos e freguesias e, tão legitimamente como Barcelos, podem reivindicar a sua posse, como donas, as vilas de Fontaínhas, Vila Verde e Esposende.

Creio, mesmo, que sob o ponto de vista jurídico, Barcelos não é, agora ao menos, dona do trigo do Cavado que atravessa a área do concelho: os rios, salvo erro, pertencem ao Estado — e de a Câmara Municipal representar Barcelos, é que quer representação dos serviços fazendários que representa o Cavado; e, como Barcelos (Câmara) não é superiora hierarquica da dita representação hidrautica, também se não pode arrogar o domínio do Cavado.

Ora ser dono duma coisa que não nos pertence não é título que nos interesse; e se Barcelos se revestisse desse título, arriscava-se a ser desapossada dele na praça, porque, quem o alheio veste, na praça o despe.

Se Barcelos não é dona do Cavado, resta-lhe a alternativa de ser Rainha do Cavado.

Se-lo-á?

Fora do conceito jurídico de termo rainha, desta coisa se pode indicar que a entidade, humana ou moral, que o adopte, reune com agrado, lativo absoluto das qualidades especificas do objecto de que de conjunto a que pertence.

Se uma rapariga é a Rainha da Beleza d'um concurso, quer isto dizer que entre as restantes concorrentes (conjunto em classe), reuniu ela o superlativo absoluto, a maximo das

qualidades que os tornavam belos, a todos, da mesma forma, se uma rapariga é a rainha das Cabulas, é porque entre todas as almas cabulas d'uma escola ela reune o maximo de qualidades que caracterizam a cabulice.

Claro está que a expressão rainha só se usa no sentido figurativo quando esta é expressa; tal é o caso da rainha das Cábulas; mas sem qualificativo figurativo toma-se sempre no sentido.

Na mesma escola, quando digo que tal rapariga é a rainha da sala, quer dizer que é a aluna mais distinta, embora outra aluna possa ter realeza das cábulas.

Porisso, quando se diz que Viana é a rainha do Lima, Coimbra a rainha do Mondego e Setubal a rainha do Sado, quer isso dizer que entre todas as povoações ribeirinhas de cada um destes rios, Viana, Coimbra e Setubal reunem o maximo de qualidades superiores que caracterizam as povoações ribeirinhas.

Porisso, parece-me mais correcta e mais certa a expressão — Barcelos é a rainha do Cavado.

Nos temos que acabo de escrever, entre as povoações ribeirinhas do Cavado, deve Barcelos ter um conjunto de qualidades superiores e elevadas superior ao que as restantes povoações podem apresentar.

Assim, em urbanismo, comercio, instrução, nivel social, vida cultural e moral, Barcelos tem, sem favor, inconstestavel primasia sobre os restantes centros ribeirinhos do Cavado.

Mas não basta.

Não basta porque o conceito vulgar de

rainha de paisagem viva é a posse dum conjunto de qualidades estéticas especiais relacionadas com o rio.

Barcelos possue-o: o rio não é estático como o pato nem acidentado como torrente, mas baço como ria ou lagoa; portanto, não lhe convém o adjectivo: é rio.

A paisagem não é dominada pela magestade de serranias, nem de esvae a fundo da vista, pela monotonia de gandaras ou margens; é o vale escavado pelo rio, agente activo que modelou a paisagem e veio a ser de água que, medrosa, foge das montanhas em hesitante divaga pelas planícies.

A vegetação é, bem a orla de arvores que marginam os rios, choupos, vimeiros, não sei se salgueiros e outras espécies; não é o pinheiro ou carvalho das regiões acidentadas do relêvo, nem a mimosa e a tamargueira luxuria dos países de climas marginais nas zonas planas, nem, tão pouco, a tabua, a espadana ou a pinas das valas.

Tem obras de arte relacionadas com o rio, basta olhar o cabeçalho do hospitaleiro jornal "O Barcelense": a ponte histórica e bela fonte, os palacios, a agulha, os caes, tudo, emfim, quanto significa aproveitamento da água fluvial como força motriz ou elemento de regimen climatérico, como estrada ou elemento de transporte ou tudo quanto significa tempo de higiene humana ou de detalhes naturais: a fonte.

E, agora, nota que falta, no elemento ilustrativo do cabeçalho de "O Barcelense", um laivo.

Mas, perdoe-se-lhe a falta pela intenção altamente regionalista do desenho de G.

Torres.

Ah este superior conjunto de qualidades estéticas e as mais que enumerei, entendo que Barcellos é a Rainha do Cavado.

Sei que, talvez, não satisfaça a expectativa de V.. ao dar-me a honra de me solicitar a minha opinião.

Dizer-lhe peço mil perdões.

Se entender que deve publicar esta carta, pode V.. faze-lo livremente e tem plena liberdade de lhe alterar o que entender, desde que não transtorne o seu sentido.

Agradecendo, muito penhoradamente, a captivante penhlega de V.. e pensando os meus fracos e limitados meritos, sou de V..

(a) Fernando Falcão Machado

=Barcellos é a Rainha do Cavado.

11-8-940 (a) Manuel Maria Fernandes de Sousa

=Barcellos tem por direito a honra de ser a Rainha do Cavado.=

A rio Cavado nascendo na encosta da serra do Larouco, em Traz-os-Montes, precipita-se ao vale, onde banha as vilas de Montalegre e Esposende e a cidade de Barcellos.

Separa o concelho de Vieira do de Amares e Terras do Bouro e o de Braga do de Vila Verde.

×

Não duas vilas e uma só cidade
Tem todas três o Cavado embelega,
Existindo entre si diversidade
No comercio, na industria e na riqueza;
E as aguas que correm cristalinas,
Regam seus campos, prados e boninas

×

Mentalegre ora terra barrosã
Que do Lameiro traz o sabroso,
Cabendo à Trasmontana regiã
Duma oraional clima, ora sadio;
As mãos erguidas para o céu levanta
Por ser do Cavado a serrana Infanta.

Esplende, a oraruja, à beira-mar
Do litoral do minho encantador,
Nos seus barcos de vela vae pescar
E regressa contente o pescador;
Tem atractivos, graça e tem belleza
Por ser da foz do Cavado a Princeza.

Mas esta minha terra sempre linda
Á beira do seu rio de cristal,
É mais do que elas, emfim mais ainda,
Pela historia e valor comercial;
Berço de heroes, de santos, Patria minha
O' Barcellos do Cavado a Rainha!

B. A. 14-VIII-940 (a) Bento Antas da Cruz

Fafe 20/8/940

Meu distinto Camarada:

Saudações!

Perdoe aos meus atrazos involuntarios, só hoje pude responder á estimada carta de V.. datada de 15 do corrente mez.

É com a maior prazer que lhe emprio a minha humilima opinião sobre a pergunta da sua interessante secção de "O Barcellense", "Entre-Nós":
— Qual será mais honroso dizer-se: "Barcellos é a rainha do Cavado ou Barcellos é a dona do Cavado?"

Aqui fica a expressão sincera.
Literariamente, o termo é mais sugestivo.

Este acento digno, melhor a razão justificativa da opinião – posto que haja a derrota Bloem via fraca com a força literaria...

Rainha, sim – disse da sua beleza, dos seus amados mysterios, a tecer-se n'esse estio, de rosas e encantos, onde podiam deslisar gondolas de oiro...

A Cavado, que murmura ante ella, suaves e harmoniosas endechas e trovas de amor, quando a rei estava n'ella de repleta, é mais doce e affectuosamente quando a sua Rainha – Barcellos – se espelha, fascinante, nas aguas cristallinas.

Eis a minha opinião humilde e despretenciosa.

É' provavel que não falte quem apresente opinião antagonica, justificando-a mais fortemente.

A minha está exclarecida, embora em synthese.

Creia na consideração leal do sincero admirador

(a) João de Souza Machado

= Barcellos e o Rio Cavado =

Tivera eu talento, ó velho Rio!
Para fazer-te um hymno, teus reclamos
E aos heroicos, aos bravos lusitanos
Que aos pés de ti ganharam honra e brio;

E as mil belezas dum logar sombrio
Nas tuas margens de frondosos ramos:
– A' sombra delas, abrigar-nos vamos
Do grande ardor do sol em pleno estio.

Os elogios que um grande engenho teça
À volta d'uma coisa bem mesquinha,
Tudo, tudo daria que te engrandeça!...

E á fidalga Barcelos, tua visinha,
Seria c'roa de louros na cabeça
E ficaria p'ra sempre de ti rainha!

Leiria 20 de Agosto de 1940 (a) Miguel Araújo

Amigo e Snr. Tenente:

Na minha opinião a palavra rainha encerra a idéia de posse. Senhora, dona, mandatária.
Barcelos deve ser a rainha do Cavado, por nenhuma outra povoação a exceder em belezas naturais, nem na grandeza do seu passado, porque nenhuma outra terra como Barcelos é banhada pelo nosso formoso rio.

16-8-940 (a) Placido Lameira

Meu Bdº Amigo:

A carta de V.. veio encontrar-me acabrunhado na Povoa de Varzim, onde tinha estado com a familia.

Por este facto, só posso dizer-lhe neste momento que as expressões "Barcelos Rainha do Cávado" e "Barcelos Dona do Cavado" satisfazem ambas o meu apaixonado bairrismo e ambas as envio honrosas para a nossa muito amada terrinha.

Depois, se Deus me deixar, direi das minhas impressões sobre a interessante secção "Intra-Muros" que V... tem sustentado em "O Barcelense."

Seu de V..

(a) João Carlos Coelho da Cruz

Povoa de Varzim
17-8-940

= Hino a Barcellos =

Ó cidade altaneira portugueza
dona de velhos paços solares,
quem poderá cantar tua belleza
ou tradu-zi-la em limpidos cantares?

Nos teus encantos a alma fica presa!
Ha lá céu mais azul!? Mais puros ares!?
Mais frescos arvoredos!? Que riqueza
de horizontes! Que poentes singulares!

Onde tem claro sol, doce paisagem,
ri mais sonhador, que, em vassalagem,
se prostra todo a teus divinos pés?

Ó visão irreal, deslumbradora!
Chamam-te flor do Cavado ou senhora!
rainha eu te chamo! Rainha é que tu és!

Agosto de 1940 (a) Matias Lima

× ×

= Dona ou Rainha? =

Tem sido amavel e dando-me uma honra que não mereço, o Snr. Candido e Lima pede a minha humilde opinião sobre a sua conquista, "Qual será mais honroso diga-me": "Barcellos é a rainha do Cávado ou Barcellos é a dona do Cávado?"

Peço desculpa se não corresponder na opinião que passo a dar, mas outra melhor não posso nem a tanto chegam os meus modestos conhecimentos.

Rainha do Cávado, porque é ela a mais im-

portante de todas as terras a que este Senhor dá, na sua longa peregrinação, vai render preito.
Dona, disse com o mainardo, disse com o mainardo, não se apostrofa com tanta propriedade, salvo melhor opinião, a ideia que se pretende traduzir.
No primeiro caso, quereria-se dar a Barcelos a prerrogativa dum título honorífico, então concessão régia às damas de alta linhagem, mas assim apenas se lhe conferia um privilégio de nobreza e não a base de excepção a que tem jus pela sua posição hierárquica, visto que esse título honorífico pode ser conferido a todas as damas que a municipalidade entendesse merecê-lo.
No segundo caso, haveria a errada pretensão de se atribuir a Barcelos foros de senhorio de toda a extensão do Cávado e única portanto a receber a sua vassalagem.
Barcelos pode honrar-se com o seu Cávado, como o Cávado se pode orgulhar por beijar esta cidade de nobres tradições, de galharda fidalguia, de valor agrícola e comercial de certa importância, de belezas naturais quase incomparáveis, num conjunto de valores que a elevam a considerar-se uma das mais lindas e nobres cidades de Portugal.
Rainha sim, porque é a primeira em valor intrínseco.
Quem percorrer o Cávado desde a serra do Larouco até cá à foz, notará uma transformação de encanto ao aproximar-se desta cidade donairosa e feiticeira e prender-se-á enlevado e embevecido, tal a fascinação do lugar que as margens apresentam.

É sem duvida, sem bisnfã nem vaidade a Rainha, porque nenhuma se lhe compara.

Barcelos precisa somente que a sua edilidade saiba tirar partido do bem que a Natureza a dotou, embelezando com avenidas e ruas novas e limpas o acesso ao rio.

Os barcelenses pecam pela inercia e, de alguns homens bem intencionados e de iniciativa se arrojem, logo a maior numero critica, fazendo desmoronar todo o ensejo de qualquer obra.

Veja-se a Fangueira, as Calcadas do Bispo, etc. Como seria bela se, em logar de mansardas miseraveis que se debruçam em amphitheatro sobre o rio, existissem avenidas amplas e arejadas, mostrando ao Turista um dos mais lindos panoramas que lhe seria dado contemplar!

De assim mesmo se pode corar a cidade de Barcellos de Rainha do Cávado, com melhoramentos á beira rio, ornar-se-ia com diadema de ametistas, como consagrar uma rainha de verdadeira Rainha.

(a) A. Reis

× ×

Povoa de Varzim 31-8-40

... Snr. Tenente Cardoso e Silva

Cumprimentos.

Recebi a sua presada carta de 22, a que só agora respondo por causa dos muitos trabalhos; desculpe-me.

Ao ler a sua apreciada crónica "Entre-Linhas", no estimado Barcelense, pensei logo em escrever-lhe, mas depois esqueci-me d'esse dever.

Quanto a Barcellos ser dona ou rainha do Cávado, direi que a Corôa pode ser princesa.

Dona é, de facto, Soberana, podendo tambem

de rainha; mas dona tem diversos significados e rainha parece mais expressivo.

É esta a minha opinião, humilde e desvaliosa, por sinal!

Sendo Barcelos a terra mais enteressada das margens do Cávado, está certo que dele seja a rainha, como Viana será a Rainha do Lima e Ponte de Lima a Princesa, não é verdade?

Sem mais mande dispor a que é, com muita consideração e estima por V. Ex.ª é sua Rainha do Cavado, a

Cavado e Obrigado

(a) Batista de Lima

Mais uma opinião

Barcelos é a Rainha do Cavado, porque é a povoação mais distinta e nobre entre todas as situadas nas margens do poético rio.

Barcelos também tem Dom, é a Dona do Cavado, dama nobre e elegante, que, debruçada sobre os seus verdes muros cada vez mais beija com os do Cavado, de cujo consorcio resulta uma formosa paisagem compreendente.

Este Dom é título nobiliarquico e galante, porém opto pela designação Rainha.

(a) José Cumbente de Tania

Lapela, 30-8-940

... Snr. Francisco Cardoso e Silva (2)

Pergunta em "O Barcelense" de 24 de Agosto de 1940, nº 1534 no seu "Entre-Rios": Barcelos é a Rainha do Cavado ou Barcelos é a dona do Cavado?

Para mim é mais honroso quando

ouço alguem falar da minha terra: Barcellos é a Rainha do Cavado.

Esta minha opinião é apoiada nas grandes massas de visitantes ilustres á nossa linda terra e ainda pelas grandiosas homenagens feitas por muitos e academicos a quando da passagem e excursões a Barcellos, ouvindo-se de todos eles (como homenagem ao nosso academismo) dizer: - Barcellos é a Rainha do Cavado.

Desde que me conheço nunca ouvi considerar Barcellos por outro titulo.

A minha opinião é que Barcellos é a rainha do Cavado.

Leia-me a minha pagina

(a) Germano Paes de Faria

Rainha do Cavado

Rainha significa tanto quanto traduz a palavra pela sua excelencia é pela bondade da propria Nossa Senhora, a Qual representa a Mãe das Mães e é bendita entre todas as mulheres.

Se a natureza é obra do Altissimo Creador nada pode mau dum e Cavado, bellissimo por todos os seus aspectos, deixam de ser excelente, bendito de ter excelsa Rainha.

Nossa Senhora é a Rainha dos Ceus, do Ar, da Terra e dos Mares, de Portugal, Terra de Santa Maria.

D. Nuno é Frei Beato Nuno de Santa Maria. Barcellos é um titulo, de todos os modos nobilissimo do setimo Conde de Barcellos.

Sendo D. Nuno de Santa Maria nada significa o proprio Deus grande amor prova com Nossa Senhora? Mãe é a Religião e amor e a bondade

de todos aqueles que mantêem a tradição das alminhas e o amor pela Rainha?

A palavra dona - dignifica Senhora, Senhora quando tradus a Bejiar.

O dignificado tem de ser mais elevado e pôde ser dedicada.

Cantêmos a nossa linda canção, feita de entusiasta agradecimento e de confiança para a Padeira Celeste, à Nossa Senhora, Rainha do Cavado.

Barcelos é a Terra de Deus abençoada pela Mãe das Mães.

Eis o que significa a palavra Rainha.

Humildemente vou à Nossa Senhora pelo engrandecimento da nobilíssima Bejiar para que, ajudada a Bençam à maravilhosa fé de alma de Maria.

Quem amboça a Cruz de Barcelos como mais a esplende! Terra de Saudade.

(a) D. Alberto Moura

Meu... Camarada!

Perdoe não ter respondido ao seu atencioso convite, mas a afluência dos serviços gerais e particulares, de que fui de sempre-me após o meu regresso desse Minho tão cheio de encanto e beleza, só agora, me permitiram pensar na resposta ao impulso de V...

Desnecessário, será esplanar-me em considerações, pois o assunto já foi tratado superiormente, pelas altas vozes do simpático "Barcelense".

Concordo com a interessante resposta do meu amigo e distinto amador Dr. Fernando Salomão Machado, e como ele, entendo que a cidade de Barcelos é a Rainha do Cavado.

E é-o, por direito próprio.

A luxuriante vegetação que a embeleza, o encanto dos seus monumentos, e rica historia do seu passado, bastam para a consagrar e lhe dar o justo título de Rainha.

Sem mais, com as cordeaes saudações,
subscreve-me de V...
Att.ª Vr.ª e Adm.ª Obg.ª

Fz. 10-9-940

(a) Jorge das Neves Carolino

"De fundo e violento Minho, Barcellos merece ser considerada, uma flor, como rainha e Senhora do mais lindo rincão.

Abençoada d'arteza de uma região, infinitamente formosa, atraente, rica de encantadoras paisagens, a cidade domina o Cavado, a rir de margens de veludo, debruadas pelo verde sombrio das grandes massas de arvores, e rio pitoresco, entalado, aqui e ali, pelos seus deis, onde fundearam, actualmente, as caravelas típicas das suas aguas mansas e murmurantes."

. . . . . .

Barcellos, 10-9-925

(a) Luiz Martins

(Publicação feita em "O Primeiro de Janeiro" sob a epigrafe "De Barcellos e sua região".

.... Mas isto de ir a Barcellos, nesta época do calendario, sem fazer de quem não conhece a pitoresca e nobre cidade minhota — vila típica, banhada pelo rainha do Cavado — . . . . . .

(Do livro "Homens, Santos e Pecadores", de Lopes Costa).

Dona ou Rainha?

Em "O Barcellense" fez o Snr. L. Lima, ha tempos, a pergunta: "Qual será mais honroso dizer-se: Barcellos é a rainha do Cavado ou Barcellos é a dona do Cavado?".

Os inquiridos, como era de esperar, responderam varias frases, umas bastante curtas e demasiado sintetizadas a darem a sua opinião, outras — no minimo das quais nos contamos — menos e com ajuda conjunta de conhecimentos necessarios a uma resposta formal, categorica e convincente.

As respostas, na sua quasi totalidade, foram: é mais honroso dizer - a Barcelos é a Rainha do Cavado.

No jornal "Noticias de Barcelos", a autora M. V. apressou a adoptar que era mais honroso dizer-se: Barcelos é a Dona do Cavado com D maiusculo.

— Consideramos a Snr. M. V. pessoa mais sintonizada do que nós para emitir tal opinião; todavia, neste caso, julgamos laborar em erro.

1.º, Dona pode significar senhora, possuidora, proprietaria.

Ora Barcelos não é a dona do Cavado, como muito bem o pensou, na sua resposta, o jovem dr. Fernando Falcão Machado e outros.

Os rios não pertencem a esta ou àquela cidade, concelho ou freguesia; pertencem ao Estado.

2.º, Dona é título honorifico quando antecede um nome proprio, que se escreve Dona (por extenso) ou simplesmente D. (D maiusculo com um ponto a direita).

Como tal não pode ser admitida neste caso, pois dever-se-ia dizer Dona Barcelos e nunca Barcelos é a Dona do Cavado — expressões diferentes.

3.º — Dona tambem é sinonimo de dama, senhora de nobreza, que tem direito a usar o título honorifico "Dona".

Com esta significação foi usada muitos tempos, mas ainda em desuso, e portanto, é desaconselhada hoje em dia.

Como supomos que é com este significado que a Snr. N. S. adorna a causa de se poder chamar Baronesa Dona do Cavado, vamos dar mais os seguintes esclarecimentos:

Por mais extenso que seja o nosso vocabulario, não possue tantas palavras quantas as suas materiaes e ideias abstractas existentes.

Daí veio a necessidade de attribuir ao mesmo vocabulo differentes significações, o que equivale á creação de muitas palavras.

Quando a um termo já existente na nossa lingua se dá nova significação é o mesmo que ter creado uma palavra nova e chama-se a este facto neologismo de significação.

Se, pois contiver uma significação das que a palavra tem cae em desuso, embora continue a usar-se nas outras accepções, este facto corresponde á eliminação de uma palavra e chama-se arcaismo.

Desde que uma palavra ou significação cae em desuso é considerado êrro usa-la.

Este facto dá-se com a palavra dona, e, portanto, só impropriamente se poderia chamar a Baronesa Dona do Cavado.

Citamos uns versos do Sr. Antonio de Fontaine, tirados do Auto dos Passos da Paixão, em que se vê a palavra "dona" com este significado:

"Mas este mortal desmaio
"Tem cortado o coração
"De tanta forçosa paixão;
"Gente se quer amblas cáio
"Esmorecida no chão.
"Oh donas encaminhae

"Está mais triste das tristes;
"Se meus males cá enviastes,
"Dizei-me por onde vae
"O meu filho, se o vistes?

Com facilidade poderiamos apresentar muitos trechos de escritores do seculo XVII e XVIII em que a palavra "dona" (ou donas) apparece tomada em mesmo sentido, e que já não acontece ao ler os escritores contemporaneos.

A outra prova de que "dona" significando senhora subsiste, é um arcaismo é que todas as pessoas que responderam ao inquerito mencionado a tomam nesse sentido.

Chamar hoje a Barcos Dona de Canedo é querer ressuscitar o significado duma termo que só á historia compete registar.

= Dona com D maiusculo e dona com d minusculo =

Escrever-se Dona com D maiusculo ou dona com d minusculo nada prova a que se pretende, pois as duas formas podem ser admitidas, quer "dona" signifique nobre quer indique nobreza.

Se dissermos:- Barcos é a dona (ou a rainha) de Canedo - podemos escrever dona com "d" e rainha com "r" sem receio de errar.

Se dissermos:- Saimos hoje da Dona de Canedo e chegaremos amanhã á Rainha de Leça - temos de escrever Dona e Rainha, respectivamente com D e R maiusculos, para escrever certo.

Quando dizemos:- Em nossa casa temos uma cadella chamada Dóminha, temos de escrever Dóminha com D maiusculo e por-

ca isso, não nos preocupamos com a alta estirpe ou nobreza da cadela, nem tão pouco com a de pequeno animal "abóbinha".

O que obriga a escrever as palavras com a letra inicial maiúscula não é significarem coisas grandiosas ou ideias elevadas, mas sim designarem individualmente uma pessoa, um animal ou uma coisa – tal como a nos aprendemos nas primeiras lições de gramática, quando frequentamos a escola primária pela.

Poderíamos prolongar um pouco este assunto, traçando pessoas, não só leis de formação dos estilos e das posições sociais, de uma outra razão qualquer, exemplo: – Capitão Fulano de tal e Cabo ou soldado Fulano, Padre Cicrano ou qualquer coisa e Sacristão Cicrano, Servo da Lampreia Beltrano, e simplesmente operário ou ajudante Beltrano, assim como escrever indistintamente Rio Tejo ou rio Tejo, Serra da Estrela ou serra da Estrela, Mar Mediterrâneo ou mar Mediterrâneo, Janeiro ou janeiro, Primavera ou primavera, Terra ou terra, Lua ou lua – mas como isso seria aborrecido e não nos permite o espaço de que dispomos, ficamos mesmo por aqui...

Quem uma montanha e não sair um ratinho nem um elefante; basta o que era justo que dizia.

Barreiro, dora-avante, ficará a chamar-se

a Rainha do Cavado

e não

a Dona do Cavado

(a) Simplício

× × ×

A Citania da Franqueira

(Ora "Franqueira", de Antero de Faria – 1947)

Ruinas da Citania (Lado nascente)

"Na encosta voltada ao poente, de cabeço onde assentam as ruinas do ilustre Abade de Tamel descobrem-se os restos de uma vasta povoação que floresceu em eras remotas.

Na primavera de 1932, quando se procedia a escavações na parte exterior da segunda cintura muralhada do Castro, foram postas a descoberto partes das ruinas de uma grande povoação pré-histórica.

Cuidadosa e proficientemente orientados os trabalhos de escavação, muito curioso espólio ceramo-lítico, objectos de ferro, bronze e moedas encontradas, como muitos restos de remotíssimas habitações que iam surgindo, fizeram avençar que o outeiro onde tradicionalmente se eleva o Castelo da Franqueira, havia sido, há milénios, ocupado por uma extensa povoação fortificada, donde mais tarde haveria de brotar o seu Castrum romano e, por último, na reconquista cristã pós-moura, ali se alevantou o Castelo que até 1373 dominou o Vale do Cavado.

Esta povoação primitiva, ainda muito sumàriamente explorada, parece ocupar uma vasta área e, pelas características que apresenta, pertence ao tipo citaniense predominante, entre nós, nas proximidades de Leste Braga e Trás-os-Montes.

Assenta a Citania em uma larga

Jazem de terreno que se estende em declive, no sentido E-O, para se unirem em aspero pendor, alcantilado e inacessivel. Em toda esta zona se descobrem alicerces de construções primitivas e pequenas muralhas, em ruinas, em vestigios de ligação.

Uma forte muralha, duplamente ogivada, em reentrancias acentuadas, defende o acesso á esplanada interior e divide a povoação.

Dentro da muralha, voltado ao poente, em vasta talude sustenta as terras do plateau superior e assenta em uma pequena praça empedrada.

No centro desta praça, interessante e curiosa, observam-se os restos de uma cava circular, e do talude saliente de uma pedra vasada, com cêrca de um metro diametro, possivelmente utilizada como tulha de pão.

Posteriormente, em 1936, na zona voltada ao nascente, em a prosseguimento das escavações, foram postos a descoberto muros de habitações, com vestibulo, outras rectangulares com cantos arredondados e pequenas ruelas pavimentadas atingindo, por vezes, três metros de largura.

Na zona occidental, de maior area, ainda por explorar e talvez mais rica em ruinas de habitações, encontram-se apreciaveis restos de casas de aparelho primitivo (opus insertum).

Vide documentação em fim de paginação a pag. 75 deste Volume.

= A Franqueira =

Rica de tradições, a Franqueira, é um dos mais formosos pontos de vista que temos em Minho.

Ascender a cume da fabulosa serra toda em cor limpida das belas manhãs de estio, é oferecer aos olhos um deslumbrantíssimo panorama que se distende ao redor da montanha n'um novelinho de encantos que a natureza estadeia, festiva e estonteante.

A serra e o vale; o mar e o rio; a viña e a aldeia; a povoação e o descampado; tudo se desdobra, ridente, na vasta imensidade que um horizonte finissimo limita.

Uma infinidade de contrastes, disputando-se a primor das suas belezas, confundem-se n'uma harmonia delicada.

E onde vejo as penhas abrasadas e a alegre mudança da pura neve; a nota triste do terreno escampado, áspero e impenetrável, e a suave policromia juvenil da fonte e vicejante de minos; a franca mancha d'agreste arvoredo irregular e a delicadeza perfumada das murtas e canas; a violação da poesia, toda ela de flores e ensombrada de arvoredo virideante que recorta no espaço as suas grandes capriciosas, e deserto de fisionomia escalvada e árida, a terra árida e o sereno azul da ampla infinita e a festa deliciante do formoso de encantos que a natureza estadeia, festiva e estonteante.

Maravilhosamente sublime e esplendoroso espectaculo que se disfruta junto da Ermida!

A Franqueira, pela sua esplendida topografia, está inegavelmente talhada para uma formosissima estancia de verão.

A natureza mostra-se com as suas faces mais horrorosas, é mister que os homens a saibam aformosear.

× × ×

= Estrada para a Granjinha =
= Traçado pela Freguesia de Penha =

("O Comercio de Barcellos" de 20 de Fevereiro de 1898)

Por informação do engº Sr. M. Fª Ramires, em sessão Extraordinaria da Camara Municipal em fins de 1897 foi resolvido que resolvesse a Camara mandar construir um lanço de estrada até á Ermida de Nossa Senhora da Granjinha, com obra d'arte de cinco mais pessoas do nosso Termo, que está extremamente afragosa, sendo esta informação aprovada por unanimidade.

— Já por ha tempos nos informaram sobre a existencia da construcção da estrada que, partindo de logar de Marcos, da Freguesia de Barcellinhos, passa pela Freguesia de Carvalhal e se dirige ao alto do Monte da Granjinha pretendeu-se dar noticia que a Camara estava para dar accesso ao Monte da Granjinha, que foi estudada e ainda se encontra por empreender foi da iniciativa do Exmo Snr. Manoel Rodrigues Alves de Fª Ramires quando engº da camara Municipal da occasião da reconstrucção da nossa Camara, em 1908, tendo de fazer a traçado e respectivo corte desde a estrada que passa na Freguesia de Alheira seguindo esta até a Egreja da Freguesia de Penha d'Egoi, sempre na encosta do monte, indo terminar junto á Ermida de Nossa Senhora da Granjinha.

Por virtude da informação apresentada em sessão e aprovada pela Camara é feita "O Comercio de Barcellos" copia fielmente de 4 de Abril de 1908 dá isso de que se trata.

× × ×

× (Vide pag. 148 v°. deste Volume)

O Monte da Franqueira

Indica-se em cadeia distante o Monte da Franqueira, um dos mais belos panoramas da região, da montanha ao mar, em cuja contemplação a vista se perde deliciada, passeio que deve ser parte indispensavel da visita turistica a Barcellos.

Este monte tem de altitude 298 metros acima do nivel do mar.

O Monte da Franqueira fica situado a sudoeste de Barcellos, e distante desta cidade sete kilometros. Pela estrada nacional nº 6 (que liga Barcellos á Porta do Vasqueiro) pode o visitante seguir até ao logar de Franqueiros, da freguesia de Barcellinhos, e tomar, á esquerda, a estrada camarinha que ali entronca e segue para S. Paio de Antealtares, até ao sopé do Monte e d'ali ao cume da Franqueira.

O Monte da Franqueira

O Monte da Franqueira em cuja crista se levanta a ermida, descortina para este, a immensidade do grande oceano atlantico a muitas centenas de distancia; avista as cidades de Esposende, Povoa e Vila do Conde e enxerga, mesmo a olho nú, as duas torres da Sé, da cidade do Porto, e a praia para este lado, alcançando os cêrros da Gêa, até diffrontar com as montanhas da visinha Espanha que para este lado tambem se divisa.

É um horisonte vastissimo e

que se percorre, mostrando-nos Barcellos assente á beira Cavado, espreguiçando-se na sua formosa bacia, toda engrinaldada pelos seus campos de costeiros milheiraes, com bordaduras de arvores de varias especies, onde se debruçava a vinha com toda a sua opulencia de vegetação. ——

(Vidé "Folha da Manhã", nº 472 de 15 d'agosto de 1888).

~~~~ x ~~~~

O lugar do Paço, da freguesia de Carvalhal — Sopé do Monte da Franqueira, tem de altitude 68 metros. —

~~ x ~~

Ermida da Senhora da Franqueira = A Virgem da Franqueira, cuja capela primitiva parece haver sido mandada construir por Egas Moniz, é a S.ta padroeira dos povos desta região (freguesias limitrofes), que veneram fervorosamente a sua imagem divina. Aquele templo, alcandorado no Monte "Sapado" que domina a freguesia de Milhazes, é farol votivo de mareantes e o santuario milagroso dos que mouréjam nas terras das cercanias. E é tambem o "barometro" para os habitantes d'aquelas aldeiasitas, que, ao divisarem uma certa nevoa flutuando sobre a Capela da Virgem, logo se convencem de que fará bom tempo, ainda que nesse instante se abrissem sobre a povoação as catadupas duma chuva torrencial. Quando essa nevoa aparece, os de Milhazes, comentam, alegre e espirituosamente: "A Senhora está a cosinhar". E logo todos se preparam para um dia de intenso trabalho ao ar livre, na certeza antecipada de que o mau tempo já passou. Esta previsão atmosferica é reputada infalivel e serve para orientar a actividade das fainas agricolas. São pobres, mas alegres e felizes. Tristezas não pagam dividas e "Cantar e dançar não ofende a Deus Nosso Senhor". Ainda ha pouco nos dizia o velhote João de Barros, que em tempos de rapaz foi um dos mais afamados bailarinos d'aquela região (Milhazes). — Estou casado e sou pae de muitos filhos; mas ainda agora, meu fidalgo, quando ouço tocar bem uma "armonica", sinto os ossos a estalarem-me, com vontade de dançar...

(Do "O Barcelense").

~~~~ x ~~~~

Ermida de Nª Sª da Franqueira

Num dos pontos mais altos e mais pitorescos de Barcelos, a pequena distancia da séde da cidade e no sitio caro da Franqueira fica esta modesta e simples Ermida que ainda recebe de cerca peticos. N'este monte se

Esta gravura foi tirada da parte de dentro do atrio da Casa da Romaria de Nª Sª da Franqueira.

× × ×

A gravura que apresentamos a seguir, mostra-nos a estatua a Nª Sª e lindissima vista panoramica do Monte da Franqueira virada ao mar.

encontram como a recordar-nos datas inapagaveis do Convento da Franqueira e as vetustas ruinas do célebre Castelo de Faria que rememoram o feito de Alcaide, pagina brilhante da historia nacional, "castelo real da idade media e antiga alcaçar das eras dos reis de Leão".

A gesta glorioza de Alcaide de Faria que apregoa

Historica Ermida e Monumento de Nossa Senhora da Franqueira

A fotografia da esquerda mostra-nos a Ermida de N.ª S.ª da Franqueira e da estatua da Virgem antes dos trabalhos que se teem procedido para o embelezamento deste lindissimo local.

Outra fotografia da Ermida e do Monumento á Virgem da Franqueira, antes de se principiarem com as obras do embelezamento do Monte.

A fotografia da direita mostra-nos a face da Ermida de N.ª S.ª da Franqueira, voltada para a Nova Casa da Colonia situada no cimo do Monte, antes do seu exterior restauro.

Capella da Franqueira

Capela Mór da historica Ermida de Nossa Senhora da Franqueira,

A Irmandade da esquerda mostra-nos a Capela-Mór e arco cruzeiro da Ermida de N.ª S.ª da Franqueira, antes dos trabalhos de seu restauro.

Em 4 de Setembro de 1710, lançou-se a 1.ª pedra a Capela que representa os Passos de Jesus no Horto e que é a 1.ª Capela que está na subida para o Monte.

Capelas e arcadouro para o Convento e Igreja do Senhor do Monte da Vida no Cabo do Monte da Franqueira

BARCELOS – Capela da Senhora da Franqueira

A Irmandade da esquerda mostra-nos a Capela-Mór e arco Cruzeiro da Ermida de N.ª S.ª da Franqueira, depois de todos os trabalhos de restauro que, os competentes, fizeram para que Barcelos ostentasse alguma coisa de bom.

A VIRGEM

NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA

Venera-se no Alto do Monte da Franqueira, a Sudoeste e a 5 quilómetros da mui nobre e antiqüíssima vila de Barcelos, hoje cidade, – **a Raínha do Cávado,** – numa histórica Ermida, de cujo local se disfruta o melhor e o mais surpreendente panorama minhoto.

Atribue-se a fundação desta Ermida a Egas Moniz, Aio de D. Afonso Henriques 1.º Rei de Portugal, quando êste ainda infante assistia no glorioso Castelo de Faria (1127), muito antes da nossa nacionalidade.

Setembro, de 1941.

F. Cardoso e Silva
Tenente

A Imagem da esquerda é de Nossa Senhora da Franqueira que se venera na sua ermida no Alto do Monte da sua evocação.

Estes postaes foram distribuidos por ocasião da peregrinação que o Rei Fortaleza de Barcellos fez em Setembro de 1941.

da distancia a que vae, tendo em a virtude de todos inspiral-a, e que essas melhissimas lembranças e estudam, merece bem o respeito religioso e a visita reanimadora de todos os portuguezes.

O panorama que daquelle alto se divisa é surprendente e uma belleza inegualavel.

="Cabeça Mór da Ermida da Lampaia"=

Diz a tradição que foi mandada construir por Egas Moniz, estando com D. Affonso Henriques em casa de Faria.

O que tem de mais notavel além da sua architectura, evidentemente do seculo XII, é uma mesa de pedra, que serve de altar.

Pertencia ao alcaide governador de Couta Salat-ibn-Salat e Tavarra a 8º conde de Barcellos, D. Affonso, quando repelliu da conquista d'aquella cidade em 1414.

× × × ×

No dia 7 de Março de 1941. pelas 6½ horas da tarde, uma faisca deitou abaixo parte da torre dos sinos da Ermida de Nossa Senhora da Lampaia.

× × ×

Em Dezembro de 1916, caiu uma faisca na torre da Ermida da Lampaia tendo-a damificado em seguida a Capella.

× × ×

A' esquerda a "Egreja do Convento dos Frades" da Lampaia ("Senhor da Fonte da Vida")

× × ×

Um grupo de romeiras a caminho de N. S.ª da Franqueira

— x x x —

Ao lado esquerdo o Monumento a Nossa Senhora da Franqueira erigido ali por oferta do Snr. Joaõ Gomes da Pena da Freguesia de Meilhoaes, deste concelho, ~~estão~~ residente no Brazil, mas presente ao acto da inauguração. Foi inaugurada em 29 de Setembro de 1929

— x x x —

Lousinhães =

Na torre da Ermida encontra-se a seguinte:
"J. M. J. - Esta obra mandou fazer Pedro Gomes Lisnês natural da Vila de Fiães - 1753".

No altar mór:
"ANO DE 1876" — (Revisão às obras de restauro desta Ermida e altar foi mandado).

A Ermida de Nossa Senhora da Franqueira (vista pelas traseiras, mostrando-a até á parte encimada por uma cruz que era até ali o seu tamanho primitivo).

Segundo alguns historiadores esta Ermida foi mandada construir por Egas Moniz, quando D. Afonso Henriques assistia no Castelo de Faria, derivado desta a uns duzentos metros.

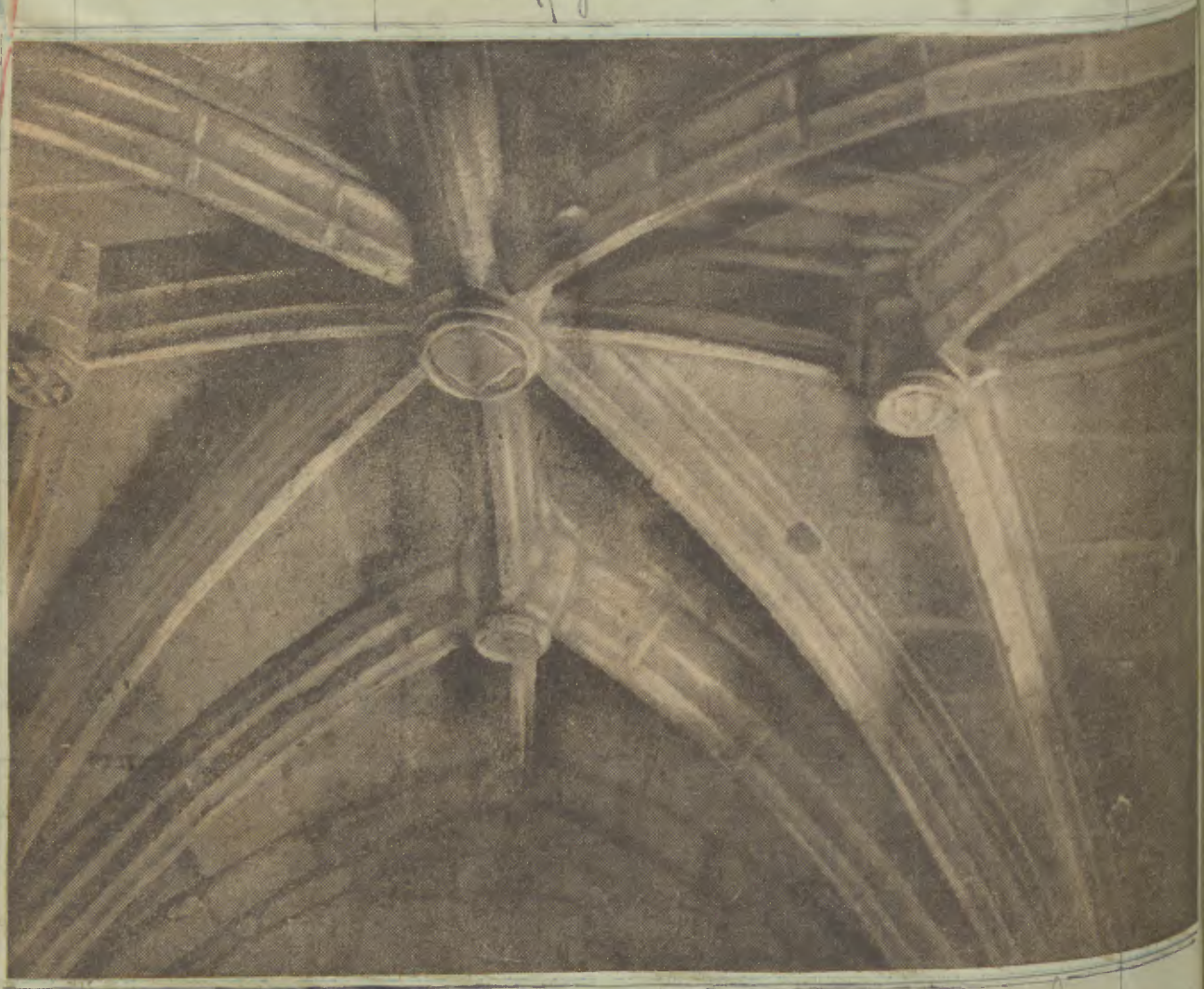
Esta Ermida sofreu, em tempos mais modernos, acrescimos sem valor.

No mez de Abril realiza-se ali uma romaria, sempre animada e muito concorrida.

Estrada para a Franqueira

Quando Presidente da Camara (1927) então Capitão d'Engenharia Francisco Filipe dos Santos Caravana, mandou fazer o traçado desta estrada, cujos trabalhos começaram n'aquele ano.

A côrte principiou em 1928 com a dadiva de 10 contos da Lotaria de Santo Antonio (Vide referencias á "Estrada" a pag. 43 nº deste Vol. e referencia aos dez contos da Lotaria a pag. 151 nº do II Vol. destes Apontamentos) e (pag. 49 deste Volume).



Vem cima a abside da Capela - Invó da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira. (Apreciavel estilo gotico).

A' segunda a Estatua e Ermida de Nª Srª da Franqueira

— x —

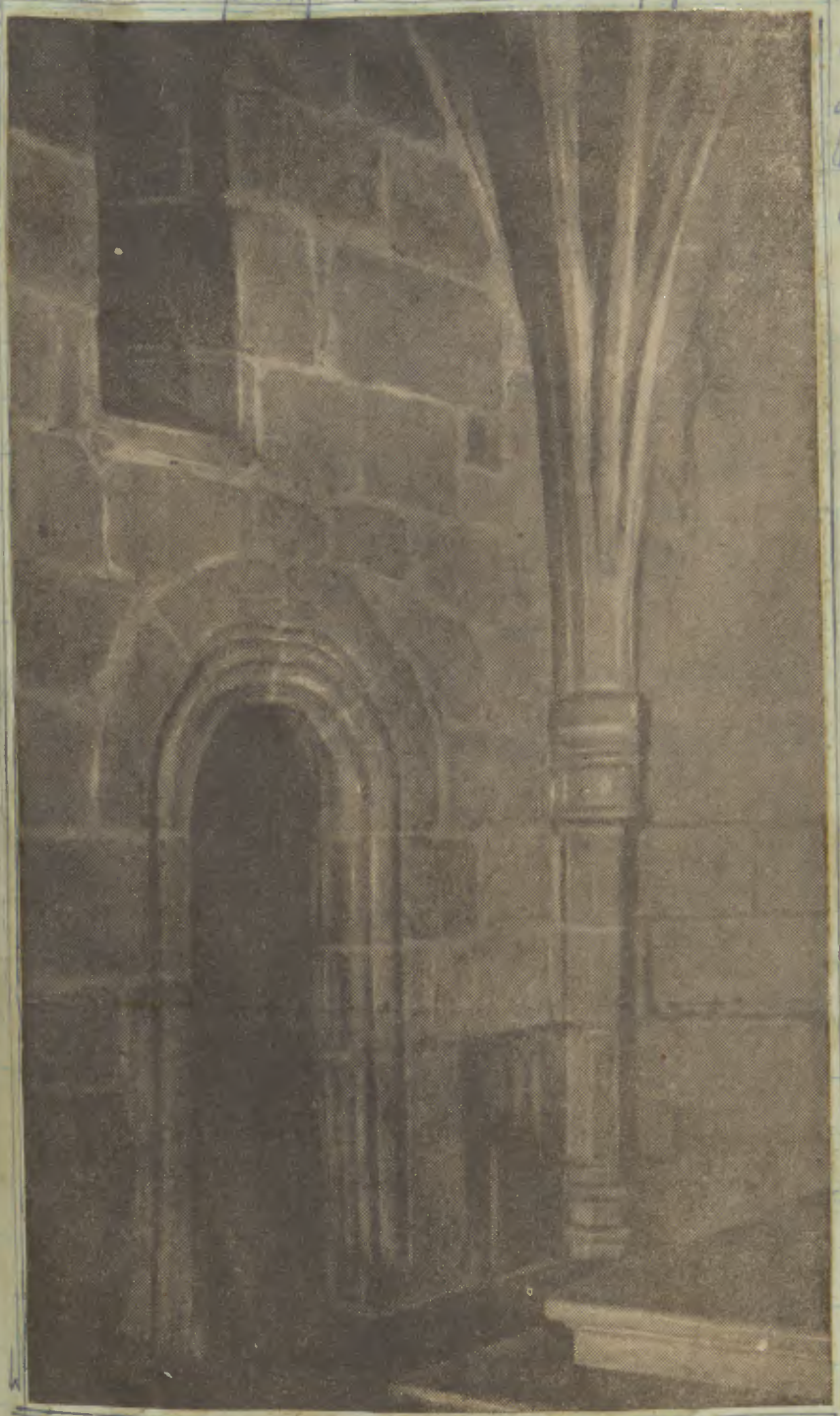
Estrada para Franqueira

Como o traçado e construção desta estrada que vem referidos a fls. 486 v.º deste Volume, tinha frontes ao que mesmo a viação automovel exigia, conseguiu-se que a Camara aflorada junto Governo com a comparticipação do Fundo de Desemprego, mandasse construir uma variante que dá melhor acessibilidade, cujos trabalhos principiaram em junho de 1947.

×

Esta variante da estrada já em Agosto de 1948, dava acesso ao monte, podendo transitar nela qualquer viatura, embora não estejam devidamente empedrada.

×



Um arranque da abside da Capela Mór da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, vendo-se a frota em ogiva, que dá passo a Sacristia, e que foi posta a descoberto depois dos trabalhos de seu restauro.

O Altar-mór da Capella de Nossa Senhora da Franqueira, adornado-lhe de altar uma cruz de finissimo jaspe, aprisada em trez estrellas, pela frente.

Esta peça que tem a seguinte inscripção Salat-Ben-Salat, foi levada para a vetusta urnida como trofeu conquistado em Ceuta por D. Affonso conde de Barcellos.

Interior da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira

(Capela-mór)

("Estilo gótico")

O altar e as colunas que se vêem, são de jaspe, e dizem ser despojos da tomada de Tanta.

× ×

O arco da capela-mór já não é assim; já foi restaurado.
(Vide pag. 46 e 50 v.º deste Volume).

× × ×

Nossa Senhora da Franqueira

No alto do Monte do mesmo nome.

A Ermida, cuja interessante Capela-Mór é do século XV-XVI e a nave do século XVIII, é uma ampliação da primitiva Ermida fundada por Egas Moniz, no século XII.

Este admirável local possue um esplendido e deslumbrante panorama e é centro de grandes peregrinações. (Vide pag. 44 deste volume).

×

Sobre a "Imagem de Nossa Senhora da Franqueira" deve o consulente ver — com cuidado — o que se diz a pag. 5-8 v.º deste Volume e 24 do 1.º Volume. —

Esta imagem Seiscentista que existe na Capela Mór da Igreja Matriz de Barcelos, mede m. 0,96 de altura. Faz-se este facto para não haver confusão com a imagem a que faz alusão A. de Faria, no seu livro "Franqueira" - 1947 - e a que nos referimos a pag. 58 v.º deste Volume.

×

A fotografia, à direita, mostra nitidamente a capela-mór da ermida de N.ª S.ª da Franqueira, ainda bastante restaurada. Vê-se o arco triunfal de volta inteira, constituído por aduelas de duplas meias canas, ornamentação de ábacos de molduras simples que assentam em pés direitos, de secção quadrangular, formando uma arcada. (Vide "Franqueira", de Outubro de 1947)

Na página anterior tem a equivalente a fotografia desta capela antes de ser restaurada. ———

× × ×

Esta fotografia mostra-nos a ermida exteriormente antes de serem restaurados os que a empobreceram.

Veja o Consulente a página 48 deste volume como a mesma se encontra depois do seu restauro. ———

× × ×

= Em Janeiro de 1741 quando se procedia ao rebaixamento da fundamentação do corpo da Capella de Nossa Senhora da Franqueira, apparecem uma sepultura contendo dentro um esqueleto humano. =

Ninguem, que eu saiba, fez grande caso nem instancia a este facto.

Tendo eu, movido pela vontade de nelle esclarecer este facto, relatei-o e mandei-o para a Commissão de Historia para Lisboa, sem que até hoje (Março de 1917) tivesse recebido qualquer communicação do resultado dos meus trabalhos que foram exhibidos da seguinte maneira:

Exmo Senhor:

No sitio distante da cidade de Barcellos, seis ou sete kilometros, existe o Monte da Franqueira, no qual se diz, que por iniciativa de Egas Moniz, foi erecta uma Cidade.

Muita documentação podia eu citar para comprovar a veracidade de tal affirmação, porém, para este limito-me a transcrever o que Fr. Thomaz de Santa Anna nos diz na sua "Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade" - (1762).

"Quasi ao nascente do Castello de Faria e ao sul do Convento, pegado do corpo da cerca d'elle, se eleva o cabeço mais eminente e alto da Serra da Franqueira, com subida assaz ingreme de toda a parte, do qual se descobrem muitas terras remotissimas e muito dilatada parte do mar Occeano, visitas todas e vizinhas que fazem aprazivel pitoresco muito agradavel e delicioso. Vê-se deste monte coroado com o antigo e magnifico Templo de Maria Santissima com o titulo da Franqueira, tomado da serra em que está....."

E continuando:- .....

"Attribue-se a primeira fundação desta Capella ao grande Egas Moniz, Aio do primeiro Rei de Portugal o Senhor D. Affonso Henriques; e é de crer assim quando o dito Principe assistia no Castello de Faria sendo ainda Infante (1126)." .....

Esta ermida que deveria ter, como as de seu tempo, uma parte alpendrada, foi mais tarde ampliada, isto é, reconstruida, como se deprende da mesma citada que diz: ..... "Tambem foi de crer

as armas dos Pinheiros na Capa da Igreja se atribue a sua factura a D. Diogo Pinheiro, Bispo que foi do Funchal, Primeiro Comendatario do Mosteiro de S. Simão da Junqueira e Prior de S. Salvador de Teicido, em cujos limites está este Santuario, e é hoje Vigairaria do Collegio da Companhia de Jesus da Cidade de Braga; . . . . . .

Parece porém que esta ermida depois disto, e em passados tempos teve augmento, como se infere do que a referida Memoria diz: . . . . . .

"A Autor da Nobiliarquia Portugueza atribue a factura do dito Capa da Igreja de Nossa Senhora da Franqueira a Dom Rodrigo Pinheiro, Bispo que foi do Porto, o que julgamos ser equivocação, por este ser Fundador e Proprietario da Insigne Casa dos Pinheiros de Barcellos, porém mais moderno, ainda que Fundasse accrescentar ou dita Igreja alguma obra ou reparo-la.

A Freguezia da Ermida Igreja he de moderna erecção annos com sua Torre e Sino grande, que se ouve em todos aquelles contornos em Brazileiro devoto da Senhora."

E depois accrescenta: —

"Já no anno de 1415 era muito celebre este Santuario de Maria Santissima; porque embarcando neste anno El-Rei D. João I a cidade de Ceuta em Africa, e achando-se com seu filho illegitimo D. Affonso Conde de Barcellos e primeiro Duque de Bragança, soffrendo em o mesmo Convento de Chaves, foi este Fragem para a dita Empreza foi Protector da victoria, e memoria do favor que a Senhora lhe fizera naquella occazião, em que se viu em grande aperto com os Mouros, uma Pedra de finissima Jaspe, em que estava Cidade Ceuta, Senhor d'aquella Cidade. . . . . "

Ao lado deste Monte, ha uma pequena elevação onde existem as ruinas do famoso Castello de Faria e em Fevereiro de 1373, se deu um dos feitos mais famosos que illustram a nossa Historia e que A. Herculano chama "Lendas e Narrativas" e, muitos outros historiadores regeitam, mas que, para o seu Entendido Fazem, bastará citar o que diz F. Francisco de S. Luiz: . . . . . .

"Junto ao muro da Cerca do mesmo Convento á parte do Sudoeste em uma Eminencia do Monte da Franqueira, em um calhaço mais obra da natureza, que da arte se eleva a antiquissimo e afamado Castello de Faria, Solar dos principaes Farias deste Reino de forma regular de forta-

lega inextinguivel d'aquelles antigos seculos. . . . . .

No tempo do acima referido Rei D. Fernando de Portugal, estando em viva guerra com D. Henrique Rei de Castella, se viu a Cidade de Lisboa cercada e abrazada pelos Castelhanos, e ao mesmo tempo entrou por Entre Douro e Minho, Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado de Galliza, e discorreu correndo a terra até á Villa de Barcellos. Para pelejar com elle se ajuntaram muitos Fidalgos d'aquella Provincia com gente, que poderam ajuntar, e foram vencidos destes. Era ao mesmo tempo Alcaide e Governador do Castello de Faria, Fernão Gonçalves de Faria, Senhor de Abrunhaes, o qual deixando no Castello a seu filho Gonçalo Annes de Faria com gente, que tinha de presidio, sahiu ao campo com a da Villa de Barcellos, a ajudar aos seus naturaes, porém chegou a tempo, que os Castelhanos os tinham já desbaratados; e voltando sobre Fernão Gonçalves, o venceram, prendendo-o e carregando-o de ferros.

Vendo-se este assim preso, disse aos Castelhanos que o levassem ao paço do Castello, que elle dina e persuadiria a seu filho que a entregasse.

Assim o fizeram; e chegando ao pé do muro do Castello e chamando por seu filho com animo valoroso e esforçado, cheio de lealdade e honra, estimando mais perder a vida que a sua honra em atraiçoar e ser desleal a seu Rei e patria lhe disse: — Bem sabes, filho, como este Castello me foi dado por El-Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei preito e homenagem, mas por minha desventura sahi hoje d'elle, cuidando que ia fazer o serviço. Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga que lho entregues; mas porque eu não posso pagar isto, guardando a lealdade que devo, por tanto te mando desde pena da minha maldição, e não entregues a pessoa alguma, senão a El-Rei meu Senhor, ou a quem Sua Alteza por seu certo recado o mandar.

Ouvindo isto os Castelhanos e tendo-se por escarnecidos mataram o Senhor Gonçalves ahi logo na presença do filho, feia e indecentemente, a punhaladas, e o fizeram em pedaços . . . . . "

— Nenhum historiador até hoje nos falla do nome deste indigno Alcaide e, que se saiba, ninguem até hoje soubera dizer d'elle, de sorte que a Historia alguma ainda tenha fallado nisto.

Succedeu, porém, que em principios de Janeiro de 1741, a Companhia de Infantaria da Guarnição

pois ha anos vem tratando do restauro da velhota Lemida, mandou rebaixar a pavimentação das ambulâncias ali existentes, pois tendo voltado primeiro a ser lageada e em nível com a da primitiva Lemida, pois hoje constitue a capela-mór, tendo-se ao proceder a esta obra observado o seguinte: —

A Lemida — (que constitue hoje, como disse, a capela-mór) — foi voltada quando invadiram os arredores da mesma, tendo por tanto ficado em nível elevado e por consequencia desta pavimentação ficar-se a voltamento dos arredores do corpo da igreja assim circulado.

— Os obras do restauro da antiga Lemida, que, na verdade, foram meticulosamente orientados, determinaram o levantamento do seu voltado, que pôz a descoberto o lageado antigo, (ao front dêle) em nível inferior ao que se encontrava feito em volta, por virtude dos aumentos que fizeram á Lemida para a tornar maior, motivando que outro tanto se tivesse de fazer em redor do corpo da igreja, levantando-se o voltado para de lhe fazer o competente rebaixamento ate ao nível do baixo desta para ser lageada tal qual se encontrava á antiga Lemida — (hoje capela-mór da igreja) — o que se fez.

Levantado o voltado do corpo da igreja verificou-se que todo ele estava assente sobre uma grande camada de terra esoura que foi trazida para ali para tal fim, pois removida toda ela para voltar primeiro da igreja, deixou vêr que o terreno n'aquele ponto é arcilloso e compacto, e de côr amarelada.

Este serviço pôz a descoberto do lado da epistola exteriormente e distante do arco da capela-mór (antiga Lemida) 6m,40 e 0m,90 da grande da igreja, d'aquele lado uma sepultura

oval feita na rocha, medindo 0m,70 de comprimento e 0m,65 de largura, entendo dentro um esqueleto humano e junto deste dois botões de metal amarelo e em redor da referida sepultura foram encontradas trezentas e tal moedas antiquíssimas.

Em virtude deste aparecimento fiz várias minuciosas pesquizas por ali, não se tendo encontrado mais alguma sepultura.

Estive numa certa data em S. Mamede de Infesta, a fim de dar algumas informações, porém devido talvez aos seus grandes afazeres, não me constou que o caso tivesse tido alguma coisa esclarecido.

Algumas moedas foram entregues, para estudo ao Sr. Dr. Damião Peres, mas, com certeza por igual motivo, nada mais se soube.

Eu, que não tenho autorização para mais, porque não pretendo a Companhia de Vias de Cultura da Província, nem oficialmente posso intrometer-me em investigações arqueológicas, limito-me a fazer esta comunicação a V.ª Ex.ª para que possa providenciar um estudo minucioso sobre dois pontos que, em meu fraco entender, são de capital importância:

— O esqueleto será do herói Mamede de Faria, morto, pelejando, às portas do seu Castelo?

— Ou será de algum eremita que por ali tivesse vivido?

É minha opinião de que o esqueleto é de algum nobre, atendendo ao grande número de moedas encontradas, presumindo por isto que seja de Mamede de Faria, visto que a gruta ficava junto do Castelo de Faria.

e emitir tinge das freguesias circunvizinhas e lojas habitadas e até hoje não haver conhecimento da mesma freguesia sobre o seu andamento.

Eram ambos os casos uma deixa, me parece, pois João ausente.

É que a efultura foi feita na parte alfandegada que se manteve n'este estado até ao último quartel do século XV, porque o primeiro encontro deveria ter sido feito nos princípios do século XVI, por D. Diogo Pinheiro que foi Bispo do Funchal, quando este então era abade da freguesia de Tenoa (e não de Pereiró como erradamente se disse), do arcebispado de Barcelos, existente no sopé do monte da Franqueira, afastando desta obra todo o alfandegado, vindo em 1755 a ser seu novo encontro por Pedro Gomes Simões, natural da freguesia de Vilar de Figos, deste mesmo arcebispado.

Há uma lenda de um judeu que por ali viveu e morreu, mas que se não pode tornar oficial a ser verdadeira o que conta, pois este judeu ali ser efultado, devido às fogueiras usadas n'aquele tempo.

Para pequenos estudos, sobre a minha nova aquisição, de todo, em devido tempo darei conhecimento, não me tendo esquecido de o tornar público pela imprensa local, pintando para isso da minha vontade meus exemplares do jornal "O Barcelense" que se regem ao seu, aqui redação, de que faço parte, tem comprido para que o seu almanaque seja um admirável repositório da história barcelense.

A estrada de cipreste encontra-se toda dentro da já citada freguesia estendendo-se uma campina de grandes

com os seguintes dizeres:

AQUI
SE CONSERVA
UMA
SEPULTURA
MEDIEVAL
COM
UM ESQUELETO
DESCOBERTA
EM
1941

O operário que encontrou o esqueleto, teve o trabalho de o ter tirado da sepultura, aproveitando que deu logar a que parte da estrada se desfizesse em pó, devido á sua grande antiguidade.

As informações que aí me foram obtidas, levou-me a concluir que o esqueleto estava em pé virado para a capela-mór e não tinha junto de si pertences algum de compra, madeira ou caliça.

De nada valeu esta minha averiguação, por parte da Direcção, pois a V. Ex.ª não me será relevado a atenção atenta a minha desinteressada boa vontade de querer amparar para que seja esclarecido este ponto histórico ainda na obscuridade.—

— Onde foi sepultado o Alcaide de Faria Fernão Gonçalves de Faria?

Baleém, 13 de Março de 1944

Francisco André de Lima
Aluno do 4º Ano

= Ermitões na Franqueira =

Não resta duvida alguma de que alguns ali residiram, como facilmente se deduz do que Fr. Francisco de S. Luiza escreveu na Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade - que no Capitulo 7º, referindo-se ao Descalçamento e Fundação do Convento diz:

. . . . . .

Os vestigios de casas que se vêem junto à Igreja da Senhora, umas foram de romagem, quando era mais populosa e frequentada e as outras que hoje estão renovadas, foram de outros Ermitães mais modernos, dos quaes em o nosso tempo nos lembra morrerem alli dois dos que andam pelos Montes com a careta, ou Caixa da Imagem ao pescoço pedindo, de cuja qualidade não eram Vicente d'Silva e sua consorte, nem os seus sucessores, que só eram Eremitas da vida pobre dos que viviam vida solitaria nos desertos.

. . . . . .

Depois da morte dos Veneraveis Fundadores vieram os nossos Padres Claustraes para aquelle sitio e com a sua vinda se extinguiram de todo os Ermitães que alli viviam.

. . . . . .

(Da citada Chronica - (1762) - .)

(Vide Paginas 1ª deste Volume com referencias a pg. 81 d'este Vol.)

Pela Franqueira

(Publicação feita em "O Barcelense" por Francisco Cardoso e Silva em 1 de Janeiro e Fevereiro de 1941 com os seguintes artigos sob o título de um espólio na Ermida de Nossa Senhora da Franqueira)

A Comissão Policiumtaria da Igreja de Nossa Senhora da Franqueia que desde 1931 tomou a encargo de aperfeiçoamento do Monte onde está erecta a histórica capelinha que Egas Moniz, por sua iniciativa fez ali erigir, tem, apesar de grandes despezas e incómodos e um grande atrazo, dado começo ás grandes obras delineadas pelo eminente arquitecto Ramos Marques e Antonio Lopes, encontando-se já em condições de ser convenientemente aproveitada pelos turistas uma explanada e grande area que dá um lindissimo aspecto a tão sublime obra.

A fim disto tem-se procedido a uns enchentos reclamados pela Comissão capelinha a fim de lhe dar a caracteristica da antiguidade que a engrandece.

Ha dias, quando se procedia ao levantamento da pavimentação do átrio da capela, foram encontrados alguns bocados de metal e alguns alfinetes de adorno e mais de duzentas moedas das quais algumas são do tempo de D. Manuel I.

Nas escavações, foi encontrada ao lado da capelinha uma sepultura de forma oval e dentro um esqueleto humano e pelo direito ao seu lado entre romanã a ossada quasi de costas, mostrando o craneo partido em quatro, sendo interessante um estudo do mesmo para se reconhecer se será de alguem que tivesse prestado grande historico e famoso Castelo de Faria e proteger-se até talvez ser do celebre Alonso Fernandes, tanto mais que até hoje ninguem tenha dito onde ele foi sepultado e como se dá a sua singular desaparição.

ser enaltada uma tal substância, emenou-se assim que fôra pessoa calçadista que de tal coisa na antiga paúlla da ermida, hoje dentro do corpo da Capella pela aumento feito no seculo XIV por D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal.

Bem é que os estudiosos competentes digam alguma coisa que venha esclarecer este ponto obscuro da historia da Rainha do Carmo.

(Ac. nº 1535 de 18-1º-1941).

— x x —

Ha sombras de um passado glorioso que se reflectem tão assombrosamente, que jámais deixarão de illuminar o nosso espirito de uma maneira tão viva que nunca, por nunca, se poderá desvanecer tamanho clarão.

É o caso heroico e patriotico ocorrido por occasião da Liga do Castello de Faria em 1373.

A historia regista-o de tal forma, que, atraz de alguns annos decorridos, ainda não teve logar um só que lhe tire a comparação.

Este facto dá logar a que, de vez em quando, nós os barcellenses, cidadãos desta grande honra, o façamos orgulhosamente recordar para enaltecer a Rainha do Carmo.

Em 1931 uma Comissão tomou conta da administração da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, com a missão de proceder ao levantamento de Montaria, n'uma bonita historia, de nenhum modo fantasiada, a Mãe de Deus, sob a invocação d'aquele Monte, onde ermidinha foi mandada fazer por Egas Moniz, quando senhor auto da nossa nacionalidade, viveu em Alpendurada, no Paço Castello de Faria, situado n'um cabeço ao lado d'aquele Monte.

As obras ali iniciadas não cumpriu

adiantadas, mostrando já qual será a sua feanchisidade, quando terminadas, deixando bem traçado para um lugar apraziveis a terem sido e referirem-se nele Egas Moniz peregrinou pedindo à Mãe Santissima pela independencia sua Espoza.

Decorridos alguns escassos anos de acaso que este logar separado, foi testemunha do maior feito patriotico que até hoje se tem cometido, assombrando Portugal de lés-a-lés a atitude decidida de Alcaide Fernão Gonçalves que fugindo deixar-se matar ás portas do Castelo que El-Rei lhe tinha confiado, do que acometiam seu filho Gonçalo Fernandes a entrega-lo ás inimigissima forças castelhana que o cercava.

Seu filho, apesar de ter presenciado a morte traçoeira de seu pae, manteve-se corajosamente na defensão do mesmo baluarte, até que passados dias, o cêrco ao mesmo, foi levantado por virtude de ter sido empossada a rainha e o rei de Castela e D. Fernando, de Portugal.

A nossa Historia, repleta com opulentos feitos desta hagiana e patriotica região, mas na verdade divina ficar na obscuridade qual o destino que tivera o cadaver do malfadado e heroico Alcaide.

Sua esposa D. Constança Afonso, seus filhos D. Egas de Faria, Alvaro de Faria e Gonçalo Fernandes, sabe-se que, passado tempo, abandonaram o Castelo de Faria que lhe estava confiado e, por ordem d'El-Rei, outros tomaram conta d'ele.

Mas, pergunta-se:— Aonde jazem os restos mortais do glorioso Alcaide de Faria?

A resposta a esta pergunta que desde então constitue uma verdadeira enigma, tal-

vez a ela dentro em pouco se possa responder.

N'outro dia, quando se procedia ao levantamento da pavimentação em frente da Ermida de Nossa Senhora da Penha, no adro contíguo à mesma, do lado da epístola, foi encontrada uma sepultura de forma oval — (muito fora do vulgar) — contendo um esqueleto humano e, pelas cuidadosas pesquisas a que a Ilustre Comissão Administrativa mandou proceder, verificou-se que, apesar do adro contíguo à ermida ser um pouco grande, não se encontraram nele mais sepulturas ou indícios delas lá terem existido, tendo-se, por virtude destes mesmos trabalhos, encontrado alguns que dizem alguns alfinetes de adorno, botões de metal e grande cópia de moedas antiquíssimas, depreendendo-se que a aparecimento de uma só sepultura ou de esqueleto encontrado na mesma, é, ao contrário, de alguém em virtude da catástrofe, pois que não há conhecimento de que a antiga ermida, lá no alto do monte, tivesse servido para enterramentos de gente que fosse.

Como é caso de aparecimento de aquele esqueleto se pode levar a presumir ser o do Bispo de Rino Fonseca, porque não procurar começar a estudar este facto?

Enquanto não aparecem pessoas competentemente — (mas sem argumentos argumentados à la diable, como tem por vezes acontecido) — voltaremos ao assunto, porém advertidos de que não iremos dessem dar a verdade, porque na verdade também nos falham conhecimentos para o fazer,

todavia antes fizemos uma averiguação franca de que a "História da Rainha do Ginjal" nada tendrá com os esclarecimentos que desejamos prestar.

(Dor nº. 1556 de 27-11º-941).

— x x —

Como até hoje — passados quinze dias depois de publicado o meu artigo sobre a aparição na Ermida de N.ª S.ª da Conceição, de um espectro humano e prévio de vestes muito da época de D. Manuel e D. Fernando — ninguem veiu publicamente mostrar-se interessado por tão importante assunto que, devida e cuidadosamente estudado alguma luz pode vir fazer á "História" que tão comummente nos conta o episodio ocorrido por ocasião do cêrco e ataque do famoso Castelo de Faria em 1373, voltamos outra vez ao assunto apontando alguns dados que podem servir de elementos iniciadores aos bisbilhoteiros curiosos, os quais, em meu fraco entender, se teem de movimentar fóra do Barreiro, porque na verdade, por aqui, não ha quem, com reconhecida competencia, seja capaz de o fazer, a não ser que haja alguem que vivendo na obscuridade, não tenha vindo á luz da publicidade dar conta de si e dos seus trabalhos.

Como desejamos e sempre temos trabalhado para que a "História da Rainha do Ginjal" seja verdadeira, isto é, sem invenções de factos ou acontecimentos apontados arbitrariamente, falseando a verdade, embora revestidos com prosa saborosa e corrente, suprimimos a ideia de se apelar para a boa vontade do Ex.mo Snr. Dr. Mendes Correia, grande tor-

meu de criança e investigador, a quem Barcelos já muito deve para não se repetir a causa de temer de cair em erro indesculpável, como já sucedeu, tendo sido mascarado que o falecido e grande Dr. Leite de Vasconcelos teve de classificar erradamente e durante muito tempo o recheio do Museu do Grupo Ocaides de Famalicão.

A esta comunidade foi comunicado de que ninguém da nossa terra ocorrerá contrariamente a esta opinião tanto mais que ela tem a intenção de ocorrer para com bem que tenha ser bastante agradecida por sua hospitalidade.

Formou-se conhecimento de que o esqueleto humano apareceu no corpo central da ermida de N.ª S.ª da Franqueira, no lado da epístola, numa depressão de forma oval e de profundidade, tendo o encarregado de proceder ao rebaixamento da ermida anunciado a importância de ter levantado todos os esqueletos sem que se tivesse tomado nota da posição em que ele se encontrava.

O aparecimento das moedas pode determinar a época em que o primitivo sepultamento foi feito e não o enterramento da pessoa a quem pertence o esqueleto, visto que as moedas estavam espalhadas em toda a extensão do corpo da ermida.

O fato-heroico de Viriato de Tavira, que lhe ocasionou a morte, foi em 139 de Fevereiro de 1373.

O primeiro amanho da ermida feito por D. Diogo Pinheiro, que lhe deu o desenvolvimento da gabiá, foi na última metade do século XV.

O segundo amanho, durante o mesmo

freguesia com torre e sino, foi feita em 1753 por Pedro Gomes Simões, da freguesia de Vilar de Frades deste concelho.

São estes os dados que pude apontar e que, em meu fraco entender, podem conduzir a bom termo o estudo que supomos ainda de se poder emendar ou simplesmente presumir que serão apenas lendas de tesouros Mouriscos, porque, além de tudo isto sabe-se que na Campanhã nunca viveu nenhum ermitão de quem se diria dito produtos supor ser o mesmo hoje achado.—(D'O Barcelense nº 1538 de 8-2º-941)—

Há de facto uma lenda que se conta em Trofas, a que nos referimos a fls. 81 deste Volume.

—×—

Vide fls. 54 v.º deste Volume a que se diz sobre "Ermitões na Campanhã."

—×—

= Nossa Senhora da Franqueira =

(Século XVI)

(Da "Franqueira", de Antero de Faria - 1947)

"..... Existe também nesta capela uma outra imagem, igualmente escultura quinhentista, que é venerada sob a invocação de Nossa Senhora das Neves.

É uma preciosidade de artesania, ignorada por muitos romeiros e que, não há muito tempo, o ilustre escritor e eminente crítico de arte Dr. J. da Costa Lima, da Companhia de Jesus, em interessante trabalho publicado na magnífica revista Brotéria, sob o título Formosura Escondida, tirou do olvido. (Vide fls. 54 v.º deste Volume)

É deste entusiasmado romeiro e agricultor das cercanias da imagem que até ao final do século XVII foi venerada sob a invocação de Nossa Senhora da Franqueira:

"A Virgem exerta, entada, no Santuário Mariano é espécime de encanto para arte que dominou, muito apreciável, e já do século XVI.

Mede um metro e doze centímetros de altura. A peça que a talhou era de artista de grande sensibilidade.

Escolheu um bom conjunto, embora a formosura e realismo anatómico de uma rapariga, majestosa na linha, equilibrada nas formas dos mantos com pregas complicadas, em dobras confundidas com finíssima fina pintura, tem sido alvo do frei Agostinho de Santa Maria.

O artífice coimbrão é forçado a admirar-se pelo rosto oval, de fronte alta, emoldurado

com luvas pelas mãozinhas ondeantes de entrar, cuidadas sobre o peito, descobertas pelo decote rectangular, e ao pé do Menino, disfarçado e forte, lança copiada e braço.

A face da Mãe que o acolhe tem alguma de movimento, ainda que a estilização dos dedos da mão esquerda contenha a maior naturalidade da direita de Graça.

A atitude da mãe esquerda, pegando em pé direito do Divino Infante, é frequente nas vezes de Maria e chega ao séc. XVI, consagrada pelo Renascimento Florentino."

Como acabamos de advertir, esta imagem foi venerada sob o título de Nossa Senhora da Franqueira até fins do século XVII, ocupando o altar mor, e substituída pela actual e destinada para outro altar arranjado à parede do arco principal, junto do cruzeiro, do lado do Evangelho, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores. (1). . . . . .

(1) Este altar foi novamente arranjado, em 1941, para perto do pulpito da Capela, onde hoje se encontra.

- Vide páginas 46 vº deste volume e 24 do 1º Volume -

"O Dr. Vieira Fresta lembra nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga - 1931 - Conego Manuel de Azevedo Barreiros"

= Nossa Senhora da Franqueira =

Fica muito distante de Barcelos, para nós, erguendo-se no cimo da serra da Franqueira a capela de Nossa Senhora, que desde muito recebe a romaria. Para o Santuário de Nossa Senhora da Franqueira acorrem devotos e suas mais ardentes orações e promessas, algumas das quais de teem satisfeito de pelo correio! Muitos de romeiros.

Foi apoio a tradição e celebrado Pastelão.

Faia: — "O Castelo de Faia, com as suas torres e ameias, com a sua barbacan, com os seus postigos e alçapões ferrados campeou ali como dominador dos vales visinhos. Castelo real da idade média, a sua ruina pôde-se crer trabalho dos tempos que já lá vão ha muitos; mas a ferra lenta que costuma a devorar os gigantes de marmore e de granito, o seu pó, creou-lhe pelos cumieiros, e o antigo alcaçar das eras dos reis de leão desmoronou-se e caiu".(1).

Hoje, desse Castelo ensanguentado de tantas lutas e conquistas, dessa testemunha de tempestuosa heroicidade nada mais ficou, restam, apenas, majestosos tufos arvoredos na serra; que as pedras das suas fortes torres e muros foram, em tempos remotos do século XVI aproveitadas na edificação do convento dos franciscanos da Franqueira, que mais abaixo se desmorona na encosta.

O santuario de Nossa Senhora da Franqueira, cuja fundação é atribuida a Egas Moniz, célebre aio de D. Afonso Henriques, foi mais tarde ampliado por D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, que a Senhora da Franqueira consagrava especial devoção: — "Este Duque Dom Afonso, filho bastardo del Rey D. João o Primeiro, foy ao tornada de Ceuta e ao derribar ordenou arrancar quinhentas colunas de marmore dos paços de Alcoubença, e trouxe de lá huma mesa de marmore branco fino onde o dito Alcoubença comia, e a mandou pôr em huma Igreja de Barcelos ao altar de Santa Maria da Franqueira, famida de grande romagem".(2).

Como tal se conhecia a mesa de pedra que actualmente se encontra sob o altar-mor da capela de Nossa Senhora da Franqueira.

---

1) Alexandre Herculano — "Lendas e Narrativas" — pag. 208.
2) Fr. Agostinho de Santa Maria — Tomo IV, pag. 140 — Fr. Francisco de Santo Agostinho — Chronica da Soledade, Parte 1ª., pag. 283.

= Breve noticia historica sobre a origem da devoção á
Veneranda Imagem do
Senhor da Fonte da Vida
na igreja do Convento da Franqueira, subúrbio da Villa de Barcellos
(Extrahida do Tomo Primeiro da Chronica da Provincia da Soledade - 1762 -)

<Copia fiel de um opusculo de 15 pag. feito e impresso em Barcellos: Typ. de José A. V. e Souza - 1859 >.

É no homem innata a aprehensão da vida, e no livro de Job se lê, emphase a expressão do Livro na Biblia sagrada, que pela vida dará o homem tudo quanto tiver. Encerrou-se a morte a natureza humana logo no seu principio: para remedio de tão prejuso mal mandou a nossa misericordiosissimo Deos ao mundo a seu Unigenito Filho, para dar morte á culpa, e aos homens abundancia da melhor vida. No alto do monte Calvario, onde Adão tinha sido sepultado, emphase o entender dos muitos Santos Padres, foi o mesmo Senhor exaltado, e crucificado na cruz, onde qual pedra do deserto ferida com a vara, sangue dividido em duas adoraveis correntes e manancial mais claro de vivas aguas para o remedio da nossa saude, e logo da eterna vida. Quiz ser exaltado, no Monte Calvario, onde estava o homem morto, para com a sua morte lhe dar a melhor vida; e no Monte da Franqueira, como Senhor que é da Vida, e da morte, quiz na sua Imagem de pedra crucificado ser exaltado, e glorificado pelos muitos beneficios, que franqueia a quem alli busca necessitado o seu remedio, e com fé bebe da crystalina agoa, que em duas continuas correntes está offerecendo para soccorro da humana vida. O principio, que teve aquella Santa Imagem, é o seguinte:

No anno de 1740, sendo Ministro Provincial o Reverendo P.e Regedor Fr. Antonio de Guimarães, e Guardião do Convento do Monte o P.e Regedor Fr. Antonio de S. Jeronymo, natural da Freguezia de Moreira junto ao nosso Convento de S. Bonaventura, querendo este fazer uma obra de grande caridade ao povo, que vai áquelle Convento, especialmente nos grandes concursos, como é no Jubileo da Portiuncula, em que até da Villa de Barcellos vai muita gente; uma devoção, que tem áquelle antigo lugar, communicou este seu intento com dous Parochos vizinhos, amigos e sequazes, os quaes lhe applaudiram muito. Eram estes um o P.e José da Silva da Fonseca, Vigario de S.ta Marinha de Remelhe, que logo offereceo para a obra meia moeda de ouro, e o outro o P.e Manuel da Costa de Carvalho, Vigario de S. Lourenço de Ferreia, que offereceo um quarto de ouro, aquelle alumno de um nosso Religioso grave, e este irmão do outro. Era a obra fazer junto á Portaria do Convento da parte de fora com a agua, que vai ás officinas, uma fonte para d'ella beberem á sua vontade os que desejassem. Hão-de aquelle alto Monte, e derivamente vão áquelle deserto. Deg.-se a dita Guardião a excepção que figura havia em ouro da Fonte, se havia a de Neptuno, a quem a espavorida gentilidade venerava por Deos das aguas, ou outra fementida deidade, como se vê em muitas fontes de quintas, e arruados de jardins, quando lhe occorreo por a Imagem do verdadeiro Deos, Senhor não só das aguas, mas de tudo o creado, Christo Jesus Redemptor nosso crucificado, e n'isto assentou. Sendo d'esta sua determinação um Ferreiro, morador na rua da Esperança do arrabalde de Barcellos

chamado Manoel Gomes dos Reis, for alcunha o Barbalho, e disse ao Guardião que mandasse fazer a Imagem bem feita, que ele a pagaria, como pagou. Concluso logo o Guardião em a mandar fazer, e procurando - de pedra em baixo, se achou no monte da Freguezia de Remelhe, distante do Convento meia legoa, da outra parte do valle, que divide o dito monte de Remelhe do da Franqueira.

Era a dita pedra muito grande assim no comprimento, como na largura, e altura, e parecia impossivel poder - se de alguma maneira levar ao alto do Convento, por ser a subida muito, e em grande distancia, nem poder haver carro, que a levasse, e em partes seria necessario abrir fragoas para caber pelo caminho. Assim o parecia, e assim o julgavam os Religiosos, e mais pessoas discretas; mas não o julgaram assim nos bons Lavradores da Freguezia de Remelhe, e de outras visinhas, que rogadas pelo Guardião, com boa vontade, e não menos ousadia, e douta temeridade a poseram em um carro forte, a que chamam carro de obra, que para este effeito se buscou, e com quantidade de juntas de bois a poseram sem preijo algum em cima á porta do Convento.

Aconteceo no caminho quebrar o eixo ao carro, porém os devotos Lavradores, que a acompanhavam a pedra, logo alli sem demora acharam um Abreio, e fazendo - o d'elle, lho poseram, sem que o dono do Abreio poseesse algum reparo, ou fizesse alguma objecção como tambem a não fizeram os donos das tapadas, a que derrubaram paredes para caber a pedra pelo caminho, ainda que derrubando - as, logo immediatamente as mandou

que as devotas as tornavam a levantar e pôr como estavam. Todo isto fizeram os devotos Lavradores, sem serem Carpinteiros, nem Pedreiros, mas a sua devoção lhes dava habilidade, e pilidade, e forças para tudo fazerem. Posta a Fonte em cima, entrou um official mais de habilidade do que tinham por officio semelhante obra, mas em tudo isto n'ella ponha, a faz a Imagem. Abrio na pedra um perfeito quadro com suas molduras, e no meio d'elle a Imagem do Senhor crucificado, ficando a Cruz levantada de meio relevo um grosso dedo, e o corpo da Imagem bem vazado, e bem perfeito, sem estar preso todo unido á Cruz, que em fim se não faz melhor. Tem o dito corpo de quatro palmos de altura, e a Cruz proporcionada, e tudo feito da mesma pedra sem emenda alguma.

Feita a Imagem, a mandou o Guardião encaixar, e juntar, e não obstante ser de pedra, como esta foi bem encravada, ficou bem lisa, que tanto não desfeou o encaixe, que em nada se não encaixa melhor; finalmente um todo saiu perfeito. Mandou-a collocar o Guardião junto á porta da Portaria do Convento metida na parede em modo de quadro, e por baixo ao pé da Cruz mandou fazer a Fonte, que caia em uma bem feita Pia, e n'ella um repuxo de bronze, que abria, ou tornar agua, e a que cahia dizia que abria e fechava quando d'ella se queria beber ou tomar agua, e a que cahia se tornava a recolher para dentro da area. Mandou tambem abrir no quadro as palavras do Psalmo 35: Apud te est fons vitæ e deste letreiro ficou á Imagem o appellido de Senhor da Fonte da Vida ou o Senhor da Vida, como hoje mais abbreviadamente se

chama. Começou logo a Senhora pela sua Santa Ima-
gem a obrar prodigios e despender liberalmente be-
neficios aos que com fé bebiam a agoa da sua
fonte, e com devoção se encommendavam a ella.
Passado anno e meio, como a amargura era gran-
de, e o lugar apertado, e os benefícios iam em aug-
mento, cujos sinaes se viam pendentes na fa-
rede, sendo Guardião do Convento o P.e Prega-
dor Fr. Antonio de Freire Bota, se mudou a
Senhora para o sitio, onde hoje está, por ficar
mais perto dita mais em largo do terreiro da
Portaria dando lugar ao amargo da ponte.
Alli se lhe fez um Oratorio em modo de
pequena Capella com grades de ferro por diante,
e com elle se mudou tambem a fonte.

Assim estêve, até que por industria do P.e
Pregador Fr. Manoel de Ataraya, por alcunha o
Pilatos, sendo Guardião o P.e Pregador Fr. Fran-
cisco de Braga, se lhe fez a primeira Capella com
sua Sacristia, que hoje se vê, cercando a fonte
em duas bandas; ficou uma da sua parte da
porta, por fóra da mesma Capella com bom
artificio, caindo a agoa em cada sua hum
feita taça, e tornando-se a recolher para den-
tro da cêrca a um pequeno tanque nas costas
da Capella. A Imagem de N. Senhora da Conce-
ição, que no Altar da Senhor está á parte do
Evangelho, fêz um especial devoto da mesma
Senhora, assistente na Côrte de Lisboa, onde
a mandou fazer, por nome Gromyno Gomes de Bri-
to, natural do lugar da Ega[illegible] freguezia de
S.ta Marinha de Benuche, em cuja Igreja a tinha
mandado recolher dito mandado obrar e col-
ocar por sua conta e seu orçamento; mas depois
de nella estar algum tempo, por certa desaven-

ça, que a respeito da Imagem tem com o Convento a mandou para aquele Convento, onde ainda corre para o seu culto. Corresponde-lhe da parte da Epistola a Imagem de S. José, em annaliski- mo Estylo, a qual estava na area do Convento em huma Ingenua Capella a elle dedicada, e para maior veneração do Santo se trouxe para a Capella do Senhor.

Muitos e raros são os Juditios que o Senhor tem obrado por esta sua Sacrosanta Imagem mas que com viva Fé tem recorrido a ele para bem feito da Vida. Dou-me principio da sua obrigação achando-se um Homem natural da Freguezia de S.ta André de Barcellinhos e morador na de S. Salvador de Perosa, por alcunha o Caco, no ultimo da vida, desemparado do Medico e do Parocho que morria, tanto que foi o Guardião do Convento lhe tinha mandado a habito para o amortalhar, que como era costume dos Conventos, e sobre, lhe mandou pelo amor de Deos, com Fé se apegou com a Senhor da Fonte da Vida, escapou da morte alcançando perfeita saude, com que ainda hoje vive, e a mortalha se poz junto á Imagem do Senhor para memoria do milagre. Outro Homem do lugar de Bebordões, Freguezia de S.ta Maria de Gilmonde, por nome Diogo, estando na mesma forma no ultimo ponto da vida, mandou buscar um Jarro da agua da Fonte do Senhor, bebendo a com viva Fé, e adormeceo, e dormindo um largo somno, acordou com Dores muito ras, que lhe não foi necessaria mais medicina para continuar a vida, e a saude. Outro Homem do lugar da Gabelinha, cento

de Tavlas, tinha uma menina morrendo, offereceo-a ao Senhor, dizendo — que se lhe dava vida, lhe dava um cordão de ouro, que ella tinha. Feita esta offerta ao Senhor, logo a menina sentio melhoras, e escapou com vida, quando d'ella já se não esperava, e promptamente satisfez o homem a sua promessa, indo com a menina render as graças ao Senhor. Mandou pezar o cordão, e achando-se que tinha cinco e meio mil reis, de prego os fizeram, e levou o cordão para sua casa bem alegre, como agradecido ao Senhor da Vida.

Um Ivo Fernandes de Lugar de Silgueiros Freguezia de S. Salvador de Penina, tinha uma vacca morrendo; offereceo-a ao Senhor, dizendo — que se lhe dava vida, de boa vontade lha dava. Feita a promessa, se levantou a vacca logo, levou-a ao Senhor e mandando-a avaliar querendo dar o preço d'ella, lhe aconselharam que do dito preço mandasse fazer um resplendor de prata para o Senhor. Assim o fez e com tanta promptidão que sobejando do preço do resplendor alguns centens do valor da vacca, os entregou e ao mesmo resplendor se acha em letras abertas na mesma prata a memoria deste milagre.

Nelle mostrou o Senhor que não só é era da vida dos racionaes, mas tambem dos irracionaes e que não só a dava e tirava da bocca das garras da morte aos homens, mas tambem aos brutos, como diz David no mesmo Psalmo, de que tomou o referido titulo de Senhor da Fonte da Vida, provando-se não está a conservar ou tirar a vida a uns e a outros como Author d'ella. Deo terminou-se

cidente de estupor em um Terreiro da Freguesia de S. Thiago da Villa Lucan, que a deixou quasi morta; Tinha este uma innocente Irmãa a quem deu a sua muita Jenna, de fóra ao caminho e lhe foi buscar a melhor remedio na Fonte da Vida: alli se foi a chorar e fazer suas deprecações como sabia; e como o Divino Medico attende mais ás rogos do coração sincero de que á eloquencia das palavras, lhe apontou tanto a rustica petição da pobrezinha, que, quando voltou para casa, achou a sua senhora com melhoras de não esperadas, e, escapou com vida.

Um homem da Villa de Barcellos tinhido dos pés e pernas, que não podia dar um só passo, de diferente com viva fé ao Senhor da Vida, e em pouco tempo se viu são, e lhe foi render as graças, levando duas pernas de cêra em testimunho do beneficio recebido pendentes na sua Capella. Um rapaz que estava cego de ambos os olhos lhe aconselharam que fosse lavar com agua da fonte do Senhor da Vida: assim o fez, e recebeu a vista com muito trabalho e diligencia, ao que o cego, a quem o mesmo Senhor deu vista, mandando-o lavar na fonte de Lisbe. Muito famosa é esta fonte do Senhor da Vida como a de Lisbe na Palestina; porque se esta, segundo o Evangelho corria com muita suavidade, sahe esta descida do monte Sion, expondo a sua corrente para a parte do oriente, a fonte do Senhor da Vida está na descida do alto da Fonte da Fanqueira, expondo tambem a sua corrente para a parte do rio Cavado.

A fonte de Lisbe, amparou Cornelio Rapido, era figura da Christo Bom Jesus; na fonte do Senhor da Vida se vê a sua Imagem. A fonte de Lisbe segundo o mesmo Rapido, corria por uns canos occultos, e pela maior parte se deitava nos dias santos dos Judeus, que eram nos sabbados e nos

mais dias, e ainda n'esses dias santos a agua d'ella
occultamente se recolhia para regar as hortas Reaes
d'este mesmo ribeiro na fonte do Senhor da Viola, hor-
je muito por causa occulta, pela maior parte dos
seus Brunos, e dias santos se volta ao seu, por
ser n'esses dias o seu maior amor, e morrendo
e ainda a seu nos taes dias sahe nas lagas, occul-
tamente se communica para regar as hortas do Convento
Finalmente é a fonte de vida, segundo Santa Reneo,
pela virtude, que o Senhor lhe poz, n'aquelles dias cura
va de todas as enfermidades, e por isso morria a ella
n'esses mesmos dias muito povo, isto é o que hoje es-
tamos vendo n'esta fonte do Senhor da Viola.

É provada a agua desta fonte do Senhor da
Viola de muitas partes para enfermos, que n'ella
teem fé. As religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara
de Villa do Conde por muitas e repetidas vezes a teem
mandado buscar para as suas enfermas, que com
ella alcançaram tudo. D'ella tem ido agua para
a Cidade do Porto para o mesmo effeito e d'ella
foi tambem para a Villa de Aveiro para uma casa
de, marido e mulher, que muitos se achavam
gravemente enfermos, os quaes depois que a beberam
experimentaram inteiramente tudo, pelo que
deram ao Senhor infinitas graças.

Finalmente, se quando a grande Bahia mandou
por seus discipulos perguntar a Christo se elle era o
Messias, que havia de vir ao mundo lhes deu o mes-
mo Senhor em resposta, que dissessem a elle o que
tinham visto, e era que os cegos viam, os aleijados
andavam, os leprosos eram limpos, os surdos
ouviam, os mortos ressuscitavam, e os pobres
evangelizavam, todos estes prodigios temos visto
obrar o mesmo Senhor pela sua misericordia
tambem com o titulo de Senhor da

→

- Senhor da Fonte da Vida -

Dá-lhes não individualmente mais que veneração religiosa, respeitosamente e contínua não ficaram de nossos Religiosos curiosidade de os escrever, nem havia pretensão, porque como diz o Evangelista Lucas no fim de sua Evangelica História, se d'aquele tempo se houvesse de escrever tudo quanto particularmente obra, não caberiam os livros em todo o mundo todo.

- Fim.

Esta copia respeita - de a ortografia da época.

- V. Bandeira de Sá

Nota: Nas costas da ultima fotografia encontra-se escrito:

Vende-se por 40 rs. em casa do Reverendo Felix Ferreira Alves Guimarães. — Barcellos.

× × ×

Este testemunho era meu avô materno. - V. Bandeira de Sá

× × ×

Advertência: →

Fotografia autentica de uma Imagem, (considerada de dubido valor artistico), que se encontra na Capela-Mór da Igreja Matriz - Mãe do Evangelho -, tendo-se a certeza de que foi esta a primitiva Imagem que se venera va na velhota ermida da Lapeneira e não a que Antero de Faria fez alusão, conforme nós registamos a folhas 58 v.º deste Volume de Apontamentos para os chamados a atenção dos curiosos. (Sec. XIII - Medeiros, 96 d'altura)

= Santa Maria de Barcellos (Evangelho)

O "Convento da Franqueira", de título do "Bom Jesus do Monte — "Senhor da Fonte da Vida", assenta em terras da Casa de Bragança, que o Hº. duque D. Jaime deu aos Padres da Claustra, os primeiros monges que vieram procurar vida de isolamento e penitencia n'este local aprazivel.

(Vidé Antero de Faria, no seu livro "Franqueira-1947.)

Igreja do "Bom Jesus do Monte da Franqueira". ("Senhor da Fonte da Vida")

×

Vidé paginas 60 d'este Volume.

×

A' direita — "Fonte do Convento", no local do primitivo cemiterio.

×

O Convento do Bom Jesus do Monte — ("Senhor da Fonte da Vida") — ("A Franqueira", de Antero de Faria-1947)

Varias gerações viveram ahi, desde que de feminaria e Senhori a monti, a vereda curveta, assim cumbia cavadaria, pastada em lanços e sodeholas (or-

suas humildes capelinhas, cercadas ao largo pelo muro do Convento.

O sítio é ermo, e como esconsolado entre as serras montanhas surge o convento que foi dos antigos Franciscanos da Província da Soledade, com a sua igreja de cruz de nave, simples mas elegante.

A fachada do convento e do templo, na singeleza das suas linhas arquitetônicas, dizem bem transparecer a recolhida austeridade dos antigos mendicantes que durante muitos anos, ali habitaram.

. . . . . .

No ano de 1750 †, quando os primeiros frades vieram para a Tanguinha, ainda existia a ermida e sepultura dos fundadores.

. . . . . .

Os frades Capuchinhos vieram, ao findar o século XV, habitar o sítio em que Vicente de Pina havia erigido a ermida de Bom Jesus, e ali se conservaram até 1750 †, época em que foram substituídos pelos Franciscanos.

. . . . . .

Mais tarde, no ano de 1678, foi o Convento ampliado, sendo em 1708 novas obras com a acréscimo comum de um dormitório.

Da cêrca, hoje muito reduzida, pouco resta da sua beleza primitiva.

. . . . . .

× × ×

= Convento da Franqueira =

- Bens que pertenceram à Igreja -

("Ecos da Franqueira", nº 14 - 1º ano - de 4 de Dezembro de 1932)

Ao tempos anteriormente que um Juiz de Direito de Barcelos está arrendo dum terreno uma acção civil pela qual se pretende provar que a Igreja do Convento de S. Francisco existente nas proximidades do Monte da Franqueira, é hoje sua propriedade, valendo-se para a competente sentença de prova da propriedade a um documento que é a certidão dum auto que existe na Repartição (Cartório) do Registo da Justiça e que é do teor seguinte:

- Lista 514 =

- Distrito de Braga -

Convento de Nossa Senhora da Franqueira da Ordem de S. Francisco, na Freguesia de S. Paio de Carvalhas.

= Nº 3034 =

- Concelho de Barcelos -

Pedro Martins e mulher que se acham de edificar de dito Convento a sua oriente de oito, dezanove casas terreiras à habitação de pessoas e a respeito uma horta que é murada sobre si e aresta de vinte varas de frente e dez de.

Deveza de haver com pertenças, ervas e outras árvores de fruto dos mesmos que existe de uma mesma um arredo, de carvalhos; de fruto bastos da mesma qualidade do antecedente, com arredo de oito m. — A madeira que produz todo que vem da costa de Monte da Franqueira, à freguesia de Nossa Senhora de Remelhe, e do Monte que corre desde a Senhora da Franqueira, até à Senhora do Convento.

Foi avaliado por 1$400 reis. - Foi arrematado por 2$800 reis em 26 de Junho de 1839 por D. Teresa de Souza Barreto.

Consta desde em 14 de Agosto de 1839 com a Carta de sentença nº 5 S. A carta de arrema-

gar Ceu e Nº 350 A, está lançado a folhas 150 do livro 10 A de anos de 1937.

Registo provisório feito na Repartição de Finanças de Pinhal Novo até à vinda do actual Proprietário.

- (Artº 402 - Freguesia de Pereira -

- Rústico -

Antonio Augusto Arguelles Velaça, Lisboa, Convento da Trangueira e Terra Lavradia.

- Urbano -

- Artº 46 - Predeto -

Antonio Augusto Arguelles Velaça, Lisboa, Convento da Trangueira, de Terra Lavradia e Terreno Lavradio e mato.

Depois de anos que a igreja não foi aberta ao culto, sendo fortemente perturbado pelo Estado e da Câmara do culto da Freguesia de Pereira. ---

Em primeiro mandei fazer a fechadura do que actualmente se encontra registado.

Bens da igreja abertos, foi entregues à Igreja.

Convento da Trangueira

Bens que pertencem à Igreja

(Bens da Trangueira art. 1º de 11 de Dezembro de 1932 - ano 1º -)

Como se disse no auto final - dentro no Tribunal Judicial de Barreiro está sendo uma acção cível pela qual se pretende provar que a Igreja do Convento da Trangueira é pertença dos fiéis.

Para isto vem-se impedido brevemente tais coisas.

Pois não saiamos para que lado pende a Justiça, porque ela, na verdade, ainda se está pronunciou, mas parece-nos que mais uma vez a igreja triunfará, porque os seus direitos

tos ninguem lhes negará.

Apenas, requeiro mandem passar um extracto dum documento junto para fazer parte do Estado vendido e que respectivo comprador foi registar em seu nome.

Foi, ainda vamos dar publicidade a um outro registo feito junto dum antigo proprietário para fazer parte mais uma vez a exclusão da Quinta do Convento.

=Conservatoria do Registo Predial da Comarca de Barcelos=

-Freguesia de Carreira-

-B. 19 an.º 7.000-

"Quinta da Franqueira" em sitio do mesmo nome, Freguesia de Carreira, que confronta do Norte com caminho que vae para Antiguas, do Sul com caminho que vae para a igreja da Quinta da Franqueira, do nascente com Manuel Faustino e Antonio de Abreu, do S. Poente com Barcelinhos e do Poente com herdeiros de Joaquim Bettencourt, de Barcelinhos e Luiz de um negociante do Porto.

Esta descrição foi feita à face duma escritura de hipoteca, lavrada em Agosto de 1874.

Conferentemos com o seu theor foi-nos exhibido o que se segue:

Por escritura de compra feita por Carlos de Lima, da cidade do Porto, da referida quinta, foi requerido e feito o registo descrição e segue

-Averbamento-

Nº 1 — Este titulo requerido na inscripção de transcripção Nº 1099 do livro G 13, verificou que a freguesia de Carreira — Quinta da Franqueira — é constituida pelo antigo Convento de Bem Fazer da Franqueira da Ordem de S. Francisco, com igreja annexa, por casas proprias para habitação, por terreiros de entrada, com latadas e arvores an-

vadas e de pinta e de mato com pinheiros e outras arvores, tudo circundado por muros e paredes, pelo adro do Convento e Igreja, a dentro por um terreno com arvores pelo lado do Norte por onde confronta com a caminho publico e por ahi acesso ao caminho empedrado que vae desde ahi até á pinheira na pista do lado de S. Paio do Carvalhal, caminho que é pertinente desta Quinta, assim as sete capellas que no decurso dela existem, com imagens representativas nos Passos de Jesus Christo; e ainda por uma horta de mato com pinheiros, em continuação pelo lado do Nascente, confrontando actualmente, a mesma Quinta, com todas as suas pertenças, do Nascente com Imposto Predial e Caminho publico, Poente com José Figueiredo e outro, Norte com caminho publico e Sul com caminho que vae para a Quinta da Franqueira". ——————————

Eis como se transformaram os respectivos escritos feitos ha aproximadamente cem annos.

No pretorio nomeou, de fronte logar, publicamente a acção do arrolamento mandado fazer pelo Ministerio da Justiça e dos Cultos.

São bens da igreja, e como taes a ella devem ser entregues, para serviço do nosso espirito e da nossa alma.

——————— × × × ———————

= Convento da Franqueira (Voz da Franqueira" n.º 16 - 1.º anno de 18 de Agosto de 1932)

= Bens que pertencem á Igreja =

= Cópia =

= Auto de arrolamento adicional =

Ao dez de Setembro de mil novecentos e trinta, n'esta freguesia de Pereira, logar do Convento, reunio a Comissão concelhia de inventario composta do Presidente Eduardo da Cunha Velho Pinto Bessa

por delegação do Emo Senhor Administrador do Concelho, do Vogal da Comissão Administrativa da Junta da Freguesia José da Costa, presidente da respectiva comissão e de mim Vogal da Junta Caravana, por delegação do Senhor de Finanças servindo de Escrivão.

Procedendo ao arrolamento, em inventário adicional, dos bens existentes nesta freguesia e que não constam do auto de arrolamento datado de vinte e dois de Junho de mil novecentos e vinte passamos a fazer a descrição destes bens pela forma seguinte:

- Imobiliários -

No lugar do Cemiterio, da freguesia de Penela, uma igreja, cuja frente voltada ao norte, assenta em arcaria de pedra.

Sendo essa arcaria e a parede onde assenta a porta principal da igreja, ha um vão, coberto por uma parte do dito.

N'esse vão ha uma outra porta que dá entrada para as escadas pedes que vão para o dito e para a torre.

Tem esta igreja mais duas portas laterais uma ao nascente de serventia pública e outra ao poente.

Dentro da igreja ha uma capela mór com altar e mais dois altares laterais.

Tem dito e dois confessionários. Tem três cruzes processionaes de pedra, em forma de cruz, em bruto na parede.

Tem torre com dois sinos. Faz parte desta igreja uma sacristia para a qual se entra por uma porta que existe na capela mór.

Tem um terreno anexo circundado de pinheiros por forma a todo da igreja.

N'este terreno ha um cruzeiro de pedra e cruz obreiras.

No mesmo logar e a nascente do adro, um terreno inculto com muitas e diversas arvores a cuja sombra pelo norte e nascente corre ameno Ribeiro, pelo sul com a casa da Quinta do Convento e pelo poente com o adro.

No meio deste terreno ha uma rua para ser ao adro e que é formada por séries de arcadas com diferentes Sanguês e bordada de arvores em toda a sua extensão.

De cada lado das primeiras escadas ha uma pequena capella de pedra.

A' lado do norte tem dentro d'ella uma cruz de madeira com a imagem de Christo Crucificado e a de Sul tem a imagem da Senhora do Encontro.

A nascente deste terreno e separada delle apenas pelo caminho, mas fazendo parte integrante da igreja, ha uma antiga cerca, onde em toda a sua extensão existem, distanciadas umas das outras, cinco capellas, quatro do lado norte e uma do sul.

Esta cercada, em pedras em pé levantadas para ser atravessada pela nova estrada que se anda a construir para o Monte da Trapeira, lá está situada na Freguesia de Carvalhas.

- Moveis -

Na Capella-mór - Um altar em talha e sacrario. A imagem da Pressa Senhora da Conceição. Um cruzifixo de madeira dourada em Christo. Seis Candieiros. Cinco Jarras de Porcelana, duas de louça de barro e dois Solitarios. Frez-Sacras. Uma Credencia vermelha em folhas e outra pre-

ca de linho, com rendas. Nos lados as imagens de Santo Antonio e São Tiago. Defronte do altar a imagem do Senhor morto deitado.

No altar de Santa Teresa - As imagens de Santa Teresa, São José, Santa Luzia e Senhora da Conceição, dentro de um oratorio de vidro. Um crucifixo de madeira, pintado de preto com Cristo. Quatro frontais. Seis castiçais. Seis jarras. Seis vasos. Uma toalha vermelha com bordo e outra de linho com rendas. Nos lados as imagens de S. José e Rainha Santa Isabel.

No altar do Senhor da Fonte da Vida - Um oratorio com a imagem do Senhor da Fonte da Vida, de pedra, pintado uma cruz tambem de pedra. Um crucifixo. Quatro frontais. Quatro castiçais. Duas jarras de louça e uma de porcelana. Uma jarra de vidro. Seis vasos. Uma toalha vermelha com bordo e outra branca com rendas. Nos lados as imagens de São José e São Tiago.

No Coro da Igreja - Um prado com a imagem do Senhor do Bomfim. Catorze pequenas cruzes de madeira pendentes das grades - Uma caixa das esmolas.

Na Sacristia - Um altar de madeira de castanho - Uma cruz de madeira com Cristo - Duas imagens, sendo uma de S. Judas Tadeu - Um armario de castanho com dois portaes - Um prado representando a ceia de Cristo, em máu Estado - Uma mesa com pedra marmore.

Nada havendo mais de que tratar deu o Presidente da Missão por encerrado o Termo em que se lavrou este Inventario de Carga, do que se lavrou este auto, em duplicado, na conformidade do disposto no artigo sessenta e sete do

Lei de vinte de Abril de mil novecentos e vinte e sete e que a Comissão vem assinar. E em fé de tudo da Caravana, secretário, redigimos e assinamos. (a a) Leonilio da Cunha Velho Pinto Rosa — José da Costa — João de Souza Caravana. ———

Eis acima transcrito o auto de arrolamento de todos os bens que pertenceram à Igreja e Bens anexos da Freguesia de Pereira.

Todo quanto atraz se lê também vem no jornal semanario "Ecos da Franqueira" e de fidedigno, foi por meu intermedio conhecido em que fiz com a pseudonimia de Fra Leal.

Fran.co Candoso e Silva

— A Igreja do Convento da Franqueira —

("Ecos da Franqueira", 1º ano - Nº. 48 - de 30 de Julho de 1933) — (De F. Candoso e Silva)

Por sentença de 8 de corrente proferida no Tribunal Judicial da cidade de Barcellos e assinada por dez dos Mmos Juizes (das comarcas de Barcellos, Caminha e Vianna do Castello), pois foi julgada em Relação ordinario, foi confirmado o direito e acção que o Estado tem à Igreja do Convento da Franqueira e que a Irmandade de Nossa Senhora da Franqueira juntou à herdade.

Foi resolvida esta importante questão com geral agrado, pois a atitude tomada pelo Snr. Conde de Cunha, Commissario — desde Fevereiro — de maneira a merecer a aprovação de todos os bracarenses em geral.

É que Deus não dorme.

Ninguem queria ver a Igreja do que lhe pertence!

——— * X — X * ———

=A' esquerda:

O antigo cruzeiro da Franqueira que ainda hoje se encontra no terreiro, quasi nas portas da Ermida, vendo-se ao fundo as ruinas que criminosamente destruiram para se fazer aquela Ermida.

×

"A Capelinha de Nossa Senhora da Franqueira" é a ampliação d'um templosinho romano, provavelmente o que hoje é a capela-mór que ainda tem a sua abobada interessionada com nervuras e a encher rada e os quatro arcos-fortes existentes.

Na capela ha que admirar o belo altar-mór de talha que veio da Ermida.

Em frente do templo veiado ao ocaso, o monumento erguido pela Imprensa Catholica de Nossa Senhora da Franqueira, levantado em 1929.

(Opinião de um jornalista portuguez escripta por occasião do Congresso Missionario que se realisou n'esta cidade em 1931).

×

Monumento a Nossa Senhora da Franqueira

Foi solenemente benzido no domingo dia 29 de Setembro de 1929.

A obra de granito do pedestal foi feita pelo habil artista - freguez barcellense Manuel Linhares, conhecido pelo "Grilo."

"Monumento a Nossa Senhora da Franqueira", todo em lindissimo granito da região e a imagem da Virgem em finissimo marmore.

Foi inaugurado em 29 de Setembro de 1929.

Foi levado a effeito a expensas de João Gomes da Silva, natural da freguezia de Antas, deste concelho, mas residente no Brazil ha muitissimos annos.

Projecto do arquitecto Bento Candido da Silva, do Porto.

= O Monte da Franqueira =

Como Epitafio de um extracto da "Descripção do Mosteiro e Principio do Convento da Bom Jesus do Monte da Franqueira, extrahida do antigo Cartorio de Faria e da Capella de Nossa Senhora da Franqueira que estão junto ao Convento, pelo Fr. Francisco de S. Thiago — Extracto da Chronica da Santa Prov. de Nossa Senhora da Soledade — 1762" diz - mas o seu auto em 1903. =

= Duas palavras do Editor =

Por muito tempo hesitei se devia dar á luz o presente opusculo.

Pedia, todas as vezes que lançava os olhos para aquelle monte, denominado da Franqueira, ao poente desta villa, distante cerca de tres kilometros, o espinhaço - de - cão envil-o esporear esperamente não só aos habitantes desta antiga e nobre villa de Barcellos, mas tambem aos de todo o seu concelho, e abandono, e pensei esperancioso a pesquisar muitos annos, e lançaram, a elle pouco de espolio de haver, lá da sua pitoresca eminencia, innumeros factos que tanto abrilhantam a nossa Historia, e possue ainda reliquias da mais remota antiguidade, como a ermida de N. Senhora da Franqueira, o convento dos frades com a sua linda egreja, onde se venera a historica imagem de Senhor da Fonte da Vida, etc.

Alem de possuir actualmente estas duas preciosidades, tambem se tinha apanar de um tempo remotissimo, haver existido no seu cimo á mesma ermida Castello da Franqueira, em cujo recinto para defesa dos moradores de Barcellos não existe outra memoria, a não de um montão de areia levantado pelos actuaes proprietarios, para sua utilidade.

Esquecido o Castello da Franqueira, pela falta de uma lapide ou qualquer outra memoria commemorativa no local da sua existencia, e mesmo de uma narração descriptiva que ainda amanhã nos desse idoneamente falle d'aquelle Castello á geração actual, seremos quasi mente desapparecer no esquecimento — sinonimo de es-

pouco mais ou menos imaginário de batalha ao seu rei. Por as pequenas pinturas dizem aquele Affonso Pépulo Imperador, Nuno Gonçalves de Faria, alcaide e governador do castello Castello.

Foi o caso que, vendo-se um dia esse governador, no tempo da guerra que D. Fernando de Portugal trazia com D. Henrique de Castella, obrigado a entregar o Castello ás tropas castelhanas, por quem fôra vencido em um recontro, ou a morrer ás mãos do inimigo, preferiu alvitrar-se morrer, como morreu, da morte mais cruel, mas reservando sempre a seu filho Gonçalo Nunes de Faria, que, até pena da sua maldição, não entregasse o Castello a mais gente alguma, senão a el-rei, seu senhor, ou á ordem do mesmo.

Ora, vendo quanto os livros d'aquellas pequenas circumvisinhas e amigos entre os quaes, desejam saber a historia da erecção da Egreja da Conceição, commento e opinião sobre Egreja da Victoria e do Castello de Faria, e, como mais lhes é facil a aquisição de obras que a taes respeito lhes forneçam mais ou menos esclarecimento, já pela sua variedade, já pelo elevado preço por que se vendem essas poucas que apparecem, resolvi desmembrar da excellente "Chronica da Santa Prov. de N. Senhora da Soledade" esta narração descriptiva.

Se este opusculinho, com as escassas informações que nos foram ministradas, augmentar entre elles o gosto dos admiradores de taes assumptos, e chamar a sua attenção para a deliciosa, encantadora e deslumbrante panorama que d'ahi se fruia, tanto, sem duvida ha de concorrer a necessidade de se tornar mais facil o accesso ao cume d'aquella formosa serra, por meio de uma estrada mais commoda para os livros do norte, e este será como para a procissão de outros

admitte methodamente a seguir.

Sôr estes os mais antigos dados de Historia. ———

——— x x x x ———

O apontado de que atraz nos referimos é o extracto da Chronica da Santa Provincia da Soledade - 1762 - por Fei Francisco de S. Thiago - redigido - e distribuido ao Convento da Lapa, ao Convento da Lapa da Serra da Vida (Convento dos Frades Franciscanos) e Custodia de Tania.

Para aqui apenas colhemos resumidos elementos. ———

——— x x x ———

= Convento da Franqueira =

Vicente de Freitas e sua mulher Catarina Affonso, naturaes da cidade do Porto, no anno de 1427 viveram vida ecclesiastica no sitio, onde existe a primeira Convento da Serra da Franqueira; e ahi edificaram uma Ermida com o titulo de Bom Jesus, collocando n'ella a imagem do Senhor Crucificado.

Privilegio por Elles concedeu El-Rei D. Affonso V de Portugal.

No mesmo sitio foram seus corpos sepultados e d'ahi trasladados para a Egreja do Convento, que hoje existe, Liv. 4. Cap. 3 n.º 174 seg.

(Consta esta nota do Indice das cousas notaveis do Tomo 11.º da Chronica da Provincia da Soledade a folhas 952). ———

——— x x x ———

= Acompanhado do apontado a que acima nos referimos =

Nº Paginas 10 - "..... Um dos principaes montes desta deliciosa Provincia da Santa Cruz é o alto chamado da Franqueira ou Archeante da notavel Villa de Barcellos, por, para Poente correndo para o Sul á vista do mar Oceano, que lhe fica distante mais de duas leguas, nelle da fonte do Norte se vê fabricado o mystico cedro, fragante em santidade, em o nome da Senadoria da Provincia, o nosso Convento, cujo Titular é o Bom Jesus.

A fragina 11 = "..... E sendo assim, vem a ficar mesta ma-
pia a nossa Comenda de Ponte da Trapenia,
a qual monte fica hoje na Freguesia de Lamel, de onde
fui mais hora e meia distante a Vila de Bates, onde
foi martirizado S. Pedro, primeiro Arcebispo de Braga,
que foi cito de chamar de Bates, por ser ahi a sua
sede e ser martirio. ——————

A fragina 12 = "..... e ainda nestes annos uma legua
para o mar distante do Monte da Trapenia na chamada
da Lapa Negra se abrio uma mina, em que se tiveram
principios ouro, que se não continuou por ser pouco
abundante, e ser necessario o gasto para se continuar.

A fragina 13 = "..... Fica o monte de Lamelas a parte
Occidental da Vila de Bates, não muito longe d'ella,
e tambem não muito distante do monte da Trapia-
na. ——————

A fragina 14 = Dá-se noticia do antigo Castello de Faria, e da Capella de
N. Senhora da Franqueira, que estão junto ao Convento:

Junto ao muro da cerca do nosso Convento á
parte do Sudoeste, em uma pregaõ do Monte da Fran-
queira, em um calheo mais obra da natureza, que de
arte, se eleva o antiquissimo e afamado Castello de
Faria, hum dos principaes Farias deste Reino, de fama
espalhada de fortaleza inexpugnavel daquelles antiguos
seculos, da qual se não vem mais que as ruinas
e fundamentos, porque ao tempo nem ainda os mais
fortes Castellos resistem, tudo acaba e consome. ——

A fragina 15 = "..... Já antes de Portugal ser rei-
no, existia este Castello de Faria; porque, quando por
morte do Conde D. Henrique se sentenceou o Condado
de Traztamar das terras de Portugal, diz o Conde D.
Pedro, que o Santo Rei D. Affonso Henriques jo-
mou a os Castellos de Neiva e Faria e d'elle se-
nhoreou a recuperar com armas e feridos. ——

A fragina 15 = "..... No tempo de acima ser

feito Rei D. Fernando de Portugal, estando em guerra com D. Henrique Rei de Castella, se veio a Cidade de Lisboa cercada e abrazada pelos Castellanos e ao mesmo tempo entrou entre Douro e Minho, Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado de Galliza e chegou correndo a terra até á Villa de Barcellos.

Para juntar com elle se ajuntaram muitos Fidalgos d'aquella Provincia com gente, que fundaram apontar e foram mandados este.

Era ao mesmo tempo Alcaide e Governador do Castello de Faria, Nuno Gonçalves de Faria, Senhor de Trenhaes, o qual deixando no Castello a seu filho Gonçalo Nunes de Faria com gente, que tinha de presidio, saiu ao campo com a de Villa de Barcellos a ajudar aos seus naturaes, porem chegou a tempo, que os Castellanos os tinham já desbaratado; e voltando sobre Nunes Gonçalves, o cercaram, prendendo-o e carregando-o de ferros.

Vendo-se este assim preso, disse aos Castellanos que o levassem ao pé do Castello, que elle dizia e persuadiria a seu filho que o entregasse.

Assim o fizeram; e chegando ao pé do muro do Castello e chamando por seu filho, com animo valoroso e esforçado, cheio de lealdade e honra, estimando mais perder a vida que a sua honra em menoscabo e ser desleal a seu Rei e Patria, lhe disse: — Bem sabes, filho, como este Castello me foi dado por Sel-Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei preito e homenagem, mas por minha desventura saio hoje d'elle, enviando que o visto o servia. Meus inimigos me trazem aqui, porem que te diga que lho entregues; mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade que devo, portanto te mando sob pena da minha maldição o não entregues a pessoa alguma, senão a Sel-Rei meu Senhor, ou a quem Sua Alteza por seu certo recado mandar.

Ouvindo isto os Castellanos, e tendo-se por escar-

nacidos, mataram a Nuno Gonçalves ali logo na freguesia do filho, fria e indecentemente, a punhaladas, e a feriram em muitas. Disto e lamentavel ....

A 1ª paginas 16 = Morreu Nuno Gonçalves de Faria pela fidelidade e pela fidelidade devida a seu Rei, mas viveu por gloria e viverá para sempre na memoria dos homens, e nos nomes dos filhos Gonçalo Nunes de Faria, que valorosamente defendeu o Castello como seu pae tinha feito, e depois de alguns dias de sitio retiraram os castelhanos. —

— x x x —

RUÍNAS DA TÔRRE DE MENAGEM DO CASTELO DE FARIA, POSTAS A DESCOBERTO PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

A 1ª paginas 17 = O dito Gonçalo Nunes de Faria, sendo depois pintalmente senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de Santa Iria de Rio Covo disse de El-Rei D. Dinis I, se foi elle e foi Alcaide da Santa Eulalia de Rio Covo, termo da Villa de Barcellos, nascendo na casa de seu irmão Alvaro de Faria, de quem procedem os Farias de Barcellos e os mais deste Reino. —

A 1ª paginas 18 = Encosta-se ao oriente do Castello de Faria e aos pés do Cemiterio, separado do muro da cerca d'elle, se eleva o cabeço mais eminente e alto da serra da Franqueira, com subida assaz ingreme desde a parte, do qual se descobrem muitas terras recreativas e muito distantes, a parte do mar Oceano, vistas todas e orizontes que fazem aquelle sitio muito agradavel e delicioso.

Vê-se este monte coroado com a antiga e magnifica Templo de Maria Santissima com o titulo da Franqueira,

tomado da terra em que está. ——————

A página 18 = Diz-se a primeira fundação desta capella ser pando

OUTRO ASPECTO DAS RUINAS DO CASTELO DE FARIA,
TAMBÉM DESCOBERTAS PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

Egas Moniz, Aio do primeiro Rei de Portugal e Santa D. Thereza Henriques, e a' de então seria pequena e dita Princeza assistia no Castello de Faria, sendo ainda Infante e pode ser que d'ahi tivesse principio a tradição de ser esta capella da mesma Senhora e com o mesmo titulo da Purificação, que consideramos mais um tipo, tambem de muita devoção e concurso, ha no Bairro da Palha, junto á Villa de Villa Nova e que assistem os Religiosos da grande Patriarcal S. Bento.

Tambem por se verem as armas dos Pinheiros no exterior da Igreja se attribue a sua factura a D. Diogo Pinheiro Bispo que foi do Funchal, primeiro Commendatario do Mosteiro de S. Simão da Junqueira e Reitor de S. Salvador de Pereira, em cujo limite está este Santuario e é hoje Vigairaria do Arcebispado da Companhia de Jesus da Cidade de Braga e se chama S. Salvador de Pereira por distinção de um logar que lhe fica junto, chamado Pereiró, que pertence á Freguezia de S. Paio de Carvalhos.

CASTELO DE FARIA – Tôrre de menagem, vista do lado norte

Este D. Diogo Pinheiro era natural da Villa de Barcellos, descendente de Gaetão Gomes Pinheiro, Fidalgo nobre

do da Sallaja pra existirem as ruinas e torres da dita Villa, por mandado do Infante Duque de Bragança D. Affonso, pra fortificação. Ha dentro da mesma Villa hoje Quinta de Paço umas casas com duas torres, obra magnifica, pra ainda hoje existe onde se chama o Terreiro.

A' pagina 19.= A fortificação da mesma Igreja fez ao mesmo tempo muros com sua torre e seus fossos, pra se ver em todos aquelles contornos, com Brazões dentro da Cerca.

Já' no anno de 1416 era muito celebre este Santuario de Maria e Santissima propria esplendendo nesse anno El-Rei D. João I a visitou em Pessoa, acompanhado com elle seu filho illegitimo D. Affonso Conde de Barcellos e Primeiro Duque de Bragança, selebrando em a nossa Convento de Chaves, foy este Rayo pra a dita Empreza por trophéu da victoria e memoria de favor pra a Senhora lhe fazer n'aquella occasião um par de veis em fundo azul com os Muros, uma pedra de Enxofre em pé Cosmi Corbelhas azul, com d'aquella Cidade, o par de um Leão antigo pertencente ao mesmo Duque pra da Senhora, no pé de cada escudo a Letra.= Este Duque D. Affonso, filho bastardo de El-Rei D. João

Primeiro, foi ora tomada de Ceuta, e ao despejo mandou arrancar quinhentas arvores de marmore dos paços de Colhubencafala, e trouxe de lá uma meza de marmore muito fina, onde o dito Colhubencafala comia e a mandou pôr em uma Igreja de Barcellos ao Altar de Santa Maria da Franqueira, tirada de grande romaria.

RUINAS DA CITANIA, JUNTO DO CASTELO DE FARIA,
POSTAS A DESCOBERTO PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

E o Conde de Benavente, o velho, pae do que era, em anno de 1525 dava a D. Diogo Pinheiro, Bispo de Tuy, depois Arcebispo das Indias e Bispo de S. Salvador de Leiria, uma formosa tijeral de bordado ricco, porque Vossa Mercê, e elle mandou dizer que Vossa mão daria pelo seu Condado.

Das peninhas ornamos Arruce e Borja dizem pouco os seus Paços de Barcellos, das quaes hoje não ha noticia; antes disse mandou El-Rei seu pae pouco e Convento de Santa Catharina da Carnota, onde as quaes se arruinaram os arcos de abaixo.

A festa da meza é de finissimo jaspe todo de uma côr, não muito branco, mas resplandente; tem sete palmos de comprido, tres e meio de largo e de grossura dois dedos. Serve de ara ao Altar mayor e esta firmada pela parte de diante em tres columnas do mesmo jaspe, redondas e delgadas á proporção da meza; sepultamos pela parte detraz outras tres pela parte do norte, e pela de cima fecha a meza o dito Altar.

A pagina 29 = "Rectificação do Auctor" = Nas mesmas casas e terra de que estes nos dizeram, sem accrescentar nem deminuir nella cousa alguma, vivemos cincoenta e oito annos, até que no de 1563 nos vieram as grandes de tanta antiguidade e estamos ora naquellas D. Henrique de Lemos, ultimo Commendatario do Benedictino Mosteiro de Bendoge, aquelle muito amplissimo

a caridade para com os pobres e necessitados, medificou o Convento que dista cerca hoje de mil, distante da Cruz um largo tiro de mosquete para a parte de Norte.....

Não faz menção alguma dita mais pia casa Capuchinha esta Imagem de N. P. S. Francisco por memoria, a qual existe hoje pessoalmente, e das rendas do Castello de Faria veio a Esmola necessaria para as obras do Convento. ——

A Paginas 30 = Sempre este Convento de seu principio e por Titular foi a Bom Jesus Crucificado, cuja imagem se venera na Trilema do Altar-Mayor e se festeja no primeiro dia de Janeiro pre e a da Circumcisão.

A Paginas 44 = Lançou-se a primeira Esmola na primeira Capella ao pé do Ponte em 4 de Setembro de 1710. ——

—— x x x ——

= Lapide a perpetuar o feito do Alcaide Nuno Gonçalves de Faria em Castello de Faria =

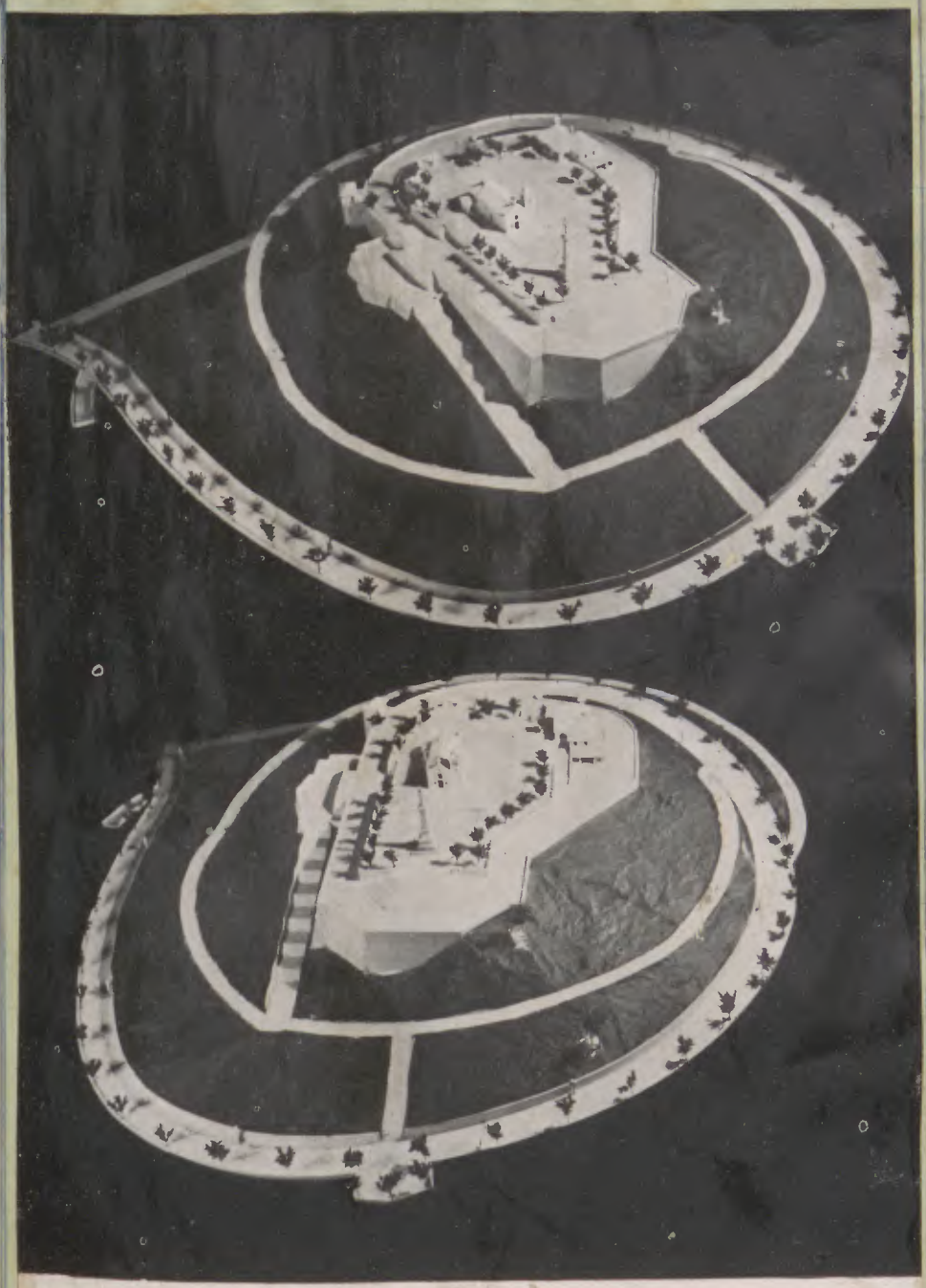
A Camara Municipal de Barcellos em sua sessão de 20 de Junho de 1857 sob a Presidencia do Snr. Coronel David de Barros da Silva Botelho pensou de fazer reviver e perdurar o feito do Alcaide Nuno Gonçalves de Faria e fazer reviver as tradições Históricas deste Castello, resolveu por unanimidade collocar ali uma Lapide que perpetuasse o acto heroico do referido Alcaide.

(Vide acta da Camara de 20-6º-1857.)

"Esta deliberação não se chegou a efectivar" x x x —— (Vide pag. 77 deste Volume)

Vide 7 paginas 97 do IV Volume destes Apontamentos

—— x ——



Aspectos da "Maquette,,

Segundo o projecto de melhoramentos da Franqueira

= Tomada do Castelo de Faria =

Quadro de Condeixa existente no
Museu José de Bessa, nesta cidade.

× ×

"Estai firme, constante
Estai seguro
Que menos é morrer, que
Ser preso."

< Da "Resenha Histórica" de J. Mancebo Sampaio >

× × ×

(Vide pag. 75 nº. deste Volume)

O Castello de Faria (1373)

(Alexandre Herculano) ("Lendas e Narrativas")

(Vide pag. 72 v.º e 75 v.º deste Volume)

A breve distancia da villa de Barcellos, nas faldas da montanha, abrigo ao longe um convento de franciscanos.

Aprazivel é o sitio, coberto de altas arvores. Ouve-se ahi o murmurio das aguas e a harmonia suave da mesma, harmonia da natureza, que quebra a tristeza d'aquella solidão, a qual, para mais reforçar as suas expressões de S. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horizontes faz mais enamorar e chamar o espirito ao contemplação das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do referido convento é formoso, mas aspero e selvagem, como quasi todos os montes do Minho.

Da dita cerca observa-se ao longe o mar semelhante a mancha azul entre-vista na fenda da terra.

O espectador collocado no cimo d'aquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as innovações e os rios, os prados e as fragas, os montes e os pinheiraes apresentam-lhe a panorama variadissima que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre Douro e Minho.

Este monte era então, pittoresco e esquecido, já se viu regado de sangue. Já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ayes de moribundos, estridor de habitações incendiadas, silvar de settas e estrondo de mosquetes de guerra.

Claros signaes de que ali viveram homens. Porque é que estas scenas que nos contam

mau deixar assinalados os sítios que eram
dignos para habitar na terra.

O Castelo de Tania, com suas torres e
ameias, com sua barbacan e fossos, com
seus postigos e alçapões ferrados, cumpriam
até como dominador dos vales circunvizinhos.

Castelo real da idade-media, a que lhe
disseram tome-se mas tenras dos tenros que já
lá vão na muita: mas a fome canina que
costuma devorar gigantes de marmore e de
granito, a tempo, com os seus muitos dentes, e o
antigo alcaide das eras dos reis de Leão des-
moronou-se e caiu.

Ainda no seculo decimo sexto junto da
sua escada estava disposta por aquelas
encostas: no seculo seguinte já poucos
vestigios d'ele restavam, segundo o testi-
munho de um historiador nosso.

Um cemiterio, inundado pela enchente do
Douro, era o unico eco do passado que
ali restava.

Na ermida servia de altar uma
pedra tirada do Castro pela primeira du-
queza de Bragança, D. Aldara.

Era esta lapea a mesa em que costuma-
va comer Salat-ibn-Salat, ultimo se-
nhor do Castro.

D. Afonso, que seguira com frei D. Fortes na
conquista d'aquela cidade, tomou esta pedra entre
os despojos que lhe pertenceram, levando-a comsigo
para a vila de Barcos, cujo conde era.

De mesa de banquete mouriscos converteu-
se essa pedra em ara de christianismo!

E ainda existe, porem sabe Deus até
o seu futuro destino!

serviram os fragmentos do Castelo de Faria para reconstruir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitórios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de abóbadas, as lumieiras das balestreiras e janelas em janelas claustrais.

O ruído dos combates cabou no alto do monte, e nas faldas dele alevantaram-se a harmonia dos salmos e o sussurro das orações.

Este antigo castelo tinha mordaças de pedra.

Os monges maiores, porém, curavam mais de matizar façanhas do que de conservar os monumentos delas.

Deixaram, por isso, sem remorsos, cair nos fossos de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portugueses.

Reinava então D. Fernando.

Este príncipe, por tanto degenerara de seus antepassados em valor e grandeza, fora obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do estado.

A condição principal, com que se pôs termo a esta luta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'elrei de Castela; mas, brevemente, a guerra se acendeu de novo, porque D. Fernando, mancebo de D. Leonor Teles, sem lhe importar o contrato de que dependia o repouso dos seus vassalos, a recebeu por mulher, com aperta da rainha castelhana.

Resolveu-se o povo a tomar vingança da infâmia, de que o aconselhavam ainda outros

indivíduos.

Entrou em Portugal com um exército e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a.

Sendo o nosso propósito narrar os sucessos desta guerra, observemos o que lá disseram, fizeram e por escrito nos ficou.

O Adiantado da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmento, entrou pela província de Entre Douro-e-Minho com um poderoso exército de gente de pé e de cavalo, empregando a maior parte dos regulares exércitos portugueses trabalhava inutilmente ou por defender ou por dificultar-lhe dificultar Lisboa.

Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até às imediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pôde juntar.

Foi terrível o conflito; mas por fim, foram desbaratados os portugueses, caindo alguns nas mãos dos adversários.

Entre os prisioneiros contava-se o Alcaide-mór do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves.

Saíra este com alguns vilãos para socorrer o Conde de Ceia, vindo, assim, a ter companheiros na comum desgraça.

Cativo, o valoroso Alcaide pensava em como salvaria o Castelo d'el-rei seu senhor das mãos inimigas.

Governava-o em sua ausência um seu filho, e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado désse a fortaleza para a libertar; mas mais ficando os meios de defesa enfraquecidos.

Estas considerações despertaram um motivo a Nuno Gonçalves.

Pediu ao Adiantado que o mandasse

conduzir até aos muros do castello, fugiu ella, com os seus companheiros, para com que a filha o enbeçasse, sem derramamento de sangue.

Um braço de béstieiros e de homens d'armas, partia a guarda do monte da Trangueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves.

A retaguarda de Galiza hia atraz com a posse da hoste, e a vanguarda na ala direita, capitaneada por João Rodrigues Viadona, estendia-se, cercando os muros pelo sul.

O exercito principiou a tomar posse do castello de Faria, que lhe prometera dar mas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan observavam as sentinellas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e crimas.

Os seus habitantes, apenas vislumbraram as lanças dos bandeiras castelhanas, que esvoaçavam altas ao vento, e viram a reluzir cintilante as armas, inimigos, abandonando os seus lares, foram recolher-se ao terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres, as atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os almogavares corriam com a volta (1) pelas guadrellas do muro e subiam ao cubello exterior nos angulos das muralhas.

O terreiro onde se tinham recolhido os habitantes da povoação estava cheio de choupanas esbarradas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam ao abrigo da eminente desgraça.

Quando o braço dos homens d'armas que levavam prisioneiro Nuno Gonçalves, minha avó a poucas distancias da barbacan,

(1) Roldas e almogavares eram os soldados a pé que serviam encarregados de rondarem os postos e atalaias.

as bestas que arrastavam as cangas encurvaram as bestas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os ombros as duas grandes e pesadas, emquanto o alarido e a chuva se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um grande, saído do meio da gente dos romeiros, ameaçou para a hoste com, todas as hastes se inclinaram para a chuva, e o sangue dos machadinhos emmudeceu-se n'um silencio profundo.

— "Mouro alcaide, mouro alcaide! bradou o grande — tem que, castiço de mui nobre Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado da Galliza pelo mui excellente e temido D. Henrique de Castella, deixa falar amiga, de fóra do teu castello".

Gonçalo Mendes, o filho do velho alcaide, atravessou entre terreiro e, chegando ao barbacan, disse ao grande —

"A Virgem Santissima meu pae: dizei-lhe que eu o espero".

O grande voltou aos seus soldados que prodigavam mouros gracejos, e, depois de bem demora, o castello abriu-se do barbacan.

Chegados ao pé d'ella, o velho percorreu-a, ia dentro os seus guardadores, e falou comsigo:

— "Sabes tu, Gonçalo Mendes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entregaste a teu grande guardo sem em soccorro e ajuda do esforçado Conde de Ceia?"

— "É" — respondeu Gonçalo Mendes — do nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem fui de lá pedir paz e menagem".

— "Sabes tu, Gonçalo Mendes, que a dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique entre os alicerces das ruinas d'ele?"

— "Sei, oh meu pae!" — Murmurou Gonçalo Mendes em voz baixa, para não ser ouvido dos seus

lebrous, que começavam a murmurar. —
Mas, mas não será que a sua morte é certa, se os inimigos forem que me aconselhaste a resistência?"

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, chamou então: — "Pois se o destino cumpre o seu dever, alcaide do Castelo de Faria!

Maldito por mim, se pulsado se for tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me agora entraram n'esse Castelo, com traição roubaram ao teu valor!"

— "Morra! — gritou o almocreve assobiando — morra o que nos atraiçoou". —

E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

— "Defende-te, alcaide!" — foram as ultimas palavras que ele murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, chamando vingança.

Uma nuvem de setas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves caiu a morrer banhe em o sangue de humanidade ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o Castelo; no primeiro dia de combate o terceiro da barbacan foram abandonados de valentes defensores e de armas e roupas reduzidos a cinzas.

Um soldado de Pedro Rodrigues Lamunt tinha arrancado com a ponta da sua lança chamas uma almaça incendiada para dentro da casa; o vento soprava rijo com violencia, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do Castelo, pereceram juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pae; lembrava-se de que a veia mor

rindo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos a ultima grita de bom Gonçalves — "Defende-te, alcaide!"

O infeliz Lamunha viu a sua soberba abatida diante dos muros do Castello de Faria.

O moço alcaide defendia-se como um leão, e a custo foi dominado. Foi amortaçado a levantar a cerco.

Gonçalo Vaz, acabada a guerra, era altamente honrado pelo seu bizarro procedimento e pelas façanhas que obrara na defesa da fortaleza cuja guarda lhe fora encommendada por seu pae no derradeiro transe da vida.

Mas a lembrança dos horrores succedera estava sempre presente no espirito do moço alcaide.

Pedindo a el-rei a desoneração do cargo que tão bem desempenhára, foi depôr aos pés dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, prompto a cobrir com as vestes sagradas do sacerdocio.

Ministro do Senhor, era com hymnos e preces que elle podia pagar a seu pae e ter obtido de perpetua fama o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta fama, não ha hoje ali uma unica pedra que a atteste.

As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

× × ×

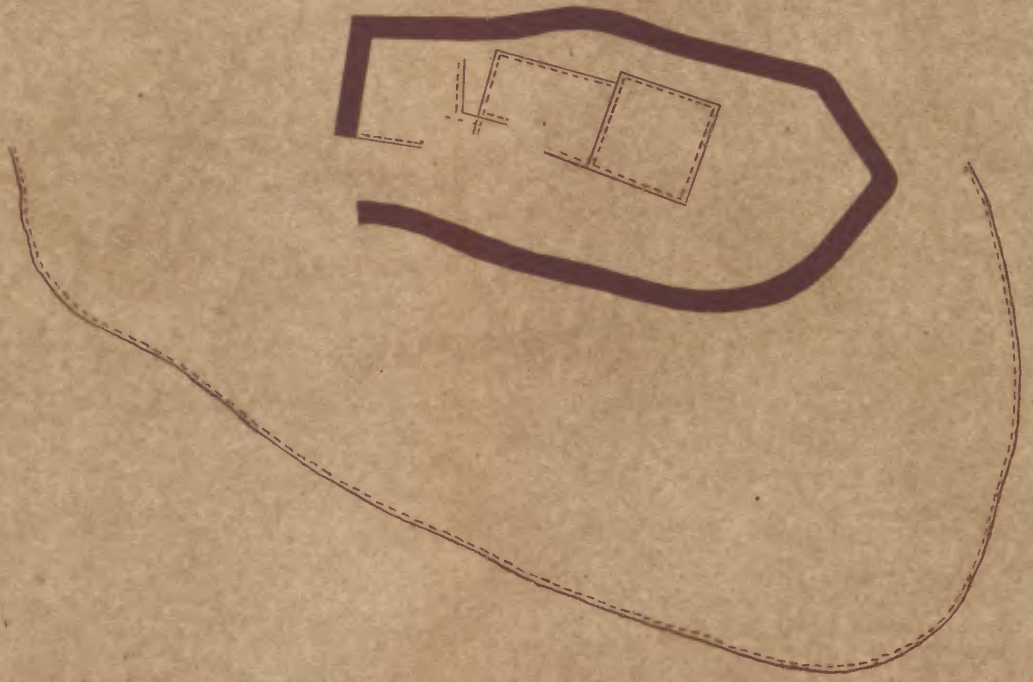
Alegoria ao Otagne e defeza do Castello de Faria

Planta das Ruinas do Castelo de Faria

S.

N.

Escala
1/500



Legenda

Muralha

Outras ruinas

O episodio veridico do ermitão do Castelo de Faria

A lenda do velho peditó e do seu cão

Já lá vão decenios e muitos anos.....

Junto das ruinas do historico e desmantelado Castelo de Faria - bacanal bendita da honra de Portugal - vivera em tempos idos um santo velhinho, de barbas muito brancas, junto anhelava e, no rosto, a expressão inefavel d'uma bondade infinita.

Fervorosamente crente e apiedado sempre das miserias humanas, era de uma humildade extrema, jovanando apenas, pelos dias tristes da sua penitencia, apiadar a Deus e bem servir a religião de Cristo.

Era pobre e resignado como Job.
E, como ele, desejando sofrer mais ainda, erguia suas mãos em prece, repetindo a angustia dos aflictos:

- Amplius, amplius. Domine!

Respirava-se n'uma tal abertura n'um dos cumes d'aquela montanha.

Pairava sobre rama de pinheiros e urzes um corpo macerado com uma manta esfarrapada.

Era seu unico companheiro esse miseravel cachorro que lhe votava uma dedicação fidelissima, compartilhando da vida solitaria d'este pio fratico velhinho, apenas conhecido e respeitado por todos como o ermitão do Castelo de Faria.

Duas ou tres vezes na semana o bondoso ancião descia a encosta d'aquela monte e, seguido sempre pelo seu cão, esmolava pranto de si e pranto o seu companheiro.

Ninguem lhe recusava um raio de pão, diversos legumes, algumas batatas e hortaliças.

E os pes e verduras, apenas lhe predisam

em troco que em suas rezas implorasse de Deus a misericordiosa perdão para as almas dos seus parentes falecidos.

O eremitão alentava os humildes aldeões, sempre empenhado pela penitencia a que se votara, repassava de novo as imperiosas regras d'aquela moradia primitiva.

Certa noite foram os habitantes d'aquelas terras avisados com a mesma inquietante e continua do d'aquela humilde cachorra, que, lá do alto da montanha, inquietava os amigos tranquilos d'esses aldeões, que, persignando-se, logo se recolheram em intima oração espiritual.

Aquela não mãe não se cansava de uivar: Grande mal acontece ou alguma desgraça nos vae suceder.....

E por aquelas sitios já ninguem dormia sossegado durante toda a noite.

Na manhã seguinte recomendaram a seus pastorsitos que costumavam apascentar pelo n'aquela monte para visitarem o eremitão, pois receiavam que elle tivesse sido victima de qualquer desastre.

E os pequenitos, ao entrarem na toca do eremitão reconheceram que elle tinha morrido e que a mãe cadella ainda lugubremente, apoiando a sua fronte sobre a do seu dedicado companheiro.

Deram-se pressa os pastorsitos em dar conta do que tinham visto, e os de Mithaes, apiedados do tragico successo, transportaram o seu corpo para a ermida d'aquela aldeia, para que elle fosse enterrado no "logrado" - em sepultura aberta em terra benzida e sagrada.

E logo todos disputaram a posse d'aquela animal, que desde então ficou em abandono.

A mãe cadella consentia em demorar-se em qualquer das moradias d'aquelas aldeias.

Fugia sempre para a serra da montanha e, como era de costume, descia ao povoado para mostrar a fera sem se esquecer nunca de visitar também o cemitério onde para sempre desaparecera o corpo do seu antigo dono.

Mais tarde, porém, a encharca desaparece para nunca mais ser vista.

E todos se convenceram de que a minha se enamorara e fugira depois para longínquas paragens.

Os frades, levados pela curiosidade de admirarem a "Casa do Santinho" penetraram novamente na cova na abeta na montanha.

Remexeram o encendido leito de rama de giesta e ficaram estupefactos por um caso imprevisto! — a encharca tinha ali morrido também e o endoudecer do pobre animal estava envolto nos miseros farrapos da pela manta vermelha que ostentava abrigar dos rigores do inverno e corpo martirizado de simpatico e misterioso eremita, que — segundo a crença dos povos das aldeias em redor — entrara a fugir a Deus e a si-mesmo tendo para os descendentes dos que o apedrejaram com seus cantos....."

— x x x —

— Castelo de Faria —

Em 1385 ainda Minha guarnição e era governador por Alvaro de Faria.

Em 1563 estava de todo abandonado e nesta altura o Duque de Bragança D. Jaime (senhor de Barcelos) mandou-o demolir para aproveitar todo o seu material para edificar o Convento dos Padres Claustrais, á distancia de uma Hora de caminho.

— x —

(Vide paginas 75 do 4º Volume destes apontamentos.)

— x —

O Castelo de Faria, foi demolido em 1563 e toda a sua pedraria foi levada para a construção do Convento dos Frades, da Franqueira n'este ano.

— x —

Solar da Familia do Alcaide Fno Gonçalves de Faria, existente ainda na Freguesia de Faria, Concelho de Barcellos e onde o mesmo Alcaide viveu.

× × ×

A' direita — Logar onde se diz que um emissário seu deram o Alcaide Fno Gonçalves de Faria.

× ×

Bestia de mau éco retumbante

(Publicação feita no O Barcellense, por Franc.co Gonçalves da Silva) (Novela)

A defeza do Castello de Faria

Como ennida gente desconhece a razão porque o Castello de Faria de tamanho historico, vem "á baila de novela", dar publicidade a uma resumida narração dos factos que por ahi se desenrolaram em 1373.

Embora seja uma descripção engendrada por mim, é alicerçada em registos da historia ou da tradição que originou o que o Castello de Faria e de seus Alcaides Nuno Gonçalves Pessanha fizeram para bem e sempre ficarem com letras de oiro na Historia de Portugal.

Apanhados os elementos que julguei necessarios para, — sem grandes macadas, — descrever este episodio, passemos assim a contar esta historiasinha.

Faria

Freguezia situada no Minho, concelho de Barcellos, distrito de Braga, 24 quilometros ao O. desta cidade, 345 quilometros ao N. de Lisboa, bastante pittoresca, tendo como orago Santa Maria (Nossa Senhora d'Assumpção).

Archiepiscopado de Braga. Em tempos idos foi amoeada á de Abilhaes, formando uma só freguezia sob o nome de Abilhaes e Faria.

Está aproximadamente situada em uma fria região entre as freguezias de Abilhaes, Vilar de Figos, Paradela e Cristelo.

A igreja parochial é muito antiga, mas foi reedificada em 1694, segundo consta de uma data que está sobre a porta da igreja a qual tem um campanario com tres sinos, feito em 1846.

Esta freguezia é muito antiga. Origem a-

gues que chegando a este sitio Offir ou Ophir, filho de Letan, 4.º neto de Ave, fundou esta povoação pelos anos de 1900 do mundo (ou 2104 antes de Jesus Cristo).

Outros dizem que os seus fundadores foram os netos de Offir, pelos anos de 2000 do mundo, ou 2004 anos antes de Jesus Cristo.

Os fundadores, quem quer que eles fossem, poseram-lhe o nome de Offerina.

Diz-se tambem que chegando aqui, pelos anos de 2700 do mundo (1304 antes de Jesus Cristo) Faria, chefe grego, fundou ou reedificou Faria dando-lhe o seu nome.

Outros querem que o nome lhe provenha de Faraí celebre na biblia.

Finalmente, dizem outros que apportando aqui os gregos, ahi pelos anos 2700 do mundo - (1304 antes de Jesus Cristo) fundaram ou reedificaram a povoação pondo-lhe o nome de alguma das terras da Grecia, como era Creta (hoje Candia) a cidade de Phara, na Laconia, Pharia, ou em fim, do rio Fau.

Alguns até pretendem que o nome de Faria provem de Santa Fara, virgem, que foi monja benedictina e morreu em odor de santidade pelos anos de 620; mas não é verdade porque Faria já existia com este nome em 1093 quando o Conde D. Henrique, pae Joana Portugal.

O Castello de Faria

O Castello de Faria é antiquissimo e tanto assim que não se sabe ao certo quem o fundou e em que data.

Ha quem queira affirmar que elle foi edificado pelos gregos quando apportaram

agui em 2900 do mundo (1104 antes de Cristo) e ainda quem sustente que este Castelo foi fundado pelos Fenices e que por isso se chamou de Fenicia, donde foi corrompido de chama Tangueira, o que querem fazer vir por as armas do Castelo terem tres flores de liz, mas não é isto verdade.

De todo quanto ha escrito, só se colhe que o Castelo de Faria é de muita antiguidade e foi importantissimo em eras remotas.

O Conde de Fontanária, D. Fernando Paes de Faria, que a historia nos diz ser casado em segundo de D. Filipa, viuva do Conde D. Henrique, pelos anos de 1123 em 1126, pretendeu tomar este Castelo, porem D. Afonso Henriques defendendo-o, foi aguila em fuga.

Este Castelo foi por muitos seculos residencia e solar de senhores grandes e deu o apelido aos Farias.

Tambem teve condes e foi por muitos seculos dos Condes, dos frades congios da Tangueira.

Pelos anos de 1400, D. João I fez Conde de Faria e Feira a D. Gonçalo Teles de Menezes, 5.º neto da celebre D. Maria Paes Ribeira (a Ribeirinha).

Foi esta senhora que mandou pôr as flores de liz nas armas deste Castelo por as possuir nas suas.

Este famoso Castelo foi edificado em alto de um monticulo situado á sudoeste de Barcellos e distante desta 5 kilometros, aonde ainda hoje se veem restos das suas ruinas mencionadas tendo sido demolido pelos frades em 1563 para com os seus materiais se edificar o Convento da Tangueira, que lhe fica huma legua.

Em 1373 estava este Castelo na posse

de Alcaide Mor Gonçalves de Faria, fidalgo portuguez que viveu no tempo de El-Rei D. Fernando, tendo este nomeado para aquele cargo, pela qual prestou o seu juramento de fidelidade nas mãos d'El Rei (no acto de prestar a respectiva menagem), por carta de 21 de Março de 1367, tendo-lhe a mesma sido dada a terra de Trilhares por carta de 29 de Maio de 1367.

Nuno Gonçalves de Faria, tinha já sido nomeado Alcaide do Castelo de Faria por El-Rei D. Pedro I por carta de 26 de Junho de 1357.

N'estes tempos os alcaides mores eram as pessoas que rodeavam o rei no tempo de guerra.

Tinham o comando em chefe sobre as guarnições de guerra em portos, bem como sobre os territorios circumsinhos e a obrigação de abastecer com guarnição, armamento e alimentação e de os defender, na guerra por qualquer forma, por isso prestavam juramento nas mãos do Principe, sendo a mais pequena falta na defeza das praças que lhe estavam confiadas, punida como um crime de lesa-magestade.

Estes logares, pela sua importancia, eram dados só a homens de reconhecida confiança, de autoridade e nascimento nobre.

O Alcaide-mór podia, em caso de ausencia, nomear para a guarnição um Castello sob as suas ordens, um Alcaide-menor ou Pequeno que na qualidade de substituto tinha que prestar juramento.

"D. Fernando I, rei de Portugal, tendo-lhe a natureza liberalmente concedido todos os dons para se fazer amar do seu povo conseguiu separar-se d'elle por completo. Tantos foram os erros e os escandalos que provocou.

Verdade seja que exercendo uma administração recta e prudente, não foram contribuindo para a prosperidade do País, mas a sua rival-idade e a sua política traiçoeira, foram os causadores de muitos gravíssimos males. (1)

O povo de Lisboa que o via correr a cada passo para Santarem, desafogava n'um estribilho das ruas o seu desdem por esse rei leviano que repartia os seus entre D. Leonor Telles e Santarem:

"Ei-lo vae — Ei-lo vem
De Lisboa a Santarem". (2)

O Alcaide e Defesa do Castelo

Corria o anno de 1373 no seu começo. Em meados de Fevereiro n'uma nova rompimento de guerra com Henrique de Castella, D. Fernando ausia-se ao duque de Lancaster em-baixador apud.

O rei de Castella indignado da infidelidade de D. Fernando, esforçando-se, em vão para arrancar a paz, invade Portugal com um exercito.

O rei de Portugal vê dos muros de Santarem, marchar a immigo sobre Lisboa, tendo n'esta altura sido parte da cidade destruida em chammas.

No mesmo tempo a provincia do Minho era invadida por Voluntarios de Galiza Pedro Rodrigues Sarmento.

O Conde de Cea, D. Henrique Manoel, saiu-lhe ao encontro com a gente que poude ajuntar.

---

1) Vide Encyclopedia Portugueza Illustrada, de Maximiniano Lemos - Vol. IV a pag. 1110.

2) Chronica de D. Fernando por Fernão Lopes de Leão, a pag. 192 v.º

O Alcaide Fernão Gonçalves de Faria ao receber ordem no dia 21 d'aquele mez para com a sua gente, ir prestar prompto e immediato auxilio ao Conde de Ceia, não estranhou, ou fez outro, não receber esta ordem ou communicação com pieza, antes ao recebe-la de encommodo, embora um tanto encolerizado, pois desde ha muito que vinha tomando conhecimento dos desvarios de D. Fernando e, em consequencia com seu particular amigo o Alcaide do Castello de Feira, que era pequenitador assiduo do seu solar de Faria, em Pedrogaes, muitas vezes combinaram as suas vistas e mais de uma falaram na defeza dos Castellos que el-rei lhes havia confiado.

Vem tinham, na verdade, assentado na maneira de fazerem a defeza dos mesmos, porque na verdade tambem, muito suspeitavam uma possivel traição castelhana que ao pé delles chegasse, todavia, em virtude das ameaças que se diziam tramphavam pelos factos que dia a dia se iam desenrolando, combinaram a maneira de poderem ter de peitos e armamento as suas arrecadações para poderem rapidamente fazer reunir e armar a sua gente no caso de uma urgente necessidade.

Fernão Gonçalves, que muito no seio da familia tinha mostrado o seu desfalecimento ou arrependimento de ter tomado a compromisso de, por sua honra, defender o Castello de Faria, empenhou juramento que prestou nas mãos do representante d'El-Rei D. Fernando I, seu senhor, n'aquele dia fez reunir, primeiro que tudo

esposa e filhos e marcando-os disse-lhes que dentro em poucas horas tinha que marchar com toda a sua gente para além Barcos afim de prestar auxilio ao Conde de Ceia, Tio de El-Rei D. Fernando, para conjuntamente se oporem á marcha das tropas castelhanas que pela Beira invadiam Portugal e se dirigiam sobre Barcos.

Nesta altura dirigindo-se a seu filho mais velho Gonçalo Annes, nomeou-o alcaide menor do Castelo a quem confiava a defesa do mesmo durante a sua ausencia.

A seu filho Alvaro apenas lhe recommendou a auxilio que devia prestar a seu irmão.

A sua esposa D. Constança Affonso, a esta pediu-lhe que nas suas orações juntamente com sua filha D. Teresa de Faria, a recommendassem a Deus e á Virgem da Conqueira, para que os protegesse em tão arriscada missão.

Deu ainda indicações sobre a maneira de abrigar as familias dos que com elle partiram e das dos que ficaram a guarnecer o Castelo, as quaes deviam ficar abrigadas em abarracamentos construidos nos espaços compreendidos entre as muralhas, visto que impossivel seria apaixonha-las na Torre de Menagem do seu Castelo.

D'ali a pouco, seguindo as ordens que lhe haviam dadas, a sua gente começou de lançar o grito de guerra:— Mouros na terra!.. Mouros na terra!.. Habitantes ás armas!... e ainda outros:— Moradores ás armas!...

A tal grito responderam e grandes de dirigiram ao Castelo, gritando tambem, para

ali se armarem e marcharem, juntos contra o inimigo, mais depondo as ordens dadas todos os habitantes eram obrigados a pegar em armas a favor da Patria e a bem do seu amparo.

No Castelo de Faria, ali estava sereno e resoluto, a reunir toda a gente, o Alcaide Gonçalves, o qual dirigia a distribuição de armamento e munições, que estava sendo feita por seus filhos e por Manuel Braz, um seu velho servo encarregado da limpeza e conservação de todos os utensilios de guerra existentes no Castelo.

A' medida que toda a gente se ia armando e municiando, ouvia-se uma vozearia ensurdecedora e certa confusão, ia tambem reinando ordem para se meter em forma n'uma esplanada existente ali das muralhas do Castelo.

Deu-se com custo e com certa dificuldade todo este serviço, devido ao nervosismo de que todos estavam apoderados, porem, logo que a marcha e praça esta concentração de gente, a ordem foi tambem reinda inegavelmente e com indignação de muitos, pois que Rei D. Fernando tinha ameaçado de que as hostes castelhanas já se encontravam muito dentro de nossa Patria, pois, ali mesmo, das muralhas do Castelo de Santarem viu exercitos de tropas inimigas marcharem sobre Leiria.

Ao mesmo tempo que isto se fazia, com certa confusão, toda a gente de Faria, rodeada de seus seres e de seus haveres, ia conduzido em seus carros e recuados,

dinheiro e joias que possuia e juntaram-se, tomando todas as juntas e juntas, retirando com as crianças para o Castelo, entre choros e gritos lancinantes, ainda permaneciam até ao regresso dos seus homens que logo especialmente marcharam para enfrentar as tropas sertanejas, que já, tinham saído, estavam dentro do Paiz e muito proximo de Barreto.

Empossando Senhor Gonçalves exortava a gente que devia ficar a defender o Castelo sob as ordens de seu filho Gonçalo Gomes, seus filhos iam recolhendo as gentes de fazenda e finalidades, que em magotes, vinham afluindo ao Castelo.

Antes da partida, Major Alcanide Senhor Gonçalves fazer ainda recomendações, como fez, não só a todos agentes que ficavam, como aquelles que com ele partiam.

Entrando para a sala de seu palacio, falou-lhes, encorajando-os, invocando o nome de Deus e da Virgem para que com decisão coragem e valentia defendessem a praça de um inimigo que muito disposto a saquear e incendiar, como costumava em casos anteriores.

Despediu-se de sua esposa e filhos, a quem ha pouco tinha dado o ultimo abraço.

Postaram-se as portas do Castelo e o seu Alcanide Senhor Gonçalves, Major-se em marcha acompanhado de grande numero de homens, tomando a direcção de Barreto.

A guarnição do Castelo foi immediatamente posta de vigilancia uma parte e outra foi encarregada do levantamento de barracas improvisadas nos

espaços compreendidos entre as diferentes ordens de muralhas que serviam de linhas de defesa do Castelo, e que se fez com certa difficuldade, visto que o tempo estava chuvoso e era preciso agasalhar toda aquella gente que não cabia na torre de menagem.

Para isto, utilisaram-se de esteiras de madeira que foram espetadas nas paredes das respectivas muralhas, cobrindo-as de colmo.

A ceia e o descanso foi diminuto, já porque toda a gente se via accommodando, já porque Gonçalo Mendes, - (agora Alcaide - Pequeno), - mas constantes visitas que fazia á sua gente de vigilancia nas differentes linhas de defesa, acoroçoava o silencio tão necessario para os homens que estavam de atalaia e encarregados de fazer a competente escuta, zelosos em desempenhar-se cabalmente da missão de que estavam incumbidos.

Pelas 4 horas da manhã as atalaias avisaram o novo Alcaide da approximação de gente retardataria que se recolhia ao Castello, a qual era recebida por elle com jubilo, pois as chaves do Castello estavam em seu poder, não as confiando a mão de pessoa.

Do alto das muralhas do Castello a sua guarnição attenta e vigilante, observava a marcha apressada com que Mem Gonçalves e toda a gente que o acompanhava, fazia a descida do monte em direcção a Barcellos.

N'aquelle tempo o terreno compre-

dido entre o Ponte de Tuia e Barcelos e para além desta, era pouco cultivado e extraordinariamente pouco arborizado.

Havia aqui e além algumas oliveiras de Carvalhos e Sobreiros, na maioria já decadentes, mas que permitiam que toda esta vasta extensão podesse ser amidadoramente explorada pelas sentinelas (sentinelas) estacadas para esse fim não só nas encostas do Pantão, mas também pelas que estavam estacadas junto da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, cuja ligação entre umas e outras era constante.

Nuno Gonçalves ao aproximar-se de Santa Andreia de Fraiães (hoje Barcelinhos) mandou parte da sua gente por caminhos escondidos que se dirigiam à margem esquerda do Cavado, para observarem se as forças inimigas já tinham atingido a vila de Barcelos.

Depois de se ter assegurado que as tropas castelhanas ainda estavam longe e ter reunido toda a gente, transpôs rapidamente a Ponte por hoje Barcelinhos a Barcelos e foi dar um pequeno descanso a toda a sua gente, n'um grande monte fora da povoação barcelense, junto à estrada que dava ligação para Viana, aproveitando este descanso para reorganizar a formação da sua tropa e dar-lhe novas recomendações.

Ponto em pouco estava novamente em marcha, a qual continuava a ser vigiada, pois tudo recebido indicava que a qualquer momento, surpresa chegar tinha.

De Ponte tinha-se posto em marcha pela estrada de Ponte a S. Tiago de Galiza, ao atingir Échate, hoje Freguesia dos Feitos, e n'um ponto

que hoje também é conhecido por "Sendomil" ou "Fonte dos Mortos" (nomes originados pela batalha que ali teve lugar a que nos estamos referindo), de subita e fora surpreza, foi violentamente atacada por um forte contingente das tropas castelhanas, que surgiu de um e outro lado da estrada, e Dom Lourenço dá-se sobre a frente de Dom Fernandes, e envolvem, travando com ele um pugnaz mas renhido combate tendo sido feito prisioneiro o Alcaide e muita da sua gente, havendo alguns mortos e feridos.

Durante esta terrível emboscada, o Alcaide, já prisioneiro, pôde saber, ali, que o Conde de Ourém já tinha sido derrotado, pelo que retirou desordenadamente em direcção a Ponte de Lima, deixando ficar no campo de batalha, muitos mortos, feridos e bastantes prisioneiros, tendo-se entre pôsto em debandada desordenada, fraca frente, inertes e sem armas.

Este acontecimento trouxe que já era aclamado pelo Alcaide Diogo Gonçalves, foi motivo da sua prisão ele trouxe-lo preocupado!

A rapidez inesperada com que lhe deram as ordens para ir dar combate a um inimigo numeroso e a precipitação com que saiu ao seu encontro, era presagio de um insucesso!

Assim o tinha entendido o valoroso Alcaide, mas não quiz de maneira alguma hesitar em cumprir as ordens de El-Rei.

Dias antes já ele tinha conhecimento de que o rei de Castela estava indignado

contra a infidelidade de D. Fernando.

O rei de Castela empregava-se por uma occasião a fazer a paz em Portugal, mas D. Fernando que se embrazia mal e pretendia uma occasião para tomar uma alliança com a filha de Leonardo Fernandes, aproveitando mais rapidamente a paz o rei de Castela invadisse Portugal com um grande exercito, decidiram que Nuno Gonçalves tivesse de ir prestar, como fiador, o seu auxilio que lhe custou a sua derrota.

Immediatamente a Fuzão, o Alcaide foi desarmado pelos seus inimigos, ficando este por de prisão em prisão e retirado das armas ia cercando, dando-lhe assim sinaes de que o combate estava a terminar.

Nuno Gonçalves suspeitando que o Rodrigues Lamento e a sua gente, pretendo tomar conta do Castello de Faria, e levariam prevalecia das muralhas do mesmo e, infligindo-lhe, ali, tormentos, consentiriam que seu filho se consternasse e a troco da sua vida viesse entrega do Castello, consentiu, antes de mais nada, dizer a Rodrigues Lamento que o mandasse levar junto do seu Castello porque desejava dizer a seu filho, a quem o mesmo estava confiado, que lhe entregasse.

Foi se fez demorar Pedro Rodrigues Lamento em mandar esvaziado o Alcaide á presença do filho.

O Alcaide ao chegar ao pé da fortaleza da cortina de muralhas do Castello de Faria mandou chamar seu filho Gonçalo Nunes,

o qual apressadamente comparecem a uma das ameias, pois a gente encarregada da defesa do Castelo, já há muito que lhe tinha dado conta da aproximação de forças inimigas, não de tudo tratando qualquer combate, até esta ocasião, por se ter presumido que elas se faziam acompanhar de Fum-Gonçalves.

Chegado aí, fala, abrin-se, aí, um pequeno diálogo de parte a parte; esperando os castelhanos ouvir o Alcaide mandar entregar, sem combate, o Castelo que desde há poucos ficára confiado à defesa de seu filho, mas ele desta sorte lhe disse:

"Filho, bem sabes como este Castelo me foi dado por El-Rei D. Fernando meu senhor, que o tivesse por ele e que lho fiz por ele menagem; e por minha desventura eu saí dele; cuidando de o servir e estou agora preso em poder de seus inimigos, os quais me trazem agora aqui para te mandar que lho entregues; e por que isto é coisa que eu faço não devo, guardando minha lealdade, poréem te mando sob pena de minha benção, que o não faças, nem o dês a nenhuma pessoa, senão a El-Rei meu senhor, que mo deu, cá por te perceber disto, me fiz aqui trazer; e por tormentos nem morte que me queiras dar, não o entregues a outrem, senão a El-Rei meu senhor, ou a quem lho ele mandar entregar por seu certo recado."

Os castelhanos vendo-se burlados investiram-no a golpes de machado e lanças, mas o Castelo de Faria estava salvo, porque o seu Alcaide encorajado com as palavras de seu pai, resistiu denodadamente e defendeu-o com desesperada valentia.

Assim, a forte escolta que acompanhava o Alcaide, depois de a ter feito em pedaços atacou furiosamente o Castelo, mas apesar do ascendente e do mau tempo que fazia, esse grande número de homens das forças castelhanas, não arredaram a rendição do mesmo.

Os gritos e gemidos de terror em vozes de comando tornaram este sítio mais horroroso e lastimante.

Gonçalo Annes ao presenciar tudo isto ficou atónito e repassado com a dôr em ciante de ter visto cometer tamanha selvajaria.

Simultaneamente os actos praticados pelos castelhanos, tinha a gente da guarnição do Castelo se encorrido e sem esperar ordens principiou por atacar violentamente toda a força inimiga que se encontrava em volta do Castelo.

Travaram-se muitos mortos e feridos, tendo parte dos castelhanos perseguido na margem sobre a via de Reales, que incendiaram, deixando Ferreira do Zêzere envolvido por um nevoeiro contínuo, que durou e durou por bastantes dias.

A tempo e hora de arrear bastante agreste em nada alteram as disposições dúnis e d'outros.

As lutas, que eram intermitentes, foram sempre verdadeiramente encarniçadas.

D. Constança Afonso e seus filhos ficaram consternadíssimos com o que se passava.

Eis o alto feito militar que estrondeou nas Es-

pranchas, nimbando de gloria o nome de Nuno Gonçalves de Faria.

É vulgar entre os homens expor a vida no campo de batalha, em que o ardor da refrega, a ambição da gloria, o triunfo da causa que interessa o combatente, fazem esquecer a fereza, ou inculcam animo ao soldado para o afrontar; mas caminhar serenamente para uma morte certa e violenta como fez Nuno Gonçalves, resistir á sensibilidade do amor de pae e de marido, tendo em risco a vida dos amados filhos Gonçalo e Alvaro e de D. Constança Afonso, a esposa estremecida de segundas nupcias; perder n'um momento tudo o que a prendia ao lar da familia, para unicamente manter a honra militar e a fé jurada; é um acto de tão sublime heroismo, que só o atinge um espirito transcendentalisado pela fé, alheio ao involucro da materia e tendo já a visão luminosa do Nuno Bem". (1)

Logo no primeiro dia de combate que os castelhanos investiram contra o Castello, um soldado destes tendo ao escurecer, ingado n'um esconderijo de palha acesso e com a ponta da sua lança atirado com ella para dentro d'uma das cabanhas, foi este cahir sobre as barracas construidas entre as mesmas e a barbacã, que tambem eram cobertas de colmo e incendiou-as, tendo concorrido bastante para que o fogo se alastrasse immediatamente um forte vento sul que durante todo esse dia soprou violentamente.

Escusado será dizer-se que a franciar que então se estabeleceu, tendo morrido queimadas algumas pessoas e creanças e outras asphixiadas, ficando muitas outras em grave perigo de vida.

A tudo porém, continuou a resistir a guar-

1) - Vide "Ninharias", de José de Azevedo e Menezes - 1912 - pag. 64.

mição do Castelo de Faria que inalteravelmente se conservara fiel ao seu senhor Alonso Gonçalves Tenes.

D. Constança obedeceu e apeou dirigindo, finalmente com a sua filha D. Teresa de Faria dirigiram-se imediatamente à Viseu da Rainha, predileto - Nuno Fernandes que intercedesse junto de Deus, para que Portugal recobrasse a Unidade.

Passaram-se assim bastantes dias, até que os Reis castelhanos na segunda quinzena de Março d'aquele ano (1373), receberam ordem para levantar o cêrco ao Castelo e retiraram.

Soube-se então que, tendo intervido na luta o Legado do Papa Guy de Bolonha, conseguiu a paz entre os dois monarcas, cujas condições foram semelhantes aos de Santa, pelo que a 7 de Março daquele ano se realizou uma entrevista entre os dois, ao pé, cada um em seu barco, ricamente enfeitado, tendo fundeado entre ambos o batel que trazia o Legado do Papa, na verdade um mensageiro da paz e um intermediário espiritual, tendo-se ambos os Soberanos saudado amigavelmente, juraram paz e confirmaram sobre os dois Reis, depois do que cada um voltou para o seu reino.

Dirigiu-se a D. Fernando o seguinte pedido ao chegar à sua côrte:

Fernando encarniçado venho!

Exclamara D. Fernando com lágrimas de alegria para os seus, logo que desembarcou, corrigindo assim a pronúncia imperfeita que D. Henrique, a cujo partido êles costumavam chamar "Henricados", lhe tinha introduzido.

Dois dias depois, festejaram-se as bodas do Conde D. Sancho com a infanta

D. Beatriz, em Valada, aguda filha natural do rei de Castela. (1)

Levantado o cerco ao Castelo de Tania toda a sua guarnição e mais gente que nele estava recolhida, saiu ainda com certo receio de que fossem atacados de surpresa, se bem que a Alcaide Gonçalo Ermes tinha recebido comunicações oficiais do tratado de paz.

Por mais pesquizas que se fizeram, não foi possível encontrar os despojos do malogrado Alcaide de Nuno Fernandes de Tania, parecendo que o seu corpo depois de mutilado e reduzido a pedaços foi sepultado em vala comum, (2) em virtude desordenado, juntamente com outros inglezes que pereceram nos diversos combates que por ali se travaram durante o cêrco do Castelo.

Toda aquela gente de Tania e arredores recolheu aos seus lares, que encontraram arrombados e saqueados pelas tropas castelhanas, as quaes durante a sua permanencia naquela localidade procuraram tudo destruir.

A Familia do Alcaide, verdadeiramente desolada, recolheu ao Solar de Pedrozas, casa onde os castelhanos mais investiram com grande furia.

Gonçalo Ermes Freire, com verdadeira dedi-

---

1) Vide Historia de Portugal de Henrique Schaefer - Vol. I. pag. 398 (1873)

2) No corrente anno, por occasião em que se procedia ao movimento da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira apareceu um esqueleto que se presume ser de algum nobre, mas nunca o do malogrado Alcaide. — Vide folhas 51 deste livro.

Ah se dá nota circunstanciada deste apparecimento, mas que nada nos adianta á verdade que se pretende averiguar.

cagão para que tudo se acomodasse e reparasse convenientemente.

O Castelo de Faria foi entregue a El-Rei D. Fernando, conforme a vontade do intrépido e heroico Alcaide Nuno Gonçalves, morto gloriosamente às portas de mesmo.

Gonçalo Nunes de Faria e valorosa defensor desse Castelo, depois de conseguir que todas as reparações dos estragos causados pelos castelhanos fossem totalmente feitas, reuniu-se com sua Alcaide, sendo mais tarde senhor de Azurara, Pindelo e Fão por mercê de D. João I; ordenou-se e ocupou abade de Santa Eulália de Rio Covo, do concelho de Barcelos, deixando a casa que tendo de seu pai a seu irmão Álvaro de Faria.

D. Constança Pereira pouco tempo viveu depois da morte de seu malogrado marido Nuno Gonçalves.

D. Teresa de Faria casou com Estevam Gomes Gaio, de Vila do Conde, para onde foi viver.

Álvaro de Faria entrou no exercito como Cavaleiro pela casa de Mestre de Avis — (é "Valente Cavaleiro de Aljubarrota").—

Na Infantaria, apesar de tudo isto de que o Castelo de Faria em 1383 ainda era defendido pela sua guarnição. (1)

Todavia com a organização política do país, passados anos, foi desabitado e devido ao abandono a que foi deitado a acção destruidora do tempo derruiu-o.

Em 1563, como se diz no princípio deste, os fr

1) Vide "História de Portugal de Bernardino Pinheiro e Luciano Cordeiro — 2.º Vol. a pag. 342 n.º (1877).

des mutilisando - se de toda a pedra do Castelo, destruiram - no e construiram com ela o Convento da Franquia que se encontra no topo desta Serra, a fundo de mão deixaram vestigios da sua construção em boa alvenaria, tendo sido vendido o terreno onde existiu o Castelo e precisamente no sitio onde estava a torre de menagem, foi encontrado um moinho de vento, que ha muito tempo se demolio quando se procederam às escavações que determinaram o aparecimento dos alicerces deste glorioso Castelo, que agora estão a descoberto, de nenhum e guardam como uma sagrada relíquia.

Fim

Francisco Pastor e Silva
P.e de Sinfães

× × ×

Solar dos Farias, em Pedregaes, freguesia de Faia, concelho de Barcellos, aonde viveu o Alferes Antº Gonçalves de Faia.

× ×

Vide paginas 97 do IV Volume.

Gravura a oleo de Condeixa alegorica á Morte do Alcaide de Faria Fernão Gonçalves. ———

——— × × × ———

Igreja Paroquial da Freguesia de Faria, concelho de Barcellos, onde existe o Solar dos Farias em Logar de Pedregaes. ———

= Castelo de Faria =

(Num socalco do Monte da Franquia, a 6,5 kms. limites de Barcellos).

Resta da Torre atalaia meio gôda, sitio de historico feito de Alcaide Nuno Gonçalves, em 1373.

Junto, as ruinas desta atalaia onde tem sido encontrados interessantes objectos que se encontram expostos no Museu do Grupo Alcaide de Faria.

— x x —

BARCELOS — As ruínas do glorioso Castelo de Faria

= Batalha da defesa do Castelo de Faria =

Foi travada em 21 de Janeiro de 1373 por Frei Francisco de Santa Maria em seu "Chronicon Cisterciense" — Lisboa, 1744 — Tomo 3.º 17. —

= Vide "Diario da Patria", de Lopes Branco, a pag. 53 — diz que foi em 24 d'aquele mez. =

— x x —

Igreja de Vilar de Frades — (S. Salvador) —

(Pelo Dr. António Fonseca) — O Convento de S. Salvador de Vilar foi fundado por S. Martinho Dumiense, natural da Panónia (Hungria) quando veio para a península foi pregar a fé aos suevos.

S. Martinho foi bispo de Braga (550-570) e de Dume (570-580), a 1.º na sede episcopal dos priscilianos bracarenses, fundando este convento no ano de 556, sobre a sua habitação.

Pela invasão dos arabes, foram o convento de Vilar inteiramente arrasado, até que em 1070 foi restaurado, ou melhor, fundado de novo por D. Godinho Viegas filho de D. Egas Gomes, e este D.ne teve de D. Arnaldo de Baiam, progenitor dos senhores da Casa de Azevedo, na freguesia de S. Salvador da Ramea.

BARCELOS — Igreja de Vilar de Frades

A instancias de D. Pedro Salvadores, descendente do referido D. Godinho, el-rei D. Sancho 1.º concedeu o Convento de Vilar, por carta passada em Santarem a 3 de Janeiro de 1210, concedendo-lhe muitas isenções e privilegios.

Os senhores da casa solar de Azevedo foram sempre grandes protectores desse convento, e por este motivo tiveram n'ele muitas regalias.

Ainda hoje se vêem duas cadeiras do côro com a egua dos Azevedos, em que eles se assentavam quando a visitavam.

Com o decorrer do tempo, o convento foi em

trando em decadencia, até que foi abandonado.

Passou, por isso, a abadia secular, administrada por commendatarios e provida pelos mesmos de Braga.

No principio do século XV, o velho convento bem

INTERIOR DA EGREJA DO CONVENTO DE S. SALVADOR DE VILLAR

1467) ao lado do cónego e lente da Universidade de Lisboa, Dr. Gonçalo Vicente, mais conhecido com o nome de Gonçalo Gonçalves, ordenado nela no dia 21 de Fevereiro do mesmo ano.

O Dr. Gonçalo Vicente era natural de Lisboa, onde nasceu em 1 de Março de 1390, sendo seus pais Gonçalo Vicente e D. Branca Fernandes.

Foi mandado dar-se a D. Frei [illegible] em de seu filho e sucessor D. Duarte a juros - vida do reino.

Este rei mandou fundar a igreja e convento de Vilar de Frades, fundação de nove arcanjos de S. Frei Evangelista de Vitor, que foi fundação dos seus ancestrais para esta congregação tem um retrato.

Historiemos sucintamente a fundação desta ordem monacal.

No ano de 1420, viviam em Lisboa três sacerdotes de grande instrução e muitas virtudes.

Eram eles: o Dr. Frei Vicente de Queiroz, [illegible] confessor, Gualtim Lourenço Doutor em Teologia pela Universidade de Lisboa e D. Afonso Pinheiro, doutor em utroque jure pela Universidade de Bolonha.

Costumavam eles reunir-se em casa do seu conterrâneo Lourenço Annes, juiz de S. Julião de Lisboa, outro sacerdote de vida austera, onde não se entretinham em banalidades de futeis vaidades, mas discutiam sobre a desmoralização da sociedade e especialmente do viver desregrado e libertino dos

BARCELOS — Páteo do Convento de Vilar de Frades

seus tempos.

Os três amigos [illegible] combinaram entre si fundar uma ordem religiosa com regras mais austeras, onde pudessem viver com mais liberdade do espírito e ir mesmo ao mar pelo seu.

Foi o Dr. Frei Vicente o primeiro que deixou o mundo, fazendo-se frade da

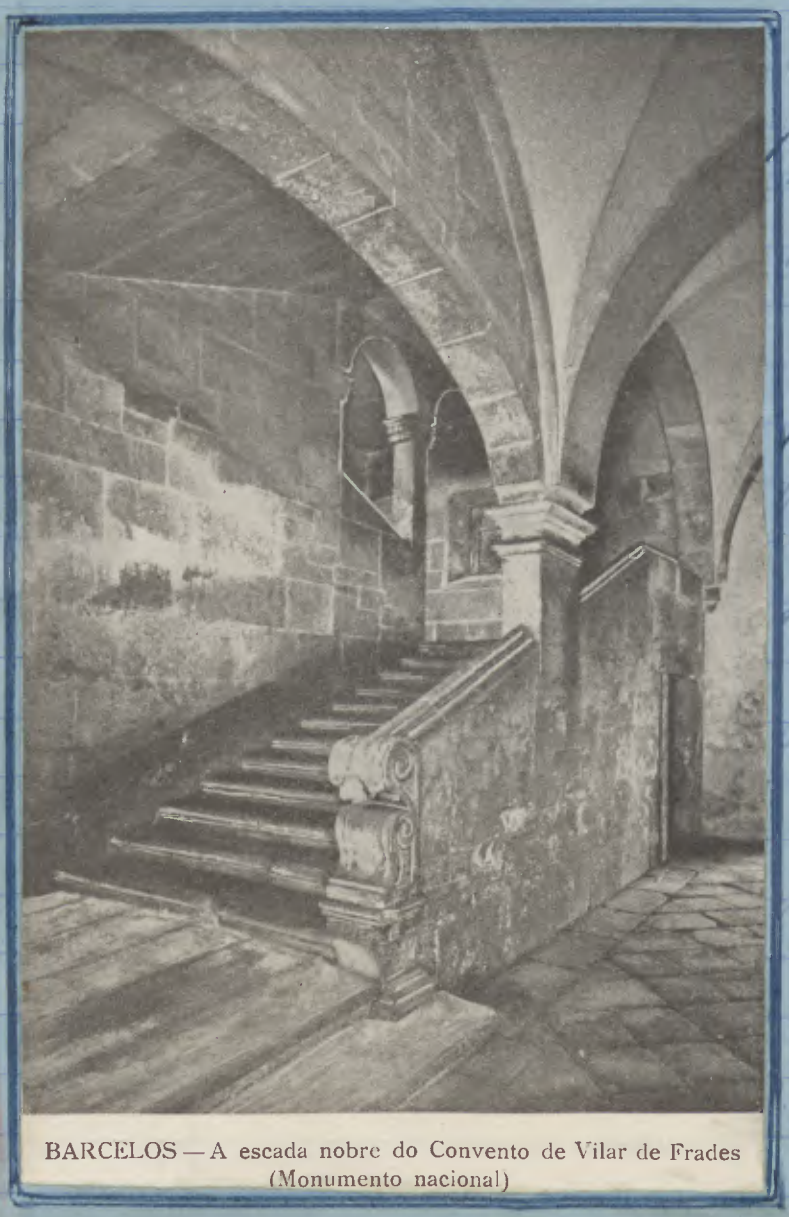
S. Domingos, no convento de Bouças, mas bem depressa o abandonaram, por ter seu intento encerrar [illegible] a reforma da vida pela fundação de um novo instituto religioso.

Com este propósito, reuniu-se aos amigos D. Martinho Soares, D. Afonso Esgueira e ao pároco de S. Julião e foram para a freguesia de Santa Eulália de Oleiros, na Terra de Sousa, onde foi pároco Estêvão Mendes, um grande entusiasmo, deixando boa e sua igreja e casa, onde se lhes associaram mais alguns sacerdotes de vida exemplar, como Fraume Fraures, João Rodrigues e Gonçalo Peres, Afonso Amado, Rodrigo Annes e Martim João.

Foi isto pelos anos de 1421.

Ali se demoraram algum tempo, pregando e doutrinando o povo que os adorava, até que, por divergência com o prior dos Oleiros foram obrigados a abandonar a freguesia.

O prior de S. Julião recebeu-os à sua igreja e um irmão Fraume Fraures foi viver com os eremitas da Serra d'Ossa e os restantes voltaram às suas freguesias.



BARCELOS — A escada nobre do Convento de Vilar de Frades (Monumento nacional)

Era então bispo desta cidade D. Vasco, prelado de grande virtude e autoridade, que os recebeu carinhosamente e lhes deu a egreja de Santa Maria de Campromidam, onde se instalaram e prosperaram na vida fraternal que tinham nos Paços.

Novas contrariedades, porém, aqui os esperavam. Tendo transcorrido pouco tempo deixou o bispo D. Vasco para a diocese de Evora, e prior de Campromidam não os consentiu por mais tempo na sua egreja, ordenando-lhes que se retirassem.

Foi grande a desgraça de D. João Vicente ao apontar-se dos seus amigos mais intimos, como Martim Lourenço e D. Afonso Nogueira, embora ambos lhe prometessem voltar para a sua companhia logo que se lhe deparasse morada mais permanente.

Martim Lourenço retirou-se para uma ermida nos arrabaldes do Porto e D. Afonso Nogueira para casa de sua familia.

Com o Br. João Vicente ficou apenas João Rodrigues e ambos persistindo no seu firme propósito, partiram para Braga, onde se apresentaram ao arcebispo D. Fernando da Guerra, que os recebeu benignamente, respeitando-os no seu proprio fraco e prometendo-lhes a mais decidida protecção para a realisação do seu intento.

Efectivamente, passado pouco tempo depois a egreja de S. Salvador de Vilar mandou o arcebispo que o Br. João Vicente a fosse ver e que se lhe agradasse a casa, nenhuma duvida teria em fazê-la sua.

Partiu então o Mestre Vicente para Vilar; e não obstante ao velho convento beneditino restar apenas uma pequena egreja e umas poucas casas, tudo em completa ruina e sem vestigios

prendimentos mais pre basnaes, apoderou-se tanto do seu animo, acendeu-o tão adoravel ao fim a que se destinava pre obtivesse o beneficio.

D. Fernando da Guerra deu-lhe então o habito carmelita e egreja, ordenando-o, como dissemos, no dia 25 de Janeiro de 1425.

De volta da charola de Vitor, o Br. Fr. Vicente deixou ali o seu companheiro e amigo Fr. Rodrigues e partiu para Lisboa a chamar os seus antigos companheiros, e pela segunda vez a separarem D. Afonso Fernandes, Lourenço Annes, Rodrigo Annes, Martinho Fernandes Pedro e Martinho Lourenço.

Ali reuniram logo os santos varões pre tão dedicadamente e com tanta abnegação haviam iniciado nos Olivaes a sua empresa.

Discorriam esmoleando, pregando e confessando pelas terras circumvisinhas, grandes e pequenas incluindo Barcellos, Braga, Guimarães e Porto.

Visitaram as cadeias, confortando os presos e repartindo com elles todo o pre a fervor lhes dava; pregaram nas egrejas, nas praças, nos campos e nas povoações e a fervor era um mantão e auditorio, principalmente quando Frei Fr. Martinho Lourenço, pre era grande orador sacro.

Foi tal a fama de virtude pre estes companheiros adquiriram dentro de pouco tempo em toda a provincia, pre as pessoas mais notaveis delas se apoderam para os manterem no seu tanto emprehendimento, e foram muitos os ecclesiasticos pre tanto pre se lhe associaram, como Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, Gonçalo Dias de Barros, abade de S. Pedro de Cabeço, João Afonso, abade de S. Paio de Antas, Diogo Afonso, abade de Sta Maria de Gois e outros pre renunciando seus beneficios

no convento, mas se recolheram com o pequeno grupo que formou a nascente congregação de Vilar.

Os monges recebiam habito pobre de estamenha, faziam votos de pobreza, castidade e obediencia, ocupavam as horas canonicas em côro e trabalhavam na granja da casa e nas obras do convento.

A sua primeira estada foi dirigida pelo Br. Vicente, que era seu grande protector, e todos os virtudes desses companheiros que a guerra os dispersara pelo mundo reuniram-se em Vilar.

Quatro anos depois de residir em Braga honrado do Br. João Vicente a abadia de S. Salvador de Vilar, onde, como dissemos, se instalara em companhia religiosa com os seus companheiros, foi o favorito médico convidado pelo rei D. João I para juntamente com o seu amigo Br. Martins Lourenço acompanhar a infanta D. Isabel que ia casar-se com Filipe II, o Bom, duque de Borgonha e conde de Flandres.

Ao mesmo tempo que a Armada real saia do Tejo com a princeza e seu sequito (1429), partia tambem uma viagem para a Italia, outra com franqueza do Br. João Vicente e Br. Afonso Esteves.

Celebrado o casamento na cidade de Bruges em 10 de janeiro de 1430, com rara e extraordinaria magnificencia, instituindo o duque nesse dia a insigne ordem do Tosão d'ouro para assim perpetuar a data de seu auspicioso enlace, partiram João Vicente e Martins Lourenço pouco depois para Roma afim de obtentar do estabelecimento definitivo da sua congregação.

Presidia então á Curia romana o Cardeal de S. Clemente Fabricio Condulmero, a quem os dois frades portuguezes se apresentaram

com algumas cartas de recomendação, sendo calorosamente recebido, mormente pedindo lhe fizessem saber que o seu intento era instituir um Postal a congregação de S. Jorge in Alga, que ele anteriormente havia fundado poucos tempos antes (1404) em Alga pequena ilha do mar Adriatico, a duas milhas da cidade de Veneza, sua pátria, com Antonio Correio, ambos viventes ao pontificado Gregorio XII.

Alumentados em resposta ao Papa Martinho V, já favoravelmente disposto no sentido da petição do Br. José Vicente e seu companheiro, prometeu-lhes deferir a seu requerimento e logo o breve de confirmação da ordem logo que lhe fossem recebidas as informações que ia pedir ao Bispo de Vigem e a Frei Pedro de Almeida, provincial da ordem de S. Jerónimo.

Partiu imediatamente de Roma para S. Salvador de Vilar o Br. Martins Lourenço, trazendo a Boa Nova do feliz exito das negociações, o que muito alegrou os seus companheiros, ficando ainda naquela cidade o Br. José Vicente por ter pendentes ali uns certos negócios que desejava ultimar.

Deu-se então um acontecimento que, pondo contrários os bons desejos dos frades de Vilar veio pôr contrários, favorecendo-os.

Foi o falecimento do Papa Martinho V, em 20 de Janeiro de 1431.

Eleito, porém, a Providencia para pontífice e leito fosse o Cardeal de S. Clemente, que, em 3 de Março d'aquele ano subiu ao Sólio pontifício com o nome de Eugenio IV.

Tanto bastou para que o Br. José Vicente não só visse realizadas todas as suas aspirações, mas fosse acumulado de favores de toda

a ordem pela sua ampla e protecção.

Por este tempo e depois da demorada viagem pela Italia representava à Abadia de Vilar o D. Abbade Dr. Ferreira que tendo visitado em Veneza a confraria de S. José d'Alba, com que muito simpatisou, tratou de consigo os seus estatutos ou constituições e o habito de que usavam os conegos seculares de S. Jorge.

De tal modo gostaram os seus confrades de Vilar do instituto, e do habito azul — celeste da ordem que immediatamente resolveram fazer uma igual em tudo menos em ser triplicado, predindo-lhe insistantemente que visitasse de propria a regra e o habito dos confrades d'Alba, ao que o Dr. João Vicente, por ser esse tambem o seu desejo, facilmente annuiu, conseguindo que Benedicto XIV expedisse um breve confirmando a confraria de Vilar com o titulo de Conegos seculares de S. Salvador de Vilar e concedido-lhes o mesmo habito, a mesma regra e as mesmas graças, privilegios e indulgencias dos Confrades de S. Jorge e, para cumulo de gentileza isentando-os da jurisdicção de Braga, como immediatos á Santa Sé.

Não contente ainda com tantos favores, Benedicto XIV nomeou tambem o Dr. João Vicente Fontes de perpetuo da confraria, com poderes de nuncio apostolico em todas as questões que á ordem pertencessem, presentou-o por suas mãos com um habito azul e fel-o-ver o rico habito de Conego, que franco tinha antes havia usado.

Verdadeiramente confundido com tantas provas de apreço que a nova Roma lhe dispensava, resolveu-se o Dr. João Vicente ao seu regresso de Vilar, onde foi recebido pelos confrades com

as mais festivas demonstrações de gratidão e amizade.

Deu-lhes em seguida as constituições porque se haviam de reger, fez-lhe a eleição do novo prelado e em 1436 partiu para a sua diocese de Lamego, cuja administração, que durou dito ano, foi moderar, findo os quais foi transferido para a de Viseu, onde faleceu santamente em 30 d'Agosto de 1463, contando 83 anos d'idade.

Constituída regularmente a nascente congregação de Vilar pelo bem de Eugenio IV, que entre outras graças, lhe concedeu a rara prerrogativa de isentar da jurisdição dos prelados locaes, parecia que a sua existencia estava de tal modo assegurada e garantida, que nada havia que receiar pelo seu futuro.

Pois não aconteceu assim.

Precisamente porque o arcebispo D. Fernando da Guerra se julgou offendido por os congregados terem admittido de Roma a isenção da sua jurisdição, de que tantos annos e tantos privilegios lhes havia dispensado, não deu cumprimento ao bom propósito e certas relações com a Comunidade de Vilar.

Procuraram os congregados por todos os meios conquistar D. Fernando da Guerra de que tal graça lhes havia sido espontaneamente concedida pela Igreja, que não solicitada por elles e muito menos com o propósito de agravar a autoridade d'ele arcebispo.

A nada attendeu, porém, o voluntarioso prelado que, sentindo-se cada vez mais indisposto com a suspeita d'uma aggressão aos seus direitos jurisdicionaes, declarou-lhes guerra sem tréguas, por ultimo, ordenou a sua expulsão da diocese.

Foi uma luta homérica, de alpunsanos, em que de frente a frente se enfrentaram os mesmos esforços; e como os empregados se não sentissem com animo de abandonar o seu genio do convento, o arcebispo resolveu obriga-los pela força.

"Valei-me! - diz um escritor - em tão angustiosa conjectura, a destemida intervenção de D. Afonso, 1.º duque de Bragança, que então vivia no seu palacio de Barcellos e que os amava como filhos.

Não só tomou a seu cargo todas as despezas do pleito, que deviam ser muitas, mas empenhou também todo o seu valimento em favor dos seus bons homens e contra o arcebispo.

Escreveu-lhe varias cartas expondo-lhe a dureza com que tratava os frades empregados e em uma entre outras coisas lhe disse: - que ao principio e não a ele cumpria resolver a pendencia; que era impropio de um prelado soccorrer-se ao direito da força, e que, se persistisse em levar por deante as ameaças, ele duque lhe certificava que os acharia no Convento de Vilar em pessoa, disposto a perder a vida em defeza dos empregados.

O arcebispo calou-se, mas um bello dia resolveu-se a marchar em hostes de guerra pessoalmente com os seus beleguins, archeiros e homens d'armas contra Vilar.

Prevenido o duque D. Afonso, armou logo todos os seus criados e grande numero de vassalos, correu em defeza dos seus bons homens e, apenas chegou ao convento, mandou por um emissario dizer ao arcebispo que, se não, voltasse imediata-

mente para Braga, Pre[illegible]oria na cabeça em logar da mitra um capacete de ferro ardendo em fogo, visto ele se fazer soldado sendo arcebispo.

O arcebispo retirou-se; depois veio a um acordo e lhe dispensou favores.

x x x

O portico deste Templo é romanico e do seculo XII.

x x

Este chafariz é do principio do seculo XVII. Vê-se na pia do claustro do Convento. É lindissima a sua traça especialmente pelo ornato e cuidado que tanto o distingue.

O lindo e artistico chafariz que está erecto no prato do Convento de Vilar de Frades.

x x x

= Vilar de Frades =

Interior da igreja e Portico (manelino. Século XVI)

× × ×

Vilar de Frades

— Portico romanico do Século XII =

× × ×

Nicolau de Freitas, a Pintou.

Um esplendido frontal mural de azulejos do século XVIII, ornamentando uma capela da Igreja franciscana de Vilar de Frades, da autoria do pintor Nicolau de Freitas.

(Da "Nesinha Artística" de Manuel Sampaio)

× × ×

O Convento de Vilar de Frades

No dia 15 de Agosto de 1908 (5.ª feira) ao fim da tarde manifestou-se incendio n'este convento. Poderam todo o empenho de evitar, por ser de construcção abobadada. Compareceram os Bombeiros V. de Barcellos e de Braga e ainda os auxiliares e municipaes d'aquella cidade, limitando o seu serviço a apagar o incendio com a força aquaga disponivel conseguiram. A ensome claridade vista d'esta cidade é que deu conhecimento do incendio, avançando os voluntarios com muita coragem e foram os primeiros a chegar ao local.

"Vilar de Frades"

Um dos frades de agulhas, de enitissimo valor, autenticados e datados de 1742, tido em conta por muitos artistas e críticos de arte, vestindo a grande de uma das capelas laterais da igreja desta freguesia.

× × ×

Vidé páginas 47 do IV Volume destes apontamentos.

× × ×

"Vilar de Frades"

Painel de azulejos de Bartolomeu Antunes pagando "Pendente" com semelhante que está colocado atraz.

— x x —

O Convento de Vilar de Frades

É um maravilhoso templo manuelino.
A sua primitiva construcção era romanica
É monumento nacional.
Dista de Barcellos 8 quilometros.

— x x —

Convento de Vilar de Frades

É um maravilhoso templo manuelino, com uma fachada incaracteristica encravada entre valiosos restos de primitiva construcção romanica. Tem um precioso pórtico interior dos Seculos XVII e XVIII.

— x —

= Lenda dos passarinhos =

(Convento de Vilar)

Nos primeiros tempos da fundação do Convento de Vilar, houve ali muitos frades santos, bem contrário do que sucedeu nos últimos.

Um deles andava um dia por encontrar-se em pensamento de oração, que se deixou pois pelo adro da igreja do mosteiro, que o fez chamar-se para a cerca do convento onde a estive em minuto durante um bom pedaço.

Mas, oh espanto! Oh maravilha! A hora de voltar ao convento, nada reconhecia do que estava à roda de si, nem a casa, nem os irmãos.

Pelas tradições correntes no convento, veio a menção-se que este era um frade que dali tinha saído havia trezentos anos.

× × ×

= "Assentamento encontrado" = (Defronte ao Convento de Vilar)

"Nota curiosa" =

. . . . . .

Eles a obrigada pensar sempre assim respeitar por inteiro ainda que hajam secas, fomes, pouvaram inundações que molem os frutos e as terras e não produzam, e que Deus não permita.

Eles serão obedientes e bem mandados a ele Reverendo Pastor e seus Padres e seus cravos apagarão com o que proderem quando por suas justas traseiras.

(11 de Janeiro de 1778 no Convento de Vilar, de frades que é da Ordem de S. João Evangelista).

× × ×

Pia baptismal do

Convento de Vilar de Frades

(estilo gótico)

× × ×

Em Vilar de Frades

Imagem de

S. Pedro de Alcantara

em estase

(altura 55 c/m)

Escultura de bastante merecimento que se encontra na igreja conventual.

× × ×

Almas em

Vilar de Frades

× × ×

Outra lenda

"O Frade e o Passarinho"

(Poeiras históricas – Contos e lendas do Minho)

Linda manhã de julho, limpida, serena; o Sol, levantando por cima dos vendavais enfezados do monte de Airó, punha tons dourados de ouro na paisagem amadurecida, marginada pelo verde escuro dos arvoredos e pelo azul dos ayenteiros do Cávado, que corria lá em fundo: era o despertar de um ardente dia de estio.

Na cerca do Convento de Vilarinho Frades descansava, desde os primeiros albores da alvorada, o abade mais novo e alvoroçado de um monge beneditino, e tão enlevado estava em seu gozo pensar que todas as abelhas impressionadas da natureza para ali pareciam convergidas.

Nem recordadas nas amplas mangas do seu hábito, arregaçadas sobre o joelho, olhos fitos em cima, limitava o seu ambiente examinar entre a frondosa ramada, dedicada ao seu Santo Patriarca, que abrigava entre os matizes da murta de um lindo cuidado jardim, e o tanque junto aí ao lado, onde nadava a água, onde murmurava com teimoso frescinho de água.

Na sua mente perpassada constantemente a pouca paragem dos Salmos, que acabara de ler em matinas na cela: "Mil anos à vista de Deus são como o dia de hontem, que já passou".

Não podia compreender o sobre do monge a alcance desse texto bíblico.

Tendo o dito em consideração, passou à atitude do ramo para decifrar o seu sentido; a sua inteligência, porém, não podia abranger a ideia do tempo.

Cansado, por fim, de tanto andar, e de tanto meditar, sentiu o lugar até de si os melodiosos gorjeios de uma avezinha, que em uma arvore perto pousava.

Distraidamente começou a ouvi-la; mas em breve, tal era a sua suavidade, atentamente pôs-se a escuta-la.

A passarinha ainda cantava, saltando de ramo em ramo, de arvore em arvore, foi-se afastando do seu ermo, e, ao som de seu leve bater de azas, pouco a pouco ia ermidar a longe-la.

Na esperança de continuar a ouvir tão suave melodia, tomou o nosso monge a direcção por que ella era indicada e foi até um cerrado bosque, que, para o lado do rio, pouco distanciava.

Chegado ahi, a passarinha pôz-se a cantar de novo, e, com interrupções, gorjeios e o monge, pasmado de um tão bello canto, extasiado, poz-se a ouvi-la.

Breves instantes ouviu ainda, pois a passarinha afinou, emmudeceu e voou, lembrando-se das suas obrigações, voltou apressada ao arvoredo.

A' vista d'este, um grande espanto deu encontrou tudo mudado; o edificio já não era o mesmo e até era habitado por pessoas de outra ordem.

Vão menos admirados ficaram os nossos monges, que eram os "Beneditinos do "Bom Jesus de Pirahy", por serem um mosteiro benedictino dentro do arvoredo, tentando investigar-se na sua estranha mudança.

Ezbekiana este que havia poucas horas tinha saido em procura pela Côrça e antanha e que lhe tinha acontecido.

~~A esperança de continuar a ouvir tão suave~~
~~melodia, tomou o nosso monge a direcção~~
~~por que ella era indicada e foi até um~~
~~cerrado bosque, que, para o lado do rio,~~
~~pouco distanciava.~~

O espanto era geral de ponta a ponta!

Foram avisados o Reitor e os Padres mais graves da nova Congregação e vieram todos à cabeceira, por terem sido em avançados anos tão precoce desaparecido misteriosamente, para cima de setenta anos, um monge de armento, quando este era ainda habitado pelos beneditinos, o desaparecido com antiguidade ali estava presente.

O Santo Abade como entre os frades tinha sido chamado, carinhosamente recebido, dentro em breve morreu e o seu corpo foi depositado no transepto da Igreja de Vilar de Frades.

No sítio onde ele estave tanto tempo encantado apareceu uma cruz, que ficou sendo denominada pelo nome de "Capela do Passarinho" da qual hoje nem vestígios existem, por não ter resistido à fúria iconoclasta do fanatismo jacobinista dos tempos de armento. Todo desaparecem, mas os velhos, sentados à lareira nos dias de longas noites de inverno nas aldeias, contam ainda esta formosíssima lenda.

x x x

Convento de Vilar de Frades

A primitiva fundação do Mosteiro de Vilar data, (segundo escreve Arnaldo Fama), segundo dizem, da segunda metade do século VI; mas foi somente desde os princípios do século XV que pertenceu aos frades loios, os quais, apossando-se dele, apuraram sobre o acanhado e mesquinho cenóbio, que os beneditinos tinham abandonado, o magestoso edifício que ainda hoje se levanta n'aquele local. Desta data a época também da sua celebridade. Desde então o Mosteiro de Vilar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho. E com justiça o era, não só em razão da magestade do edifício e da finura do sítio, mas, e sobretudo, em atenção das grandes rendas que possuia, e dos vastos domínios que senhoreava. O reitor dos beneditinos de Vilar, além de muitas outras possessões, era senhor donatário dos coutos de Vilar e de Mondente, e condestável e alcaide-mór dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça civil. Apresentava sessenta

abadias e curados, e as suas terras contadas eram isentas de um sem numero de impostos. Em razão de donatario era tambem capitão-mór das ordenanças dos dois condados. Estes altos e poderosos cargos, tão incompativeis com a santa paz e doçura dos habitos monasticos, eram exercidos, em delegação, por um espinhal sequito de subalternos do abade e dele dependentes.

O Convento de Vilar de Frades e a sua Igreja

É o monumento architectonico mais importante existente nas regiões rurais — é a Igreja do Convento de Vilar de Frades.

Entre uma principal porta romanica e a torre, abre-se o esplendido portico ou alpendre da igreja.

No interior impressiona sobretudo a magnifica abobada manuelina que a cobre em toda a sua extensão.

Das paredes laterais pendem preciosos arranjos que, artisticamente, divididos em varias secções, vão entrecruzar-se sobre o leito do tecto.

Obra admiravel de arrôjo, ousadia e subtileza pretia concepção.

É certamente do melhor que póde ver-se em Portugal.

A abobada quinhentista de Vilar de Frades, foi mandada fazer pelo arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa attribuindo-se a sua direcção a João de Castilho, de Guimarães.

Lenda

"O Frade de Trezentos anos" pelo P.e M. Bernardes

Estando um monge em matinas com os outros ouvia pôr de seu mosteiro, quando chegaram aquele do pinheiro onde se diz que: Milhares é vista de Deus são como o dia de hontem que já passou, admirou-se grandemente e começou a imaginar como aquilo podia ser.

Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pediu especialmente a Nosso Senhor se servisse de lhe dar inteligencia d'aquela voz.

Apareceu-lhe ali no côro um passarinho, que cantou docemente, andava alegre d'ele donde voltava de uma para outra parte, e desta maneira foi levando para ca e para ali até um bosque, que estava junto do mosteiro ali fez seu assento sobre uma arvore, e o servo de Deus de boa vontade d'ele a ouvir.

Dáhi a um breve intervalo (conforme a nossa fraqueza julgou) tornou a vôo e desapareceu com grande magoa do servo de Deus, o qual disse comsigo:

— O passarinho da minha alma, para onde foste tão depressa?

Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que n'aquela mesma manhã depois de matinas tinha sido d'ele.

Chegando ao Coro, achou fechada a porta que de antes costumava servir, e abriu outra de novo em outra parte.

Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a que buscava?

— Eu sou o Porteiro, que jamais vi cá de cima, e agora torno e tudo acho mudado!

Perguntando também pelos nomes do Abade e de seus governadores, ela lhos nomeou, admirando-se muito de que o não divisasse entre os conventos, e de que mostrava não se lembrar d'aquelles nomes.

Disse-lhe que o levasse ao abade; e tendo ele sua presença, não se conheciam um ao outro, nem o bom monge sabia que dissesse, ou fizesse mais, que estar embasbacado, e maravilhado de tão grande novidade.

O Abade então iluminado por Deus, mandou vir os anais e histórias da ordem, onde buscando e achando os nomes, que o monge apontava, se viu averiguar com toda a certeza, que eram passados mais de trezentos anos, desde que o monge saira do mosteiro até que tornara para ele.

Então este contou o que lhe havia acontecido, e os religiosos o aceitaram como a Irmão em do mesmo habito.

E ele, considerando na grandeza dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, depois de receber os sacramentos e Extremunção passou desta vida com grande paz em o Senhor.

× × ×

Lenda do areal de Vilar de Frades

Houve antigamente um homem muito rico e muito mau que possuia uma quinta junto ao Cavado, em Vilar de Frades.

Nunca na sua vida deu esmola aos pobres e quando morreu, como não tivesse herdeiros, deixou o rendimento d'aquela quinta para sustento de uma matilha de cães, cujo dono era.

O castigo de Deus por tamanho pecado não se fez esperar; veio uma cheia tão grande ao rio que as aguas, transbordando, inundaram a formosidade e encheram-na de areia.

A terra ocupada por aquela quinta foi-se ria aos cães é hoje conhecido por "Areal de Galide".

"Entre versos" — De "O Minho Pitoresco" - II vol. - pag. 160 - de José Augusto Vieira - 1887 - :

É na linguagem popular designado o areal com o nome de "Campo dos Cães", e explica a tradição este nome dizendo, que um fidalgo de Prozo, morador nas Trouessas, legára em testamento esse campo outr'ora amanteigado pelo rio aos seus famosos cães de caça, para que depois da morte d'elle viessem á falta de tal rendimento.

Era isto tentar a Deus com uma manifestação de orgulhoso egoismo, e por isso o castigo veio logo, sendo o Cavado o encarregado da execução da sentença divina, - que foi estabilisar para todo o sempre com uma alluvião de areia o solo fertil e rico, onde a pobreza devia, em vez dos cães do fidalgo, pastorear o alimento.

Até aqui a lenda, posto a verdadeira razão de se inundar de areias o "Campo de Galide", foi terem os frades de Vilar mandado construir um açude elevado com ensendas e empenhos de pesca um pouco abaixo de Galide, desviando por esta forma o curso das aguas.

= Igreja do Convento de Vilar de Frades =

Hoje é igreja paroquial. Pertenceu ao Mosteiro dos Leios.

É uma igreja manuelina de abobada polinervada e contraforteada pelas naves laterais.

Segundo uns apontamentos que possuo, esta igreja devia ter sido principiada a construir no começo do séc. XV (apontamentos extraidos d'entre os Dr. A. Ferraz, que me disse que o P.e Dr. José Vicente, medico-lente da Universidade de Lisboa, fora obrigado na abadia de S. Salvador de Vilar, em 2 de Fevereiro de 1425, pelo arcebispo D. Fernando da Guerra), mas o Dr. Manuel Monteiro distinto critico de arte, diz que este mosteiro se começou a construir nos principios do séc. XVI, sendo arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa.

Os azulejos das capelas assinados por Bartolomeu Antunes e datados de 1742, e ainda uma cruz processional de estilo gotico (obra do séc. XVI ou talvez do séc. XV), que se compõe de duas faces ornamentadas, com lavores em baixo relevo, ligadas entre si por um lavrado rendilhado (em alguns pontos destruido), toda de cobre doirado, excepto o Christo que é de prata, terminando as extremidades em flor de lis assentando sobre uma base hexagonal constituida por dois corpos sobrepostos em anaveges, separados por pilastras que terminam em apuchos cornucópios. ——

—— x ——

Vide paginas 47 do IV Volume destes apontamentos.

x

A Capéla do Passarinho – (Vilar de Frades)

(Por P. Alexandre dos Santos, O. F. M.)

Passando eu uma vez por Vilar de Frades, não longe de Barcellos, no Concelho que foi Conde, paróchia de S. João Evangelista, mais conhecida por Leiria, e esta d'aqui pelo simpatico nome de Bois Homens de Vilar, contemplava duma janella do arruinado Mosteiro aquella extensa e magnifica cerca, quando o Reverendo Pároco me chamou a attenção, apontando-me um sitio mais ao e afastado.

– Vê acolá aquele outeiro?

– Sim, snr. Que é?

– Chama-se antigamente, no tempo dos frades, naquele sitio uma ermidinha muito deste, e de que a gente d'aqui, os velhos, ainda se lembram. Quem a mandou demolir, não se sabe porque, foi o primeiro comprador deste fundo, que é enorme, a quando da extincção das ordens religiosas pelo Mata-frades, em 1834. Chamava-se a Capella do Passarinho. Tem uma historia muito bonita, que V. Rev.ª deve conhecer, porque é de frades.

Efectivamente conhecia-a de criança, me parece. Não sabia que era dahi.....

A mesma tradição, conservada igualmente com uma capellinha na mata, a fui encontrar no mosteiro dos Cruzios, em Ganfei, nos arredores de Valença do Minho, e que foi prioria de S. Tortoner, primeiro Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. – A Capellinha de Ganfei tambem já não existe.

A remexida historia, ou lenda, anda pelas crónicas e livros espirituaes, ingenuos, talvez com menos razão do que se julgava, de saborosos.

Tratando-se de coisas attinentes á Egreja os historiadores, alguns, estão sempre com a microscópio da critica para fazerem desoladoras insinuações

nacs da audiçe da Idade Media. Excepturam-se os casos desfavoraveis á mesma Igreja, porque esses empolgam-se todos de todo o tamanho, mesmo que seja a da Santa Joana. Os autores campos respeitam emanuentados as poeticas lendas, que saboreiam enleiados... Leis, pois, a encantadora historia ou lenda, não facil de inventar, entretanto de sabor maravilhoso (- conta - a como d'S.ª Manuel Bernardes, a pagina 1 e 2 deste Volume), que não transcrevo por desnecessario.

A Capela de Nossa Senhora do Socorro, de Vilar

De reconstrucção moderna, erque-se no cimo de um leam lançado escadorio.

Na padieira da sua porta principal, vê-se gravada a seguinte inscripção: - "S.M. SVCORRE MISERIS" -

Na frontaria corre um amplo alpendre de quatro arcadas de ferro e a fechar com aguda do lado direito erque-se um torreão em dois pisos, tendo por cima do maior a seguinte inscripção: - Offerecido por Manuel da Boa Fortuna e sua esposa Ana d'Oliveira ano de 1900".

Em baixo no terreiro, que se estende desde a essa torre até á estrada, está um cruzeiro sem imagem e ao lado deste um marco das terras do Convento que diz em uma das faces - "Vilar 1679."

"Junto a esta Capela effectua-se todos os annos, no verão, (creio que no 1.º domingo d'Agosto), uma romaria e feira muito concorrida de gente da visinhança.

× × ×

O Convento de Banho (em Vila Cova)

Banho, orago S. Salvador, era uma freguesia, depois da extinção do Convento, da apresentação dos arcebispos de Braga.

A fundação do mosteiro de S. Salvador de Banho é de data anterior à da nossa nacionalidade, pois foi fundado entre os anos de 1067 e 1073, sendo bispo de Braga D. Pedro I.

Pertenceu este Convento à Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho (frades crúzios), passando mais tarde a ser administrado por Comendatarios, até que em tempo do Cardeal D. Henrique, em 1566, foi reduzido a Comenda da Ordem de Cristo e Freguesia secular.

"O Mosteiro de Banho foi um exemplar precioso de arquitetura romanica", diz o Snr. Pe Bernardino dos Santos Pinto, muito digno Pároco apresentado da Apúlia, em uma monografia publicada em folhetins no "Diario do Minho", de Braga.

"Conheci-o e visitei-o apenas nos annos de 1870 e 1871", continua aquele erudito investigador.

"Conheci-o, tendo apenas annotado a abobada da Capella-Mór, a que succedeu pelos annos de 1865 ou 1866, inteiramente destruido, sendo substituida por outra moderna".

A primeira fachada do Mosteiro era toda feita de pedra e cantaria superior, terminada em friso liso.

A portada era formada por seis columnas, com os seus capiteis e bases, sustentando uma archivolta historiada; havia ainda um pouco espaçoso recinto, especie de galilé, de abobada de pedra, arruinada e

Ruinas da egreja dos padres em Cantagallo em 1910 - Hoje 1914 já não existem

outra empena que subia a toda a altura da igreja em que estava atoucada a cruz da frontaria e desta empena descia até ao telhado fazia a empena reta, cobrindo a alcobada da janella, que servia de côro, servido por uma escada interiorna, e recebendo a luz do corpo da igreja por uma grande espuia, á altura do respectivo côro da frente da empena, servido pela mesma escada.

Esta alcobada, onde estava atoucada a pia baptismal, era sustentada por alguns postes capiteis representavam abutres, a guias e feras devorando creanças; significavam os erros e impiedade e a necessidade do baptismo."

"A porta lateral do norte era tambem guarnecida por columnas com os respectivos capiteis, encontrando-se uma cruz e outras feituras no timpano.

A corpo da igreja era coberto de madeira e tinha luz em quatro linhas de ferro.

Conta a chronista o que retive na memoria do que vira d'aquelle estabelecimento completo.

D'outras informações colhemos que ao sahir

esquerdo da fachada se erguia a torre sineira assente e que esta igreja tinha três altares: o mór e dois laterais.

Na abside-mór existiam esculturas do Arcanjo João Fernandes Pacheco, com a escudo dos Pachecos que foi roubado no Museu Municipal, e outra com letreiro que dizia assim:

AQVI JAZ MANOEL PINTO DAFONSECA
REITOR DESTA IGREJA.

Do velho cemitério e templo de Banho apenas restam desoladoras ruínas.

UM «DETALHE» INTERESSANTE

Algumas pedras lavradas foram à mercê de quem delas se quis aproveitar, depois da extinção das Ordens religiosas.

1944 Ruínas que foi mais existiam - Foto Mesquita

A actual igreja de Vila Cova foi mandada construir em 1884 em pedra pinoda de Banho.

A Junta de Freguesia d'aquela freguesia, reconhecendo que tinha justificado um alvoroço em trazer, com autorização a pedra das ruínas de Banho e temendo represálias dos seus adversários políticos, pediu ficar que apenas ruínas ficam à graça, tendo então arrematadas José Fernandes Ribeiro, que fez assim a oferta de responsabilidades a Junta d'ali e mandou cair a pedra a diversos individuos.

Existiu ainda certamente trouxe as ruinas com a possessão da Casa de Banho por umas leiras, mas nem assim a demolição pouco foi ainda ha poucos anos veio minta pedra para a reconstrução da Igreja Matriz de Barcelos.

Das fotografias e gravuras publicadas em jornais e revistas no Município deste concelho, comparando-as com o que actualmente resta se vê quanto elas estão reduzidas.

"Aspecto geral das ruinas em Outubro de 1910"

Foto (cem 1941) já muito diferente.

Da abside apenas existem restos de grandes proporções, a frente central com duas ordens de colunas e respectivos arquivoltos na parte interior e exterior, os restos de dois pilares que sustentavam a abobada, e as duas frentes laterais também com colunas, incompletas.

De Banho foram recolhidos no Museu Municipal de Barcelos um fragmento romanico de pedra representando o arquivo nas restos arquitectónicos do século XII e XIII, tres frags romanicos e o escudo dos Pachecos anterior ao século XVI.

Ao lado esquerdo deste templo, separado

deste pobre adro, erguia-se a Capelinha de Nossa Senhora da Luz, hoje completamente destruída.

No monte de Banho, freguesia e lavagem a sudoeste das ruínas, existe um Cruzeiro em pedra que é interessante.

Na base deste cruzeiro tem gravadas uma cabeça com duas tíbias em aspa.

Simples e modesta, a cruz que o encima é de hastes retangulares.

Terminava aqui o Calvário que subia da igreja paroquial, de que apenas existem sete hastes verticais de cruz mutiladas, tendo desaparecido por completo as suas cruzes.

A freguesia de Banho, situada no fundo da de Vila Cova, confrontava do norte e nascente com a de Vila Cova, do poente com a de Palmeira de Faro, do poente, sul com a de Gemezes, também de Entre-Vinde, e a de Penalva.

A sua população no século XVII era de 32 vizinhos; no século XVIII era de 114 moradores e no século XIX era de 197 habitantes.

Esta freguesia foi anexada civilmente em 1840 à de Vila Cova, ficando desde então sendo ambas com a denominação Vila Cova e Banho.

× × ×

.....O antigo Mosteiro de Banho, de que colocamos aqui três fotogravuras, foi em fins 1072 e 1096, e segundo levantado pelos cónegos regrantes de Sto Agostinho que se uniram às Comendas da Ordem de Cristo.

Aqui varios varões ilustres se tinham engrandecido para Deus que na nossa era civil foi banido das escolas.

Tomara hoje existe neste mosteiro, cal-

ma e ternamente Euclides, o beato Godinho, arcebispo de Braga, habite que a cidade de hoje manda destruir, e tambem D. Payo, inteiriçada cidade insigne em letras e virtudes.

Um dos priores da ordem havia sido mestre da infanta D. Catarina, filha do rei D. Duarte, D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha, confessor de D. Afonso V, que morreu em Roma com 82 anos d'idade, depois de ter sido bispo de Evora e arcebispo de Lisboa.

<Do "Barcellos-Revista" nº. 10 - 2º anno - de 30 de Outubro de 1910>

"Convento do Bom Jesus" - "Ruinas da Igreja" romanica do seculo XII -

Dois capiteis esculpidos em mármore que pertencia de Vila-Chã (Esposende) proximo ao espinho existente do Vº. Santos Botelho, os quaes representam feras devorando gente.

Restos da alcaide deste velho monumento.

× × ×

Abade de Treiva (Santa Maria)

A Igreja Paroquial da Freguesia de Abade de Treiva foi mandada edificar pela Rainha D. Mafalda ali por 1152 e a Torre que esta Freguesia foi mandada construir por El-Rei D. Diniz ali por 1310.

Esta Torre serviu de cadeia para os condemnados pelo Couto de Tarouca.

× × ×

Em sitio elevado, na meia encosta de um monte, sobranceiro á Estrada Nacional de Barcellos a Vianna do Castello, está a vetusta e magestosa Egreja Parochial desta Freguesia.

Abade de Treiva é fundação da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques no anno de 1152 da era christã.

D. Mafalda quiz fundar aqui um convento de freiras e que estas começassem por lhe servir a ermida.

Não concluiu a obra do mosteiro, mas o que fez era de grandiosas proporções, restando-nos ainda a Igreja Parochial actual, destinada a egreja do tal fidalgo mosteiro.

De estylo romanico, conserva exteriormente as linhas da sua primitiva architectura.

Na sua fachada terminada em angulo, em cujo vertice se expõe uma cruz de braços recortados existe uma frincha rasgada em luz circumferencia ornamentadas a exterior com mísulas e espigas.

Outra rosacea semelhante de vê por cima do arco e lateraes da capella-mór.

Abre-se o portico em quatro arquivoltas de arco apontado, concentricas e decrescentes, apoiadas em quatro pares de columnas de fuste

livros e capítulos historiados.

Existia em Igreja um contrato em Julho que em 1732 se mandava aumentar, em acto de visita a esta igreja, de todo o que foi necessário para que não chegue a arruinar-se, o qual, ou por cahir em ruinas ou por mandado retirar d'ahi, desapparecem.

As mesas laterais da nave são ornadas por medalhões, decorados com varias figuras, e mais abaixo corre uma cornija com mísulas ornadas egualmente para assento de caibros de um de fundo, que acompanhavam o edifício de um lado e do outro.

Abre-se em cada uma das grandes laterais uma porta franqueada; a do lado direito mais trabalhada e a do lado esquerdo muito simples e hoje tapada a pedra e interiormente no seu sitio arborado um altar.

As frestas deste lado ainda se acham entaipadas, ao passo que as do lado direito franqueadas em fórmulas para darem mais luz ao templo.

Na cabeceira ao fundo vê-se uma bonita fórmula geminada e do lado direito exteriormente junto ao angulo da fachada um arco triunfal ogivado na parede.

Deste lado direito da fachada, adiantam-se uma torre ligada ao edifício por uma porta ogival, erque-se a velha torre fortaleza, cuja fundação se atribue á época de D. Diniz.

Em 1734 mandava-se concertar um sino e abrir nesta torre dois camphanarios para o toque dos seus, ao ouvido em toda a freguesia.

Se este templo se conserva por fora as linhas gerais da sua primitiva construção, como atraz dissemos, não sucede o mesmo interiormente, devido ás varias obras ali feitas successivamente.

A capella mór é abobada de cruz da igreja por um bello arco, sustentado por duas columnas de feste livro e capitel corintio.

A Tribuna é em bella talha renascença, os lados em madeira pintada com ornatos e no centro uma alusão á eucaristia e as grandes evangelistas, revestidas até meio da aguilha com doseis.

No pavimento ainda se conservam as lages de pedras, tendo a do meio, junto, um brazão apagado e inscripção que foi de mau lê.

Tinha esta pequena mais sepulturas de pessoas importantes; a tampa de uma d'ellas está hoje a servir de espaldo de uma grande pia de agua benta no Passal.

Ao lado direito da capella-mór está a sacristia, pequenina, tendo augmentada com um pequeno anexo nas obras de fim do seculo passado.

O corpo da igreja é forrado a estuque em ornatos em fresco e as grandes rebocadas e caiadas.

Tem quatro altares, os dois primeiros em talha antiga e os outros em talha moderna, muito simples.

O baptisterio em granito singelo; o confessionario e coro modernos.

Este templo, como é sabido, primitivamente não tinha coro.

Em 1734 a visitador "manda fazer um coro na igreja, pois é preciso e necessario para as cantorias das festas della e para as endechas da

Semana Santa, pois sendo uma igreja de tanta fama não é justo tendo o Santíssimo ali morando, na capela mór estejá o dito altar sem o dito ornato para nele louvar a Deus e parecer indecente estarem os sacerdotes e ministros fazendo a dita louvor na mesma capela. Mór por não terem outro lugar onde assistam e se acham a igreja com tudo o necessário para o culto divino e ter a area bastante para a dita obra".

Parece que o ornato foi feito depois da capela estar passados alguns anos, pois as entidades encarregadas das obras não obedeciam pontualmente às ordens dos visitadores.

Em 1744 manda-se pintar o teto da capela mór e rebocar e caiar as paredes da mesma, como tem bem todo o corpo da igreja, em que se encontram algumas juntas tapadas com buxas, por rachaduras nas juntas e sido de grande por já.

Em 1754 acha-se necessário que o altar mór seja alargado e os altares laterais juntados.

As pias d'agua benta estavam fora das portas e manda-se entrar as pias para dentro.

Em 1756 dizia-se que desde 1732 estão capitulados sem ainda estarem feitas as obras seguintes: — Fundir o sino quebrado; fazer dois arcos na torre; rebocar as paredes da igreja; rebaixar o soalhamento do altar-mór e fazer uns soalhamentos para os laterais, manda-se então abrir os retábulos destes, alargar a sacristia por ser muito pequena e fazer uma pia d'agua benta para a porta travessa.

Na visita de 1758 ordena-se o acima de abrir as bibliotecas com grades e portas por meio de ordens, quando o Santíssimo estiver exposto.

Manda-se reformar os frandes do adro e vê-se que o enterramento manifesta-se este e na Igreja.

Em 1780 encontra-se a igreja [illegible] de arruinada; em 1834, porém, acha-se já a Igreja, a Fabrica e Residencia em tal indecencia pela ruina que ameaça, que não dá lugar a omitir e lembrar o mais necessario etc.

Em 1802 manda-se tomar a deliberação a conservação das Alfaias existentes e fazer um frandão de suporte para a frente, fechar onde tambem ha Alfaias.

Esta igreja foi visitada em 1904 pelo antes Snr D. Manuel Batista da Cunha e na respectiva Acta Visit. manda fazer obras de reconstrução na frente da frente que ameaça ruina, reparar o Atrio do Cemiterio da Igreja, etc.

Este templo é amobiliado hoje immunto na ainda.

No Portico, vê-se no chão, junto ás arcadas, uma Pedra d'armas abandonada, digna de figurar em um museu.

Em frente, junto á Capella-mór, está a Residencia Parochial, que é uma das melhores do concelho.

Do lado esquerdo a fazer com a fachada do templo e na frente mais alta do adro, está a Cemiterio Parochial, tendo no seu Portão gravada a data 1892 e a seguir, á entrada do mesmo adro, a Casa das Confrarias.

É amiosa esta casa com seu varandim de quatro colunas e espadas de pedra, terminado por uma cimeira com seu sino.

Era aqui que se fazia a distribuição pelos Fregueses de uma sardinha e uma fatia de pão em certo dia do ano a titulo de algumas régas, legado de hoje esquecido.

Esta freguesia não tem Congrua Paroquial.
Esta freguesia em mais 2ª era da visita do arcediagado de Neiva.

× × ×

A igreja paroquial de Abade de Neiva é do século XIV.

× × ×

— Portico romanico da Igreja de Abade de Neiva

— × × —

(Século XIV)

— × —

× × ×

— Matriz de Abade de Neiva —

É do século XIII ou século XIV. É monumento nacional.

A sua construção romanica é de valor arqueologico notavel, tendo anexa uma curiosa torre. Ponto de vista magnifico, distando de Barcellos apenas 4 kilometros.

× ×

Matriz de Abade do Neiva

Tradições de "Abade de Neiva" (Santa Maria) =

Transmeu abaixo um relato d'uma velha tradição que dizem ter existido em Abade de Neiva, à qual muita gente de Barcelos assistia por ser interessante e assaz estimulante:

Recordando a festa da "Sardinha" em Abade de Neiva a que também lhe chamavam de "Calido".

No 2º domingo de Outubro, de tarde, fazia-se a distribuição de pão e sardinhas a todas as pessoas que ali apareciam.

O juiz da Cruz era o encarregado d'essa missão.

Reunia os legados de 2º legatários, em vinho, centeio e dinheiro para essa despesa.

Ele, juiz, quando a sardinha era fresca, pequena e cara, recorria à Póvoa e Matosinhos para arranjar boa sardinha.

No Sábado, vespera do domingo da festa, cozia 10 cargas de milho em panela e fritava sardinha todo o dia.

No domingo, juntamente o cortejo de mordomos com cestos, levando as broas de pão e as bacias de sardinhas para a casa da confraria junto à Igreja.

× ×

Pelas 2 horas da tarde chegava o juiz e os mordomos — que eram 10 — e juntamente a partir em fatias todo aquele pão fresco. Ao ser distribuido por pobres e ricos, sem distinção que ali comparecessem.

Enquanto se repartiam os cestos com o pão e as sardinhas em bandas.

travessas, um morador levantava a Cruz mesmo no adro, empunhando outra com um ramo de oliveira na mão convidando os que estavam presentes, a rezarem pelos falecidos legatários que deixaram o legado para aquela tão simpática e tradicional festa.

Finda a reza principiava a distribuição de pão e sardinhas.

Quando ela e o pão faltava, repetia-se a distribuição pelos mais pobrezinhos.

No fim de tudo, fazia-se a eleição do novo juiz, pois findava n'aquele dia o mandato do outro.

Como acabou esta festa com mais de um século de existência?....

Em 1912 foram proibidos os clamores que se faziam fóra da igreja e com este fez-lhe o Snr. Abade principiou a nomear um morador para a Cruz, acabando assim, com os legados, com as rêgas e com a festa da Ladainha, que constituia uma interessante tradição de Abade de Neiva.

Mas..... tem que se recordar.

(a) Miranda-Xisto

Manuel Luiz de Miranda, por alcunha o "Xisto", foi quem me forneceu este relato que abaixo transcrevo.

× × ×

= Manhente =

Manhente foi, depois da extinção do seu mosteiro, comenda, dia da apresentação do arcebispo de Braga, passando, depois da união a Vilas de frades, a ser uma dignidade da apresentação deste ordinário até 1834.

Diz o P.e António Jorge Pereira que Manhente veem do feminino manienti, do nome latino manientes, o homem que tem de herança ou maia.

Manhente foi primitivamente mosteiro beneditino da fundação de São Martinho, bispo de Dume.

Depois da conquista árabe e restauração visigótica, foi este mosteiro reedificado por D. Pedro Afonso de Benfas, casado com D. Godinha, neta de D. Soeiro Gomes de Vargea, fidalgo feinaifrasdo seu tempo, filho de D. Guido Arnaldes e neto de D. Arnaldo de Barjão.

Pelos anos de 1403 o mosteiro de Manhente reduziu-se a abadia secular e passados cinco anos depois, a instancias da rainha D. Isabel, o Papa Nicolau V permitiu que a abadia de Manhente se unisse, por morte do seu abade ao convento de S. João Evangelista de Vilas de frades, que lhe ficava ao sul e apenas separado pelo rio Cavado.

Como aquele abade morresse na ocasião em que andava essa luta entre o convento de Vilas de frades e o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, este não respeitou a ordem de sucessão, provendo na abadia de Manhente Diogo Afonso, criado da sua casa, prevalecendo assim

como sucede muitas vezes, a violencia contra a justiça e a força contra a razão, como diz o P.e Francisco de Santa Maria na sua "Historia das Sagradas Congregações" (Cov. Alenta na Terra) a fraz. 400.

Por morte do dito Diogo Afonso, o arcebispo D. Luiz Pires houve por bem a bulla de graça e uniu a igreja de Manhente ao convento de Vilar de Frades, da qual tomou posse em 1480, tomando tambem posse na mesma ocasião de S. Vicente de Arcos, como annexa que era d'aquela.

Manhente, como mosteiro benedictino, tinha seu couto.

D. Affonso Henriques, sendo ainda infante e estando no Castello de Faria, por carta de 6 de Junho de 1126, na presença de sua mãe D. Theresa, que a confirmou, fez couto ao mosteiro de Manhente, dividindo por marcos e balizas as terras que lhe contava.

Os limites deste couto eram os seguintes: ..... e o dicto termo jaz entre abaixo do monte alto ata pelo rio Cavado, que corre ao pé delle, termo de Braga, começa primeiramente o dito couto no logar onde o dito Rio se chama Rio Frego da ribeira aria do monte de Bri até ao moinho de Frade assim como vai por aguilha boza que parte o Villarinho de Real, e da ribeira vai que se chama de tabos até ao escalhadoiro assim como vai por Penellas e da ribeira aguilha manazinha que parte as villas d'Breca do dito Mosteiro, assim como a Villa de San Verissimo parte com a villa d'Breca até ao ribeiro de Fontelo assim como entra em o Cavado, como vay pelo veio do mesmo Rio Cavado até ao logar onde primeiro começou".

Por força da antiga posse e confirmações

de rei D. Afonso IV e de alguns reis seus anteriores, o reitor do Convento de Vilar de Frades era enfeitado mór, senhor, Cendel-Mór e Alcaide-mór deste conto, para o qual nomeava Juizes no civel e crimes a que assistia um escrivão da vila de Prado, onde ia o crime.

Este Conto comprendia esta freguezia de Tranhente e parte das de S. Veríssimo de Famel, Santa Maria de Palgar e S. Vicente de Areias.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem= "De Sancto Martino de Tramenti de Monasterio" de Tena de Prado.

Nellas se diz: quod Rex nullum habet ibi Regalengum; quod de ista collectione dant de Jugadeira 16 denarios. Et de Monasterio dant quartam de collecta; quod Rex non est patronus et quod ist Monasterio habet bonas semarias et 27 casalia.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1ª Alçada, diz-se: In Judicato de Prado - in Couto Sancti Martini de Moapmente = quod de Mosteiro de Tranhente dam a el Rey quarto de colleta e San Veríssimo 20 moravedis.

A freguezia de Tranhente foi incorporada no concelho de Barcellos pelas reformas administrativas do liberalismo.

A Igreja Parochial desta freguezia é um templo desabafado no centro de um adro fechado por parede em uma entrada e respectivo portal.

Ao lado direito do templo, separada deste pelo adro, levanta-se a velha torre forteleza, ameada, de dois andares, vendo-se ainda interiormente as mísulas onde assentavam as traves dos pavimentos.

Tem esta torre cinco frestas e no angulo junto á fachada do templo uma porta

que parece dava comunicação com esta.

Exteriormente ha vestigios de estar ligada com a igreja e vestigios de outras construções hoje desaparecidas.

O templo é um edificio baixo, pequeno, tendo sido a capella-mór acrescentada ha poucos annos.

Este edificio conserva ainda exteriormente a feição romanica primitiva, embora muito alterada por obras subsequentes.

Na sua fachada baixa, terminada em angulo e encimada por uma cruz floreada, abre-se uma janella rectangular a substituir a antiga rosacea, mantendo-se porem ainda intacto o seu antigo portico romanico em quatro arquivoltas de arco redondo, successivamente decrescentes, apoiadas em dez intimas em dez columnas de capiteis historiados.

Do lado esquerdo sobre a fachada, desfigurando-a, expõe-se um pequeno torreão por dois lados e do lado direito do portico, á altura de um homem, vê-se em uma pedra, mutilada na parede, a seguinte inscripção:

MAGISTER GVNDISALVVS FECIT IN ERA MC
25 V: XOS LECTO.

1125

Do lado direito do templo vê-se cavado na parede lateral um arco triumphal, sem esculptura.

Diz-se que o arcaz romanico que está no Museu Archeologico de Bracara era o d'aqui.

Do lado esquerdo, por traz do torreão expõe-se a sacristia.

As antigas frestas foram substituidas por janellas rectangulares, vendo-se ainda

os restos de uma ara de capela-mór todo de talha ao fundo da abside, que é encimada por uma cruz de pedra bem trabalhada, vê-se outra tapeada a cal.

Nas proximidades desta igreja e até nas paredes que cercam o seu adro, ha muitas pedras lavradas que serviram sem certeza nas antigas construções demolidas.

Dentro a capela-mór é forrada a estuque em ornatos em fresco e a pavimento é lageado, tendo altar antigo em retabulo estilo renascença.

Entre a capela-mór e a igreja adossa-se o belo arco ogival romanico em pedra bem trabalhada.

O arco da igreja é forrado tambem a estuque em ornatos em fresco, tendo no centro a imagem de padroeiro S. Martinho.

Tem dois altares laterais modernos em estilo dorico e jonio; côro, pulpito e pia baptismal em granito antigo.

× × ×

O portico desta igreja é romanico e do seculo XII.

× × ×

Portico romanico da Egreja Paroquial de Manhente

(Seculo XII)

× × ×

É do seculo XII.

Interessante portico romanico e torre medieva.

Vinte de Barcelos 5 quilometros.

×

Igreja de Manhente

Couto de Manhente

O Couto de Manhente foi doado por D. Afonso Henriques (Afonso filho de Henrique) em dia 6 de Junho de 1126, a que se refere o P.e António Brandão, em seu livro "Portugal Gaulês", e mais tarde foi convento de frades de S. Bento (Beneditinos), desde aonde ignora-se data,

Depois foi um anexo ao Convento Histórico de Vilar sendo extinto no ano de 1790.

(Da Arqueologia Cristã, por Villaamil Castro.)

×

Continuação a folha 132 deste Volume e 143 do 3.º Vol.

×

Igreja Paroquial de "Manhente"

Esta igreja antecede muito em anos as suas congéneres de Monte de Trevia, Barcelos e Vila de Frades.

É uma das mais velhas do Território Portugal inteiro.

Do lado direito da porta principal, na sua fontaria voltada ao presente, em letra gótica, lê-se a seguinte inscrição:

MAGISTER
GVNDISALVVS FECIT
IN ERA : M : C : 2 :
V : X OSLETO

Tradução:

Mestre Gonçalo fez esta igreja na era de 1125.

O resto está incompreensível, creio mesmo de ser mais exacta esta inscrição.

Feita a igreja de Manhente na era de 1125, esta corresponde ao ano de Cristo de 1087, porque não haverá muitas em Portugal com tanta antiguidade e muitas que assim tenham um portico romanico mais bem conservado.

Verifica-se que substituiram a rotacea por uma porta em janelão com a fim de obterem mais luz para a côro, o que foi um crime.

O frontal do adro foi construido com a pedra da rotacea e sua armação, onde se verifica muitas pedras que ali se encontram com arabescos e desenhos antigos.

A igreja paroquial de Manhente, segundo reza a tradição, foi fundada por S. Martinho de Dume, apostolo da Galiza suevica, com a sua capital e sede na Bracara Augusta romana, reinando Charrarico (550) e seu filho Teodomiro (560) convertidos ao cristianismo pelo mesmo santo apostolo.

Esta igreja hoje é consagrada a S. Martinho, bispo de Tours (Franca), que se festeja todos os anos aos 11 de Novembro e que foi dia santo e de guarda na freguesia até 14 de Junho de 1844, tendo sido abolido n'esta data pelo Breve Romani Apostolici ministerii do papa Gregorio XVI.

Junto da igreja de Manhente houve um antigo convento do Instituto Cenobitico de S. Bento, que na invasão dos arabes soffreu a destruição como o seu visinho, na margem esquerda do Cavado, S. Salvador

de Vilar de Frades e mais além a de S. Salvador da Várzea, ambas da mesma Ordem Beneditina e fundações também, segundo a tradição, de S. Martinho de Dume.

Manhente redegiu-se a Abadia secular pelos anos de 1403 e assim permaneceu até ao reinado de D. Afonso V.

— x x x —

A Igreja de Manhente

É do Século XII. É Monumento nacional. Interessante pórtico românico e Torre medieval. Dista de Barcelos 6 quilómetros.

— x x —

D. Afonso Henriques, enquanto a conta de doação do Couto de Manhente, assistindo em Castelo de Faria, ainda infante em 6 de Junho de 1126 (era 1164)

— x —

BARCELOS — Igreja e Tôrre de Manhente
(Monumento nacional)

Carta de doação feita por D. Afonso Henriques a Egas Ramires, Abade do Mosteiro de S. Martinho de Manhente:

Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, Trindade indivisa, que sempre foi, foi todos os séculos dos séculos. Eu o egrégio Infante D. Afonso, neto do gloriosíssimo Imperador das Hespanhas e filho do Conde D. Henrique e da Rainha D. Teresa e pela graça de Deus Príncipe de toda a Província de Portugal.

sem ser constrangido de nenhuma necessidade, nem
espantado de acontecimento de alguma fortuna-
ção, mas movido desta minha e amorosa vontade,
a vós Gomes Ramires faço canto para o Mosteiro
de S. Martinho de Mamente, por remédio de
minha alma e de meu Pai e Mãe, pelo serviço
que me tendes feito e haveis de fazer, e também pelo
amor e lealdade que me tendes. O dito Mosteiro
faz abadias do monte Hiaria pelo rio Lavado
que corre ao pé dele, e começa primeiramente a
dita Canto no lugar onde o dito rio se chama Rez
Nepm, (1), e d'ali pela área do monte do Boé (2)
até ao moinho do Frade (3), assim como vai d'ali
pelo val que se chama do Fathy (4) até o Ca-
lair (5) assim como vai por Penelas e d'ali á-
quela mamasinha que parte da Vila do Frega
do dito Mosteiro, assim como a Vila de S. Vicen-
sinho parte com a Vila do Frega até ao ribeiro
de Pontelis, assim como entra no Lavado, como
vai pelo seio do mesmo rio Lavado até ao lu-
gar onde primeiro começamos. Vol-o dou e conce-
do e tempro em diante seja ele tirado do meu
direito e dado e confirmado em vosso domí-
nio. E se alguem, o que creio não será, que-
rer violar e quebrar os termos desta Carta,
entrando nela, seja constrangido pelas jus-
tiças que tiverem poder nela, a pagar 500
soldos ao Abade do dito Mosteiro a quem
chamar a sua voz. E satisfará quanto vos
em dobro tudo o dano que fizer e seja
obrigado de prover da Renda Anadie Igreja,
e como Judas, que traiu o Senhor, perfidia-
mente seja castigado com sentença d'ana-
thema e excommunhão. Foi feita esta Carta
(de doação e não testamento) aos seis

dias do mez de Junho do anno de mil quatro-
centos e vinte e dois. E eu, Abbadia D. Affonso,
de consentimento de minha Mãe, e em pre-
sença dela, a vós Gomes Ramires, de minha fa-
mília mais sabidor e confessor esta Carta em
Castello de Faria — Portugal.
D. Pedro, Marquez de Braga, conf.
Egas Moniz, conf.
Hermigio Moniz, conf.
Paio Pelais, conf.
Mendo Gonçalves, conf.
Diogo Gonçalves, vedor da Corte, conf.
Mendo, chanceller d'Infante, o escrevi
Lourenço
Mem Dias
Gonçalo de Souza } test.

---

1) O Cavado tem este nome acima do Barco de Vilar.
2) Este monte separa a freguezia de S. Martinho de Galegos da de Arcias de Vilar.
3) Tambem chamado de Sant, o qual ainda existe.
4) Regueiro vale entre dois outeiros, e que separa o logar de Vildrinho do de Real, em S. Martinho.
5) Hoje chama-se Esgueira.

—×—

Estes apontamentos passam a fragina 143 d'este Volume. —

—×—

Capelinha de Nossa Senhora do Facho

ou

Monte do Facho

As obras de pedreira para a construção desta Capelinha tiveram o seu começo no fim do ano de 1940, cuja planta é da autoria do Arquitecto José Vilaça, de Braga.

A' esquerda:

Imagem de Nossa Senhora do Facho que se venerava primitivamente na capelinha existente no base do Cruzeiro - Monumento dos Centenarios - "Capitania de Roriz".

A' esquerda - Uma entrada provisoria para a Capelinha em construção tirada por ocasião da Peregrinação de 4-7.º-948.

A' Imagem de Nossa Senhora que se vê á esquerda já está na Capela em construção.

A' esquerda - Parte da Capelinha em construção - foto tirada em 4-7.º-948.

A' direita:

Parte da peregrinação de julho de 1948 vendo-se romeiros á porta do andor de N.ª S.ª do Facho.

A' esquerda. - Uma entrada provisória para a Capelinha em construção (1948). - Tirada por ocasião da peregrinação de 1948.

A' esquerda: Outra fase da construção da entrada para a Capela em construção. Tirada em 1948.

A' esquerda: - Uma fotografia tirada de longe abrangendo não só a Capela em construção como o 2º Reinado da Independência em cujo sopé tem uma pequenina capela aonde hoje se venera a Imagem de S. Bento e parte da peregrinação - (1948) -

Em frente e à nossa esquerda uma fotografia tirada ao ensejo com Nossa Senhora do Facho, já provisório dentro da capela - Vista da Capelinha em construção - (1948).

A' direita: - Uma fotografia da pequenina Capela existente no sopé do 2º Reinado da Independência, aonde se venera a Imagem de S. Bento e aonde se venerava a Imagem de Nossa Senhora do Facho.

Nossa Senhora do Facho, n'uma andor - (1948) -.

= Cópia do
Auto de Inauguração do
1º Marco da "Independencia" =
no Monte do Facho =

- Cópia -

No dia Primeiro de Dezembro de mil novecentos e quarenta, "Ano Aureo" das Commemorações Centenarias, foi inaugurado com toda a solemnidade este monumento, para perpetuar oito centos annos da Fundação da Nacionalidade Portugueza - (1140).

E 300 annos da Restauração (1640) em que a Patria, alguma vez perdida, ressurgiu mais forte e bella na eternidade da sua Independencia.

A Commissão do Cruzeiro que celebrou e lavrou a acta a sua constituição composta pelo Padre Benjamim Ferreira da Souza, presidente; Padre José Victor Gomes da Costa, thesoureiro; Padre João Alves Ferreira, secretario; e demais vogaes Padre Manoel Gomes da Costa, Padre Firmino Pinto de Carvalho, e os senhores Manoel José Rodrigues, José Pinheiro "Ultramar"; José Ferreira de Souza e Arminda Maria de Souza, "Baltazar-Bem Feito" em representação dos Povos das Freguesias limitrofes, a saber: -
Oliveira, Lama, S. Romão da Serra, S. Vicente de Pereira, S. Martinho de Galegos, Sta Maria de Galegos, Moz e Athenia, dá publico testemunho deste plene inauguração do "Cruzeiro da Independencia" no Monte do Facho.

E considerando a alta dignificação deste acto que se prevera e executa com todo o brilho pela presença das excellentissimas autoridades civis e ecclesiasticas e do Povo das Freguesias acima ditas, nomeou para constituir a Commissão de Honra, Sua Excellencia e Reverendissima o Senhor Arcebispo Primaz D. Antonio Bento

Seguiu, Sua Excelencia o Senhor Governador Civil do Distrito doutor José Joaquim de Oliveira, excelentissimos Senhores Presidente da Camara Municipal doutor Alexandre Marques Chaves de Sá Carneiro, Delegado do Procurador Fiscal Tomás Tomás, Doutor Abel Pacheco Raposo Calás de Carvalho, Juiz de 2ª Instancia, Arthur Fernandes Espela, Abade de Beiriz Padre Manuel Felix Ribeiro, Abade de Santa Maria de Salgueiros Padre Arthur Gomes da Costa, Abade da Athoia Padre Vitela da Mota, Reitor de Abade, V. Padre Domingos Rodrigues Ferreira Amante Pinheiro e Abade de S. Roman da Feira Padre José da Silva Baptista.
E ali a egide do Estado Novo, se levantou este Cruzeiro, simbolo das nossas religiosas e de espirito dos portugueses que, vencidos outr'ora de historia, nos mostra Portugal ressurgido.
Feito de Barro, no dia seguinte de Dezembro de mil novecentos e quarenta.

<Seguem-se inumeras assinaturas.>

× × ×

Este Cruzeiro foi derrubado pelo ciclone que assolou a Beira em 15 de Fevereiro de 1941.

× ×

A 1ª gravura.

O 1º Cruzeiro construido em Alto de Pinheiro de Lafões a Ciclone de 15-2-1941 destruidor.

× ×

Cruzeiro da Independencia

Monte do Facho

Ermida de Nossa Senhora do Facho e Cidania de Bouro

(Historia)

No 1º de Dezembro de 1940, por occasião das festas do Centenario de 1640, inaugurou-se no Monte do Facho o "Cruzeiro da Independencia" assistindo de muito povo e dignas auctoridades locaes e da séde do concelho.

Este Cruzeiro doado ao grande tenor local que assumiu o Papel inteiro, (Cidade que morreu em 1º de Fevereiro de 1941), deveria, segundo d'este apenas de pé as pedras do seu alicerce.

Por virtude deste Cidade ter promettido enormissimos estragos em todo o Paiz, o Governo da Nação que concedeu grandes e avultados donativos para suavisar tanta desgraça, tambem concedeu a verba de 4.000$00 escudos para de novo se tornar a erguer um "Cruzeiro Monumental" que perpetuasse aquella data, e que de facto e todo a sua inauguração muito festiva ao 30 de Novembro de 1941, com assistencia de muito numeroso clero e muitissimo povo do nosso concelho e fóra dele.

× × ×

Juntamente com esta inauguração, foi tambem inaugurada uma pequena ermida para veneração a Nossa Senhora, sob a evocação de Nossa Senhora do Facho, construida no pequeno Pedestal do segundo "Monumento Cruzeiro", festa esta a que carinhosa e religiosamente se associou todo o povo crente, principiando-se, desde esta occasião a generalisar entre constante observação d'Peregrinos do Facho, que tem augmentado dia a dia, por cujo motivo despertou a ideia, ou antes, á nossa

sidade de se construir ali uma Ermida que pouco
a pouco se iria enchendo de lembranças que ali seriam
lembradas pelos seus antigos frequentadores.

Desta forma, pois, a Comissão encarregada da
construção do "Cruzeiro-Monumento", constituida na maior
parte pelos Chefes das Repartições situadas nos arredo-
res do histórico Morro da Fama, resolveu promover a
construção duma Ermida que condignamente res-
ponda à satisfação às necessidades do culto Católico,
tão crescente e fervorosamente em favor da Pro-
tectora do Faial.

Assim, tendo o arquitecto Sr. Vilaça, da
Praia, apresentado uma planta, cuidadosa-
mente estudada e adaptada ao local e ao fim
em vista, principiaram-se as obras da pedra
na fraga a construção da referida Ermida.

Este cruzeiro foi derrubado pelo Ciclone que assolou todo
o País em 15 de Fevereiro de 1941.

Cópia do

Auto de Inauguração do
"Cruzeiro Monumento"
no Monte do Facho

— Aos trinta dias do mez de Fevereiro de mil novecentos quarenta e um, no Alto do Monte do Facho, do Concelho de Barcellos, sob a Presidencia do Ex.mo Senhor Doutor Alexandre Luiz Chaves Marques de Sá Carneiro, Presidente da Camara Municipal deste Concelho e com a presença das autoridades militares, civis e ecclesiasticas e representantes de organismos de todo o concelho e ainda com a assistencia de muitas milhares de pessoas, procedeu-se á inauguração e benção do Cruzeiro-Monumento, que a expensas do Governo da Nação, da Camara Municipal e de particulares, se levantou neste Alto do Facho, em substituição de outro que, com ignoradas vicissitudes, fora erguido neste mesmo local e inaugurado em 1 de Dezembro de 1940, estando levado a efeito como numero comemorativo do duplo centenario de Portugal — 1140-1640; e que foi decretado em 15 de Fevereiro de mil novecentos e trinta e seis, pelo Chefe do Estado.

Esta grandiosa obra arquitectonica, agora erigida, foi projectada pela Repartição Technica da Camara Municipal de Barcellos, sob a chefia do Arquitecto Joaquim Madureira Pinto, e executada pelo mestre pedreiro Manuel Dias Pereira, residente em Barcellos.

E, para que fique perpetuado este gesto patriotico, levado a cabo pela Comissão composta pelos senhores:

Dr. Alexandre Luiz Chaves Marques de Sá Carneiro, Pte. da Camara; P.e Benjamim Ferreira de Souza, Parocho de Abbeira; P.e José Alves Pereira, Parocho de S. Martinho

de Galegos; Padre Francisco Pereira Coutinho, Pároco de Arcas S. Vicente; Padre António Gomes da Costa, Pároco de Santa Maria de Galegos; Eugénio Calás Caldeira de Carvalho, Redactor do Jornal "O Barcelense"; Alberto de Freitas de Lemos, Redactor d'"O Barcelense", e lavrei o presente auto, que vai ser assinado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da Comissão Municipal de Barcelos, pelas autoridades convidadas, pela Comissão e pelos presentes que o desejem fazer, depois d'este ter sido, em voz alta, lavrado por mim Francisco Pereira Coutinho, 3º Oficial da Comissão Municipal, servindo de Chefe de Secretaria da mesma Comissão, que o subscrevi.

(Seguem as assinaturas)

— x x x x x —

= 2.º Cruzeiro =

A' direita a fotografia do Cruzeiro que foi inaugurado em 3 de Novembro de 1941.

— x x —

A' esquerda outra perspectiva do Cruzeiro tirada quando foi inaugurado em 3 de Novembro de 1941.

~ x ~

N'este cruzeiro, apesar de ali ter existido a capelinha onde se venerava N.ª S.ª do Facho, ainda não tinha o sacrário de ramalhos que desse acesso aos devotos que lá queriam fazer as suas preces. — (1941) —

~ x ~

= Citania de Briz =

No domingo 27 de Julho de 1902 fomos em digressão à Citania de Briz, acompanhados pelos Srs. Dr. Emilio Lima, os Srs. Ricardo Severo, engenheiro e autor da "Estufaria", Rocha Peixoto bibliotecário, professor Dr. Felix e Bernardino Campos.

Todos estes Srs. foram até um pouco além de estudo.

O Monte do Facho é ponto de intercessão das freguesias de Briz, a de Oliveira que se estende por nordeste, de Calejos (S. Martinho) que fica ao sul e da Lama, que entre ela formam juntamente com a mencionada Oliveira e com S. Romão de Ucha o extinto couto de Azevedo, cuja séde era na Lama, honra e solar dos Azevedos, que procedem de D. Godinho Viegas, fundador do mosteiro de Vilar de Frades.

Do alto da Citania descobre-se ainda, um pouco ao sul, a freguesia de S. Vicente de Areias, em frente ao vasto areal do Cávado, que intercala largamente o Cavado junto da sua margem direita pertencendo por isto o areal á freguesia de Areias de Vilar.

= A "Citania de Briz" =

(De "O Minho Pitoresco", de J. A. Vieira, - 2º Vol. - 1887 (pg. 118)

..... Esta opinião, que suppõe Barcellos a antiga cidade romana de Aguas Celenas, do nome do seu rio Celano ou Celando, que os arabes parece terem mudado para o actual de Cavado - Ptolomeu já lhe chamava Cavus é a que tem sido adoptada com mais facilidade, e a que passa por menos fantastica. Todavia ha tambem razões para suppor, que não fosse juntamente em Barcellos a cidade romana de Aguas Celenas, visto que os itinerarios antigos de Braga a Astorga marcam a Aguas Celenas 165 estadios, ou seja 30 quilometros, quando a distancia é apenas de mrs 16. Nesta variabilidade de opiniões, não faz ao caso uma de mais ou de menos e por isso tambem me permito acreditar em minha fé, que a freguesia Barcellos não foi no sitio actual, onde as investigações archeologicas nada teem apresentado, como prova, talvez?... no alto da Citania de Briz, monte que fica sobre a margem direita e a cavaleiro

do Cavado, uma legua grande norte da vila, para nascente. Nesse monte, mistêr de terra e granito, ainda por explorar, encontram-se evidentissimos vestigios de uma povoação antiquissima, celta ou romana, quem o sabe. Talvez uma e outra coisa, como na Citania de Briteiros, mas que em todo o caso deverá ser considerável, atendendo á extensa area que esses vestigios ocupam. . . . . .

(Vidé paginas 127 d'este Volume).

A' esquerda: Uma pequena fotografia de uma parte do casco, circular, da Citania de Briteiros de que já nos ocupamos noutra excursão. (Foto de Julho de 1948).

A' direita → O 2º Cruzeiro — Frontal — depois de construido, vendo-se ainda sem as escadas de acesso á pequena cadeia que tem no seu sopé. —

← A' esquerda: O 2º Cruzeiro — Frontal, vendo-se em frente parte de uma das grandes Peregrinações feitas ao Calvário do Facho, onde se venera a Imagem de Nª Sª do Facho. (Vidé folhas 122 deste Volume).

O Monte de Boiz

ou O Monte do Facho

(Por Gilman de Queiroz - 16/9/1933.)

O Monte de Boiz também é conhecido por Monte do Facho e tem uma fonte a que chamam Veia dos Mouros, Monte dos Cabrões ou cidade de Lambaque.

Esta fonte é a que fica a sul e sudeste e é a que neste momento nos fundo mais a atenção pelas suas vagas histórias e arqueológicas.

Para não se fundar tempo, transcreve-se o que disse o Snr. José Augusto Vieira em "A Minha Terra", 2º Vol. pag. 160 e seguintes acerca do Monte do Facho e da cidade de Lambaque: = ("Citania de Boiz") =

. . . . . "Entanto assim a topografia do Monte de Boiz quer-se aludir a luta sobre a valia ou prioridade da minuciosa Lambaque, cidade de que já muito estudo e malogrado Felipe Simões; mas os dados escasseiam para o fazer e tanhemos nos sobra a competencia para descender a minuciosa divisação atenada nesse relato de suntuosa.

"O que apenas uma rapida vista nos pode demonstrar, foi que devia ter sido cuidadosamente essa formulação estudada, atendendo ao ambito que dão os seus vestigios conhecidos; e não parece também, salvo mais esclarecida hipotese, que se estenda muito longe da vendada, acreditando que a civilisação celta ou pre-celta precedeu ou se intercalou no alto de Boiz, a civilisação romana, pois ha pouco a apontar inconcussas provas, tais como as casas redondas e de alvenaria cuneiforme (celtas), uma ortuia de muralhas (castro-romano), tendo uma espessura de trez a quatro metros e os objectos que por ali se teem encontrado alguns dos quais estão em poder do Snr. Santos Ferreira, e que atestam a dualidade civilisadora.

"Apuparaões graniticas ha tambem, como um outro vestigio do trabalho do homem, como fetiches e idolos, parecendo indicar qualquer forma cultural e durante as escavações a que se procedeu por occasião da minha visita, resultaram distinguir bocados de ruas amachegas aos desenhos na Citania de Briteiros.

N'essa curta explanação, além de fragmentos de ceramica, mais ou menos artisticos e que eram por isso o entavo de Joaõ d'Almeida, foi ainda encontrado um cilindro de granito perfurado no centro, medindo o seu eixo maior dezenta centimetros aproximadamente.

"Sorrio-me ainda hoje da fauna, que os cavadores empuparam em a foice a descoberta e a da anxiedade com que todos nós esperavamos a ultima enchadada, prompta desvendar aquele mistério que principiava a intrigar-nos pela sua tenacidade em occultar-se nas camadas rijas do seu terreno bravio.

"Era o tesouro dos mouros — dejeam os trabalhadores, ávidos da riqueza, que ia por fim ostentar-se diante dos seus olhos enfeitiçados.

"E um interior de cabana celta, é um instrumento de sacrificio, é um objecto de culto, é um moinho romano, — aventuravamos nós — com a pesoeira curva sobre a cova, cada vez mais funda e com os olhos espantados de Pessiodorios em Jenias da sciencia.

"E assim o cilindro apareceu de todo, o chão foi apalpado, o granito rolou em differentes direcções.

"— Nada, pela palavra nada!

"Já era estar em maré de infelicidades

arqueologicas!

Santa Ferreira, porém, tam amavel investigador como amphitrião alegre, deu-nos, etc, etc.

— x x —

"Em um valleo desta freguezia, chamado Monte do Facho ou Cira Moura, ha umas ruinas que segundo a tradição popular, são os restos da antiga cidade de Conimbriga.

"Pretendem uns, que esta palavra é corrupção de Citania, outros que é de Conimbre.

"Parece mais provavel esta ultima versão.

"Estas ruinas são muito semelhantes ás da Citania de Briteiros, e demonstram ser da mesma época.

"As casas eram aqui circulares, ovaes, semi-circulares, e pachorrentas, como em Citania; tem em quatro muralhas de circumvalação, completas, circumdavam, com diversos intervallos, a povoação. As calçadas principaes pelo lado sul, davam ingresso para esta povoação.

"Em diversos pontos existem pias pachorrentas, abertas por mão de homem, e em algumas buracos como os destinados ao eixo de moinho e por estes motivos; ha um ponto levantado e aqui me que os visinhos chamam Pata do Cavallo, pois de facto se tem feito grandes escavações em busca de thesouros que a fama ahi diz existirem; por cima fica a eira dos mouros, largo espaço, em cujo pavimento era todo formado de pedra de eguaria, em grande porção já levada d'ahi para diversas obras pelos moradores das freguezias em volta.

"No cimo e ponto mais elevado da povoação existem grandes penedos, e uma como cauta in forme, cujo dorso de um lado já está tombado.

"No lado norte d'estes penedos, em plano em

ponos inferiores, ha outros grandes, um pouco de vêem abertas pequenas fossas circulares, por cima d'elas cavada a pedra rasgada em dois sitios, como por a' feição de cabo de espada ou cabeça e de novello, ou regos de igual arborescencia; as pedras empregadas na construcção são pequenas, em fadas alternadas de umas a outras; descobriu-se uma das casas circulares, media de diâmetro no maior $2^m,15$ de altura de parede, desde o lastro pavimentado, exteriormente, de pedra (talvez cruz) até a superficie de $0^m,85$ e de espessura da mesma parede $0^m,33$; as maiores pedras empregadas n'essa casa não iam a mais de $0^m,30$ de $0^m,35$; apparecem nas escavações d'agua cosa e em outras na chamada Leira dos Mouros, muitos fragmentos de tijolo e objectos de barro, mais ou menos bem feito e pintado como em leiras ou cales, mas chatas, e com dellas tinha uma roda, como por signal da obra; tambem apparecem uma pedra de amolar, pequenos pesos e escorias de ferro pequenos pedaços de bronze.

Na parte inferior da chamada Leira dos Mouros, informam os visinhos de monte, por haver, outr'ora, uma fonte de pedra a onde diziam ter umas antas tendo uma de pedra e por isso assim, mas apparecem muitos fragmentos de barro e com por lages de forno, tijolo até alguma olaria diz Olaria, sendo aquella Leira destinada á louça e evidente, ou pelos seus fundos.

Encontraram, ha annos, na base do monte, duas pequenas caixas de bronze, de que é actual possuidor o Snr. Domingos José dos Santos Ferreira, negociante em Barcellos.

— x x —

As minas de aluvião não teem uma distribuição regular e uniforme.

Como a lei lhe fosse favoravel era de lenda a Companhia de atropellos de visinhos, tiveram frequentemente de se adaptar ás exigencias do terreno.

Desta forma julgamos ver duas distintas, de lado da morte, onde a Morte apresenta dous declive, quasi uma das outras muito distanciadas, mas das outras uma faz um quarto metros de altura; do poente e do sul faz também muito distanciadas; e do nascente, onde a encosta é muito inclinada, apenas duas, juntas mas uma da outra, mas com mais de dez até doze metros de altura em alguns sítios.

Destas duas, a esteira apresenta nitidamente à vista do visitante, nas suas extremidades, os alicerces de duas casas redondas que, edificadas, uma em cada vertente dos dois angulos formados pela última linha de ondulações do norte, do nascente e do sul, teriam servido de atalaias ou pontos de observação.

— x x —

Se se mandasse proceder a escavações não seria difícil encontrar grande quantidade de objectos de valor, tais ossadumes ou barro.

A tradição, de há muito mina em mandar de negros pelo meio, aponta fragmentos de louça existentes à flor da terra como sendo indício fazer escavações, existindo-se nos fragmentos de velhos com certeza jazem sobre a ponta.

Nem toda a verdade se oculta ao fundo, bem como certos fragmentos de louça que aparecem.

— x x —

Ha na direção de Pindo Real uma tradição interessante a que não podemos deixar de nos referir: é a crença de haver um tesouro escondido ao pé do grande chamado da Pedra do Cavalo.

O povo ignorante, por natureza supersticioso, acreditando n'um poder sobrenatural que é a chave de todos os mistérios, nem podia negar-se a acreditar em muitas intrigas e imoralidades ocultas

Este feiticeiro oriental, que invadiu a Europa do século XV, foi vendido por um frade aos ingleses, por alguns burros da Romanidade, não sendo nunca mais varrido completamente desta vida.

A crença na existencia de Tesouros em Monte de Barig tem origem n'uma lenda singular, ha muito arreigada, que alguns dos ditos exploradores de Sambora de Judeia com o titulo de "Livro de S. Cipriano", o qual fala em mil e uma aves sem voz, nem dor, nem gemido algum de verdade.

Tal livro é d'uma forma toda inedita, tem falta de ortografia, narrando só aves impossiveis que repugna ao bom senso e amante da verdade.

Contudo, a simplicidade de curiosidade, de vezes arrancam d'algumas lendas e tradições que o povo conserva na memoria e nos labios ou da sempre misturando o nome de um Santo ou Santa qualquer.....

* * *

Todos os que vem na existencia de Tesouros encantados em Monte de Barig teem ido alli furar e fazer buracos em volta do penedo da Pata do Cavalo; mas a fim de ver, ás 140 sepultas de ouro, as barras de ouro, de prata e de platina, os milhares de cruzados, todos os Tesouros emfim de que fala o Livro de S. Cipriano em nenhum delles os encontrou!

Depois de alguma coisa, sem resultado, como o livro é omisso na localisação dos Tesouros, vi-me em duvida se ela não seria alguma verdadeiro logar de encanto, e boa vontade a cavar muito fundo até que dei em rocha firme.... Depois furei não só todos quantos furados

jogos aqui e além sem obter melhores resultados.

Por fim, desanimados — mas não desiludidos — começaram todos da mesma maneira:

— Somos nós que não sabemos desfazer o encantamento.... Estamos estar a cavar um dia inteiro, enxadando sempre toda, e ser essa mesma toda a sempre trouxemos sem darmos por isso. O tesouro encantado há-de estar, pois, muito bem ser a toda que acabou.

Realmente, se levássemos esta forma de pensar para um campo filosófico, não acabaríamos desencantados de todo, porque a toda, aos olhos, é sempre e a mesma toda.... Basta olhar, que essa vida....

Não é, porém, de uma lição dos mouros, que os montes têm guardado tesouros.

Por monte dos Cabrões (1) em volta do penedo redondo a agricultura ainda tem sido maior.

É acerca deste penedo que a gente tem tecido maior número de lendas, pela forma estranha como ele se apresenta.

Tal qual como o ovo dividido horizontalmente, com cinco metros de comprimento e largura aproximadamente. E um mistério! — estando ele quase por muito tempo em cima de outro que já se elevava também alguns metros acima do nível do chão, apoiando-se numa cinta imperceptível, um mistério aos poucos que desconhecem os agentes modificadores da superfície terrestre e a acção dos ventos e da chuva.

Só com poder sobrenatural, com força desconhecida a podemos prender ali!...

A tradição lenda explica a existência do penedo naquele sítio, em cima de outro, quase igual.

Foi uma outra — dizem — do tempo dos mouros, que o levou à cabeça lá de

baixos, do vale, lá fora e alto do monte, em cima de uma rodilha de ferro e ali o atravessam.

— Como poderia ela com semelhante peso?...

Respondem: — Lá encantada, não custava nada!

Outras ha que dizem respeito ao seu desencantamento. De entre muitas lembra-me destas duas:

Um frade frei Qualquer Coisa, acompanhado de outros homens, foi um dia ao pé d'ella fora a desencantar. Levava comsigo um livro de antes na fraca e uma vara de marmeleiro.

O livro era para ler os exorcismos e as outras coisas com que se desfazem os encantos; a vara para dar pancadas no penêdo a certo ponto da leitura.

Quando o frade estava a ler e deu a terceira pancada com a vara no penêdo, abriu-se uma fenda por onde saíram centenas de diabos em forma de abelhões que fizeram fugir atordoada toda a gente que estava em roda.

Assim que todos fugiram, os diabos recolheram e o penêdo fechou de novo.

Uma vez, outros individuos, querendo relembrar o penêdo com um tiro, subiram para cima d'ele e principiaram a abrir um furo com uma broca.

O penêdo principiou a roncar com tanta violencia que os estonteou, e os obrigou a rolar e a cahir em agonia.

— x x x —

Soubemos que no dia 7 do mez corrente, (outubro de 1883), um grupo de homens de Barcellos, acompanhado do Rev.º Abade de S.ta Maria de Galegos, de Manuel Miranda da Silva, de Ermiz, de Antonio José da Costa de Lijó e de outras pessoas, visitou as ruinas da Citania de Briz e que todos retiraram de lá maravilhados com o pé com a grande extensão da empreza que estes pais

mas, mas ainda mais com a declaração franca que faz de sua crença.

Este fé para mim motivo de grande satisfação, pois que é uma prova de que as nossas lições e despretenciosas palavras alguma coisa teem obrado.

Muitos sabiam já, de ouvido, que em Paris existiam umas ruinas de casas antigas, umas grandes velhas - restos de um castro romano ou coisa semelhante - e, contava lá para comigo, diziam: — Vai-se ver um dia ao monte de Paris" — a verdade é que muitos se resolviam....

Lembram-nos que no tempo que frutou de Barcellos foi ao Snr. Eleuterio Endovia, historiador distinto e habil Archeologo, que muitas vezes tem prestado valiosos serviços para a elucidação da sua materia e outros individuos de grande Atenção da Galiza.

Este sabendo do fim — que são homens que trabalham por amor à sciencia e amor à terra, muitas vezes por qualquer especie de interesses pessoaes, representam muito entusiasmados e dispostos, se as circumstancias materiaes o permittirem, a fazer no monte de Paris o mesmo que fizeram no da Franqueira.

É-nos de veras simpathica e agradavel a maneira como estes homens olham as coisas velhas a que muitos outros votam o mais desprezo e abandono.

Lembram-nos tambem que desde outr'ora muitas pessoas teem ido visitar a Citania principalmente por espirito de curiosidade.

— Condemnamos e apoiamos a segunda; mas a outros motivos... que para lá vão ouvir a sciencia, ama a esperança de encontrar o sempre desejado ouro, estragando o que está e do que não fazem nada, d'aquelles fadinhos que o não fazem.

Saõ está lá nenhuma riqueza em prata, ouro ou platina, ferro nem cousa alguma disso.

Podem estar outras coisas que para nós não teem valor real algum, e que para um museu valham muito — mais que o ouro — e que V. as que acham a tôda parte podem estimar e destruir.

× × ×

O Monte do Facho tem de altitude 324 metros.
O logar de "Arrabalde" da freguesia de Roriz tem altitude 90 metros.

×

S. Miguel de Boiz

Uma lenda

Grande antigamente se dava alguem casa pe o povo na sua ignorancia não podia explicar este envolvia - o de tamanho mistério, que a facto dentro de poucos tempos tomava o caracter de lenda e a tradição oral encarregava-se de a ir bordando de paragens em paragens, ampliando-a com os dias.

Portugal, de norte a sul, está cheio d'essas lendas, algumas delas empolgadoras.

As mais impressionantes e embrulhadas de todas são as de mouras encantadas, que abundam principalmente no Algarve.

Boiz, como o Algarve e o Alentejo, tambem tem a sua Lenda - da moura encantada - na qual o povo acredita com uma religiosidade cega.

No alto do monte existe uma Citania, não se sabe ao certo se do tempo dos celtas, se dos romanos, a que chamam a "eira dos mouros".

Em tempos longinquos lá viveu, abitou, uma moira muito linda que os seus irmãos deixaram abandonada quando foram espulsos do norte de Portugal pelos povos invasores.

A moira chamava-se Dorneila. Era morena, ampliada de rosto e bem feita de corpo; tinha o cabelo muito e ondeados, os olhos azues e meigos e a boca pequena, mas bem talhada, deixando ver uns dentes alvissimos. O seu muito bronzeado e rijo realçava em desafogos constantes, pois costumava trazer curto que a cobria dos hombros até á cinta. Não convivia com ninguem, não conhecia ninguem, achava-se longe de todos

e desprezada de todos.

Viu-se forçada só por uma razão: os lobos se digravam de a visitar, pois para lá tinham de escalar a serra inhóspita e a pena ninguém valia tão difícil jornada.

Alimentava-se do que lhe trazia uma ave do céu e da graça de Deus....

Um belo dia, uma descendente da tribo, uma Regrela, de nome Benedita, que tinha sido desprezada em pequena pelos membros da sua tribo por não ter habilidade para nada e que havia vivido longos anos nas extensas planícies e montanhas do Vale de Tamel, alimentando-se só de caça e da pesca que podia apanhar em suas armadilhas, desceu de descontente bocejantes mais largos, subiu à Eitania pausadamente descalça e foi encontrar absorta e meditativa, sentada sobre uma pedra e com fronte curvada para a frente com as mãos cruzadas sobre os joelhos, Regrela.

- Aquela mulher ali, disse-lhe, naquele logar tão ermo, fê-lo estremecer de espanto.

Gerando se apoderou dela e pôs-se a vê-la bem. Deu-lhe um olhar de misericórdia, vago e piedoso, não pôde deixar de lhe corresponder com um sorriso afável e amavel, embora tivesse grande receio. As almas dos vivos e mortos entenderam-se à primeira troca de olhares. Ambos filhos da solidão e do abandono!...

Trocaram-se palavras e os continuos obsequios fizeram-nos mudar a antiga vida de tristeza e de saudade, numa de encanto e de prazer. Amaram-se....

É uma lei natural que os atraia, sem impedimentos, sem estorvos e sem muitas outras

conchinhaques..... que ha tanto tempo, lançaram-se
um nos braços do outro. E ao meio d'aquella
verdura escaldosa Regéla e Benedito viviam uma
hora de delicias! A Natureza, que lhes negara o bem-
estar, compadecia-se d'elles.

De sumo, quando a neve se estende
como um lençol branco cobrindo toda a terra, o
sol penetra e vivifica tudo antes de enviar a
sua vida a todas as coisas vinha beijar-lhe
a fronte e trazer-lhe o seu amor.

De noite, quando a mesma sol tinha
desapparecia, não faltava a luiza Jesus a ma-
ravilhar-se e admirar.

Quantas vezes não iam passear os
dois, de braço dado, pelas encostas da ser-
ra, disputando a frescura da linga ha-
via do Cávado e do Vale do Lamas, em as
suas immensas riscas de vegetação, de um
verde mais ou menos carregado, que mysticavam
vallados e regatos?!

A'noitinha, depois de terem passado um
lindo dia de amor, vivendo no meio de tan-
ta belleza como a mais antiga Mythologia
imaginou, Regéla não adormecia bem
abraçando-se nos braços de Benedito?!...

X X X

Uma madrugada em que Benedito tinha ido ver se
algum gado havia caido nas redes armadas em bre-
ve, apareceu na Atalaia um cavaleiro chegado dos
Lados do Levante que surprehendeu Regéla em oração
a Alá.

Vendo o cavaleiro a bella moura, logo se enamorou
da sua belleza e, querendo conquista-la, como lhe
aos pés jurando eterno amor e que por Alá, fosse
Bruda ou fosse Cristo se lhe entregasse.

Regéla não acedeu. O Cavaleiro, então redobrou as suas instancias e prometeu-lhe tudo; o seu espada, o seu cavalo, os seus títulos de nobreza, a sua vida, o céu e a terra. Em vão se batia com a mais terrível inimiga, pois ele, cuja existência era a mais constante guerreira que encontrasse até aos confins do mundo.

Mas Regéla fez nada se demoveria. Benedito começava a recear não ser o seu coração que resistiria muito tempo a tantas solicitações. Era mesmo que pensava e instante repelia o novo intruso.

O Cavaleiro usou do último (que em amor é primeiro) elemento de conquista; deitou-lhe uma braçada enorme de preciosas de ouro, pérolas, pulseiras, braceletes e Regéla, ante tanta riqueza, cega pelo brilho do metal, fechou os olhos e esqueceu o amor jurado a Benedito, rendendo-se ao cavaleiro desconhecido.....

× × ×

Desde esse dia nunca mais Regéla teve uma hora de alegria, de paz e tranquilidade. O remorso do amor traído atormentava-lhe mais que uma vez. A imagem de Benedito aparecia-lhe a todos os momentos. E toda a sua tranquilidade, toda a resolução-se que o novo cavaleiro fosse em busca de Benedito e o matasse.

O Cavaleiro aceitou a resolução e executou-a imediatamente, matando Benedito. Porém, as iras de Deus não ficaram impunes.

Um raio saído das nuvens caiu sobre o Cavaleiro e matou-o.

Ao mesmo tempo abriu-se um largo buraco no chão por onde se afundou Regéla com toda a riqueza, fazendo ainda hoje ouvir

desse poço encantada.

Muitos teem tentado desencantá-la por amor da riqueza que tem consigo, mas ainda não empreenderam.

No logar onde foi morta Benedicta rebentou uma fonte que nunca mais secou e que tem apagado a sêde a muitos viandantes.

G. C.

N. B. – Brevemente "A Barcellense" começará a publicar diversos artigos referentes à "Citania de Briz", que muito há de interessar os amigos da arqueologia.

× × ×

A nota que acima transcrevemos não obteve confirmação, isto é, a promêssa da publicação de diversos artigos sôbre a "Citania de Briz" não chegou a realizar-se.

× × ×

Vide pags. 122 - 123 - 124 - 125 - 126 e de 127 em deante até aqui – (III Vol. destes Apontamentos).

×

= Na Estania de Boriz = Monte do Facho =

À esquerda - O 1º Cruzeiro Comemorativo da Independência construído no Alto do Monte do Facho o qual foi derrubado pela ciclone de 15 de Fevereiro de 1941, que assolou todo o País.

À direita: O 2º Cruzeiro - Monumento da Independência vendo-se distintamente o escadório de madeira que dá acesso à Capelinha existente no Alto do mesmo, onde se venera a Imagem de Nª Senhora do Facho e hoje se venera a Imagem de S. Bento Milagroso. (1948)

À direita - 2º Cruzeiro - Monumento, erigido no Monte do Facho, o qual foi inaugurado solenemente em 30 de Novembro de 1941.

2º. Poço — Fronteira

A' segunda:

Visita à Estação do Poço — Fronteira da Independência que nos deixa ver mais e melhor a estrada de madeira que dá acesso à primeira Capela existente no Alto do Poço, aonde se venera a Imagem de Nossa Senhora do Pilar e hoje se venera a Imagem de S. Bento Trilapuzo. (1948). —

Carreira de Tiro Militar

em Sanil

(Do "Barcellos - Revista", Nº 12 - 2º anno - de 27 de Novembro de 1910 - De Nicolau Joaquim de Barros Bacelar, Tenente d'infantaria)

Notas descritivas

A 3680 metros da formosa e encantadora villa de Barcellos, no logar denominado dos Lavadouros, freguezia de Sanil, acha-se situada a Carreira de Tiro do 3º Batalhão do Regimento d'Infantaria Nº 8.

Corre a Carreira na direcção N. S. numa extensão de 600 metros, tendo que ficar limitada devido ás grandes dificuldades em se obter um espaldar que offerecesse as necessarias condições de segurança.

Emprehenderam-se os trabalhos da sua construcção com a valiosa e desvelada coadjuvação do Commissario de Barcellos, em 2 de Maio de 1905, tendo sido concluidos em 28 de Fevereiro de 1906.

Distinguiram com toda a proficiencia estes trabalhos os srs. Capitães Barbosa Pinto e Domingos Bello da Costa.

ESTRADA PARA A CARREIRA DE TIRO

A direcção do tiro é fixa, e da linha de mira despreza-se um angulo de cada lado, continuando-se no logar o monte da freguezia e as

altura dos seios; tem a corrente 2 linhas de tiro, sendo a descarga feita por meio de fogo. Estas fogo se encontram respectivamente às distancias de 30 e 200 metros da origem.

No ano de 1907, tendo a Comissão Municipal contratado as despezas, foi aberta, por intermedio nossos e alguns Sapadores do 3.º Batalhão, a linha de estrada que conduz à plataforma da corrente e tem a sua origem na estrada Boucinhos-Penacke.

Em 1908, ainda sob a auxilio da Municipio, Associação Comercial e Governo, foi edificado o quartel (que ainda se encontra incompleto), medindo 33 metros de frente por 12 de largo com as divisões e completamente precisos para se poderem alojar comodamente 50 homens.

Em 1909, sendo então director da Arma de Infantaria o Sr. Ten. Coronel Silva Mendes, foi a Bateria dotada com um telefone, para se estabelecer as comunicações e ligações entre o Quartel do Batalhão, os diversos abrigos e a plataforma.

Em 1910 construiu-se uma Marquise de 7 metros por 4, para abrigo dos atiradores civis e militares, tendo sido também aformoseado o terreno na frente do edificio com um jardim.

O seu abandono a que foi deitada a Casa da Carreira de Tiro que servia de quartel, derrocou e está prestes a desaparecer. (1947).

Comissão de Iniciativa e Turismo

Por Decreto de 30 d'agosto de 1933, foi considerada Zona de Turismo não só a cidade de Barcelos, mas também toda o seu vasto concelho.

Por legislação posterior esta comissão tem como Presidente um vereador da Camara Municipal e todos os serviços de Turismo são tratados e subordinados a esta edilidade.

Funciona a sua séde na Torre da Porta Nova, vulgarmente conhecida por Torre de Menagem.

— x —

1º Congresso Missionario Nacional

Realizou-se em Braga o 1º Congresso Missionario nos primeiros dias do mez de Setembro de 1931.

Chegaram a Braga, para tomar parte neste Congresso, pelas 16 horas do 3º feira 1 de Setembro de 1931 o Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, com Legado de sua Santidade Pio XI, Nuncio Apostolico e todos os Prelados Portuguezes, havendo as seguintes ceremonias:

1º dia - 1 de Setembro:- Imponente recepção na estação do Caminho de Ferro ao Cardeal Patriarca e demais Prelados;

2º dia 2 de Setembro:- Abertura da Exposição Missionaria e sessão Solene;

3º dia 3 de Setembro:- Romagem a Bemfeita e missa dita na capella-Igreja de D. Antonio Barroso pelo Bispo do Porto. Inauguração na cidade da Exposição Ecclesiastica e D. Antonio Barroso - Segunda sessão do Congresso Missionario no Theatro S. Vicente. Pandiva Recepção á Fanfarra.

Em seguida deste Congresso foi inaugurada, na Casa da Exposição da Imaculada - da cidade mesma imponente exposição de Pintura e Lá nos de Portugal que até 15 de outubro ficou patente ao publico.

×

(Vide pag. 60 do 4º Volume destes apontamentos)

×

Vide folha 24 do II Volume.

×

Prelados que vieram tomar parte no Congresso Missionario:

Nuncio da Sua Santidade
Cardial Patriarca de Lisboa
Arcebispo de Braga
Arcebispo-Bispo de Vila-Real
Bispo do Algarve
Bispo de Beja
Bispo de Bragança
Bispo de Coimbra
Bispo Coadjutor de Coimbra
Arcebispo de Evora
Bispo da Guarda
Bispo Auxiliar da Guarda
Bispo de Lamego
Bispo Coadjutor de Lamego
Bispo de Leiria
Bispo de Portalegre
Bispo do Porto
Bispo de Vizeu
Patriarca das Indias

O 1º. Congresso Missionario Nacional em Barcellos nos dias 1, 2, 3, 4, 5 e 6 de Setembro de 1931, teve o seguinte

Programa

Dia 1 de Setembro – Chegada de Exmo. Cardial Legado e dos Exmos. Senhores Nuncio Apostolico e Prelados Portuguezes.

Dia 2 – 5 horas – Abertura da Matriz. Confissões.
7 horas – Missa por um Exmo. Prelado e Communhão geral de creanças (Bugados).
11 horas – Abertura solene da Exposição Missionaria.
16 horas – Sessão solene, sendo oradores os Revmos. Snrs.:
Mgr. Gustavo Couto
P.e Joaquim Alves Correia
Conego Alexandrino
P.e Eduardo Lama

21 horas - Sermão pelo Rev.mo Conego João Francisco dos Santos e Benção do S.S. Sacramento.

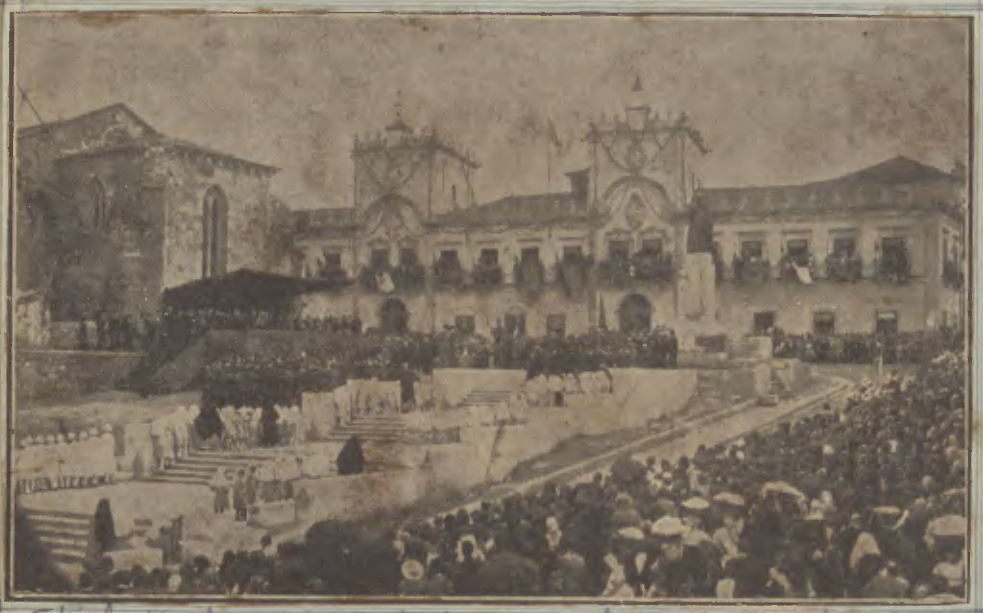
Dia 3 - 5 horas - Abertura da Matriz. Confissões.
7 horas - Missa de um Ex.mo Prelado e Comunhão geral de senhoras.
8 1/2 horas - Em Romelhe - Missa celebrada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio de Meireles.
11 horas - Inauguração do Monumento a D. Antonio Barroso, com a colaboração do Seminario do Porto.
16 horas - Sessão solene, sendo oradores os Rev.mos Snrs.: P.e Alberto Teixeira de Carvalho e P.e João Ines Monteiro e o Ex.mo Snr. Conde de Aurora.
21 horas - Academia Literaria - musical realizada pelo Seminario do Porto.

Dia 4 - 5 horas - Abertura da Matriz. Confissões.
7 horas - Missa de um Ex.mo Prelado, Comunhão geral de homens.
16 horas - Sessão solene, sendo oradores os Rev.mos Snrs.: P.e Serafim Leite - P.e Antonio Augusto da Cunha - P.e Domingos Mauricio Gomes dos Santos e P.e José Maria de Figueiredo.
21 horas - Sermão pelo Rev. Manuel Estevão Ferreira ex-Abade de Anta, e Benção do S.S. Sacramento - Procissão das Velas.

Dia 5 - 5 horas - Abertura da Matriz. - 9 horas - Pontifical; Sermão pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Arcebispo de Evora. - 14 horas - Sessão solene consagrada a Sua Santidade o Papa Pio XI, sendo oradores os Ex.mos Snrs.: Dr. A. Sousa Pedro, Lente da Universidade de Lisboa - Dr. Alberto de Andrade, Lente da Universidade de Lisboa e Dr. Alberto Pinheiro Torres, Advogado conhecido.
18 horas - Procissão Eucaristica. - Adoração Nocturna.

Dia 6 - 0 horas - Principiam as missas. - Peregrinação á Senhora da Fragueira, sendo a saida ás 8 horas. - Missa campal e Sermão. Allocução pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Leiria.

(Vide pag. 24 - 25 e 26 do II Vol. d'este Apontamento)



Fotografia tirada por occasião da inauguração do Monumento a Dr. Antonio Barroso.

(Vide folhas 24 e 25 do III Volume)

— x —

= Templo de Nossa Senhora das Necessidades, na freguesia de =
= Barqueiros =

À margem direita da estrada de Barcellos à Povoa de Varzim, em frente a um largo e extenso terreno, ergue-se a magestosa egreja de Nossa Senhora das Necessidades.

Existia ahi uma antiga capella, hoje desapparecida, pertencente à casa de Vilhoa, com cemiterio por ser um passadiço com ella.

José Velloso de Miranda da Fonseca, senhor d'aquella casa, foi um dia a Lisboa tratar de uma demanda e ali adoeceu gravemente.

Tendo porém, invocado o auxilio de Nossa Senhora das Necessidades, esta imagem em adoração, recuperou a saude.

Voltando de Lisboa, restabelecido da sua saude e com a protecção punha, mandou edificar a mesma capella esta imagem com capella junto ás casas nossas.

A devoção de povo por aquella imagem foi augmentando de tal maneira que resolveram ali perto levantar uma templo condigno á Senhora, auxiliando a empreza a filha senhora da casa dos Velloos e começando as obras tendo um com trabalho e dinheiro.

Edificou-se assim a grandiosa egreja que hoje se vê, de fachada elevadissima, sobresaindo aos demais edificios um formoso zimborio e a elegante architectura da

da sua torre adornada na frente posterior.

No frontispício, ao centro tem uma ampla sacada com oratório, onde se costumava dizer a missa campal na ocasião das romarias.

É esta encimada pela seguinte inscrição: -

"FEITA EM 1883. SENDO CAPELLÃO O P.E BERNARDO ANTONIO DOS REIS."

Por cima desta estão as antigas armas reais em pedra, e em logar superior a imagem de Nossa Senhora, também em pedra.

Levantadas ao templo, vê-se do lado esquerdo a sua capela: - A do lado esquerdo é a de Senhor dos Aflitos, em cujo altar está a imagem do Senhor da Cana Verde; e - A do lado direito é a do Senhor dos Perdidos, com as imagens do Senhor dos Passos e a da Senhora das Angustias.

Este templo em forma de cruz latina está cercado por todos os lados com quatro fontas de pedra e respectivos tapis.

Dentro ainda que não muito espaçoso, é imponente; o seu altar mór é em talha renascença, bem como os laterais, tem alvos frontispícios e côro.

No arco da capela-mór existem dois pequenos arabescos esculpidos em madeira, um representando a Natividade de Christo e outro as Almas do Purgatorio.

No pavimento do presbyterio observa-se uma inscripção, quasi gasta, mas que ainda se lê: - "DOS DESCENDENTES DA CASA DOS VELLOSOS."

Nas paredes viam-se pequenos quadros em vidros, alusivos a milagres que Nossa Senhora tinha feito aos seus devotos

e alguns em latrinas curiosissimas, sendo ha bem poucos tempos mandados retirar d'ali.

A administração desta capella passou da casa dos Velhos para os seus capellães e em 1906 a Justiça, que se mete em tudo, até com os santos, formou uma companhia de prof entregou aquella administração.

Foi este templo visitado pelo Rei D. Luiz I, por occasião de uma das suas viagens ao Norte, adquirindo desde então a sympathia delrei.

<Publicação feita no "O Barcelense" em 1931, pelo Dr. Teotonio da Fonseca, sob a epigrafe - "Barcellos - Além Cavado."> ———

×

<Do livro Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Archidiocese de Braga - 1931 - a pag. 116 - da autoria do Conego Manuel de Azevedo Barreiros> Egreja Senhora das Necessidades

Cerca de duas leguas para sudoeste de Barcellos, e capitaneada pela antiquissima Egreja de Nossa Senhora das Necessidades, que uma vigorosa cultura embeleza, tem a seguinte origem:

Uma familia de abastada fama, a familia da casa dos Velhos, da freguezia de Barqueiros, tendo-se de invadar de ancias de Nossa Senhora das Necessidades, em sua imagem adquirira em Braga, onde, em tal epoca se encontrava.

Completamente restabelecido e de volta para a terra natal, levaram a imagem numa caminheta que empreitaram com a sua casa.

As minas da Lentura, todavia, eram tantas que dificilmente havia quem de certo as conhecesse, que não raro, levavam de escalada a escarpa cavada. Barreiros

de, então, o abastado e fidalgo fidalgo, a erigir um templo magnífico, ao que anuiu e auxiliou a flor das freguesias vizinhas com a prontificar-se de boa vontade a angariar gratuitamente a prata e outras materiais para a construção.

"Este santuário, cujas grandes amarguras de seu voto, a testemunhar as denominações da Senhora, foi elevado a Capela Real, por alvará datado de 24 de Abril de 1872, em comemoração da visita que a ele fez El-Rei D. Luiz I.

O culto da Senhora, que durante o ano de alguma intensa, adquire proporções grandiosas nos dias 7 e 8 de Setembro, que são os da festividade principal — uma das mais apreciadas do Minho, pela extraordinária afluência de romeiros, os quais, além de terminação da merenda e da sesta, que nos trabalhos aquosos de anta desde 8 de Setembro, dirigem à Senhora a chistosa quadra:

"Senhora das Necessidades!
Não hei de ir à vossa festa:
Que me tiraste a merenda
E mais a hora da sesta."

~~~~ x ~~~~
~~~~

O Antigo Palacio dos Duques de Bragança em Barcellos

Por Vasco Valente

(Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes – VII – Lisboa 1940 – pag. 27 v.º)

(Faz referencia á Capella de Nossa Senhora da Luz em Manelins)

Em sessão de 28 de Outubro de 1924, foi por José de Figueiredo feita communicação a esta Academia dum desenho aguarelado existente na Administração da Casa de Bragança e executado em 1856, por António Augusto Pereira, desenho que é cópia de outro gouache feito em 1786, pelo pae do artista, "afinado pintor," como ele lhe chama, Manuel Luiz Pereira Barcellos. Representa esse desenho o antigo Palacio dos Duques de Bragança em Barcellos, antes de ter soffrido, primeiro as tremendas damnificações causadas pelo terramoto de 1755, e, depois, as que varias vereações camararias entenderam dever infligir-lhe.

De datas mais recentes, mas anteriores ao vandalismo ameaçado em 1872, são conhecidas varias representações do Palacio, entre elas a photographia do Museu Pedreira de Lisboa (1870?), que faz parte de uma collecção de vistas de Portugal, e a aguarella de S. Ehrenfreund existente na Senhora D. Violeta Pinto, de Barcellos, encontrada em 1881 (?), mas que é, evidentemente, cópia de outro trabalho de data anterior.

Ha tempos, tivemos, porém, ocasião de examinar um quadro representando – não um aspecto de Barcellos, visto de Barcellinhos, que offerece especial interesse mereceu reparo, não só pela data em que foi executado (1848), sendo a representação do Palacio differente das que conhecemos em documentos posteriores do século XIX, como por nos apresentar pormenores de outro monumento nacional, a Casa dos Pinheiros, que nos surprehenderam e bem merecem estudo.

No primeiro plano, a Capella de Nossa Senhora da Ponte e uma Cruzeira, de que se já havia

perdido memória, mas que, de facto, lá existiu, pois podemos averiguar que foi demolido, na segunda metade do século XIX.

O quadro em questão é uma pintura a óleo sobre tela, que servia para tampa de fogão de sala, e pertence ao Dr. Gaspar da Costa Leite, filho do saudoso industrial, Conde da Oliveira. Depois duma cuidada limpeza, verificamos que está assinado: "Conte — 1848", devendo tratar-se de um antepassado do referido, que trabalhou no Porto no meado do século XIX.

(Esta comunicação foi feita na sessão de 7 de Dezembro de 1939).

— (Vide folhas 18 vº deste Volume) —

Vide folhas 39 vº - 63 e 199 do I. Volume destes Apontamentos.

A fotografia que colocamos acima é uma reprodução tirada do quadro a óleo sobre tela que atrás nos referimos e qual faz parte do recheio do Museu Soares dos Reis, do Porto.

Manhente

(Vem de paginas 121 v.º deste Volume)

"Documento citado a paginas 120 v.º deste Volume".

Esta copia foi feita com o maior cuidado á face de um documento antigo, que existia no archivo da Junta de Parochia da freguesia de Manhente, do concelho de Barcellos. O original era em latim e consideravel de antiguidade, de fórma que a ortografia da traducção seja moderna. Vid o opusculo — Bibliotheca de Curiosidades — Couto de Manhente — editado por José da Silva Vieira, de Barcellos (1884), onde foi publicada, na integra, a carta de confirmação de el-rei D. Pedro II do referido Couto ao Padre Reitor do Convento de São Salvador de Vilar de Frades, da Congregação de S. João Evangelista, e bem a data do 1.º de Julho de 1706.

Ha nella memorias á doação de D. Affonso Henriques e ás confirmações dos monarcas D. Affonso IV, D. João I, D. Manuel, D. Sebastião, D. Pedro II e D. João IV.

Fr. Francisco de Santa Thereza cita este documento na Chronica da Soledade, vol. 1.º fcap. 280; Pinho Leal no Portugal Ant. e Mod. vol. 5.º, pag. 52; Augusto Vieira, no Minho Pittoresco, vol. 2.º pag. 175; e finalmente vem citado no Dicc. Portugal e na Encyclopedia Portugueza Illustrada, vol. 6.º, pag. 82 v.

B. Capela de S. José = (Antiga Capela de Sta Maria Madalena =

(Indicação feita por Fran.co Candido e Silva, m.or Jorn.l "O Barcellense")

Esta capela é antiquissima e por mais pesquizas que até hoje se tenham feito, nunca tem sido possivel descobrir-se a data da sua fundação.

Pelo menos nenhum investigador antigo nos deixou o menor rasto por onde fossemos descobrir a fonte do véu que envolve esta circunstancia occulta.

Perdida "Historia Panegyrica em louvor da Villa de Barcellos" do Padre Fr.co Leitão de Payares - 1670. "Nobiliarchia Portugueza" do Antonio de Villas-Boas Sampaio - 1727 - a "Memoria Historica da Villa de Barcellos" pelo Abade de Lamas, P.e Domingos Joaquim Pereira - 1867 e Noticias descriptivas da muito nobre villa de Barcellos - 1868 de S. M. dos Annaes Bibeiro - nada mais podemos colher do que até ahi se descobrio.

Quasi que se póde affirmar que é a egreja mais antiga de Barcellos.

Foi primeiro a invocação de Santa Madalena e depois ella foi mudada e trocada por diversas designações, nomes e annexos até se estabelecer em que actualmente se encontra.

Não sabemos como perdeu a tradição do nome da sua fundação e desde muitos annos a povo lhe deu a denominação Capella de S. José.

Esta antiga capellinha, sempre situada no Campo da Madalena, foi testimunha de muitas festas por nós vividas pelos estudantes da vila.

No grande tempo do Campo da Madalena, estava no arrabalde da vila - ou extra - muros da vila - ainda se via a egrejinha, com adro e o campo do lado de oliveiras, sitio aprazivel e frescoso onde os estudantes - festeiros grandes fogueiras nas festas em honra da sua protectora promoviam danças e distribuição de prendas até ahi para angariar meios para as suas

beasseem as despezas por fogueiro com os feitos.

— Assim decorreram algumas centenas d'annos até que outras companhias da vila vieram pedir guarida á da Santa Madalena, por se lhes ter demolido as suas capellas ou ermidas, devido á expansão da vila, como foi a Companhia das Almas que tinha a sua séde na Capella do Espirito Santo, que então estava situada pouco mais ou menos onde hoje se encontra a entrada para a antiga judiaria publica e a permissão de ahi se constituir a Companhia de S. José annexada n'aquele tempo pela Companhia dos Carpinteiros.

É isto o que nos confirmam varios documentos que temos á mão e que até hoje ninguem lhes deu importancia, mas que nós vamos fazer crer que de entre uma massa jurisdicta que arrecadam nos tribunaes da nossa antiga vila, anda foi debatida se a propriedade da Capella era de Santa Maria Madalena ou de S. José.

O processo que é interessantissimo e bastante amplo encontra-se ainda em partes. Por ele podemos analisar, porém, como aliás, datas e outros esclarecimentos que vêem dar luz em pontos obscuros da historia da nossa antiga vila.

Garantimos a transcripção exacta dos documentos que vamos publicar, extractos de um processo que foi por nós arrolado no Cartorio da Companhia de S. José.

Este processo foi por nós encontrado á mistura com papeis velhos e fitas artificiaes dentro d'uma caixa que se encontrava n'uma das gavetas da Capella.

Oxalá este documento, que é valioso, seja guardado e estimado como merece.

O processo a que nos referimos vem dar-nos

a saber que a Confraria de S. José, conhecida na época (1740) pela Irmandade dos Carpinteiros, fora organizada na primeira Capela de Santa Maria Madalena, com consentimento da Confraria desta, pelos fiéis dos Carpinteiros da vila pertencentes ali todos os altos e Mistérios do desterro (Jesus, Maria e José - altar existente no corpo da capela, do lado do Evangelho -). Os Carpinteiros mancomunados com os irmãos da Confraria Clerical das almas, foi também ali se saber por parte que a capela era pouco recomendada pela confraria da Madalena, aproveitando a ocasião de ter sido aberto o livro de Santa Maria Madalena pelo P.e Francisco Alves Lima, então existente, foi feita a 17 de janeiro de 1740, não só pessoalmente se opuseram a que este livro se realizasse confraria instituída, como lavraria uma acção civil, nesta comarca contra todos os frades que não acatassem as suas determinações, intimando-a, os juízes apenas de lhes terem fechado a Igreja, lhes todos os dias a reservam às suas canonicas, no corpo da Capela e juraci sempre na Capela mor.

Os carpinteiros falsearam. se juiz ouvidor e juiz vedor da Capela de Santa Maria Madalena e d'ahi os seus protestos nos tribunais de Barcelos.

- Como se verá da documentação que vamos publicar, esta causa correu seus termos tribunalmente. Depois de muitos e variados apuros os tribunais decidiram a favor de Santa Maria Madalena, fora da Capela.

- Nenhum dos advogados da vila quiz tomar conta da procuração dos carpinteiros, tendo de ser nesta ocasião a intervenção do Juiz de Fora para assegurar. Diz Fora a ordenação, por ordenação expressa deste majestade, pois todos os advogados eram da Confraria de Santa Maria Madalena a favor, como estudantes, tinham prometido vedor

Justificação.

— Documento —

Dizem o Juiz e mais Offs. da companhia de Jesus, Maria Joseph, desta V.ª qq. f.ª haverem de ser restituidos a sua posse da violencia q. lhes fizerão os R.dos Joseph P.ª de Carv.º, Baptista Correa de Alm.ª, Pedro de Aguiar, M.el Fr.z, Ant.º Lopes Negreiros da mesma, Bento de Villasboas de Fr.ª de Barcellinhos e Ant.º Fr.z de Fig.ª, lugar de Marésses, lhes bem justificar o seguinte:

I — Que supp.es são senhores e possuidores do Templo, hoje vulgarmente chamado de S. Joseph, sitiado no arrabalde d'esta Villa, q. d'elle tomou o nome, cujo Templo reidificarão, e de novo fizerão os off.s antecessores dos supp.es á sua custa, juntam.te com os devotos, irmãos das almas, á mais de setenta annos e desde esse tempo o estão possuindo em pacifica posse, em sociedade com os R.dos Irmãos das Almas, usando delle pr.as as suas festas, missas cantadas, esposto o Senhor e para as suas Maezas, e p.ª todas as mais obrigaçoens e funçoins da sua companhia, fazendo os reparos e concertos nec.os e tendo collocadas as Imagens dos vocaçoins de J. M. J. no altar mór especialm.te sendo as chaves da porta principal, grades e sachristia, e as particulares, intrando e saindo delle todas as vezes que querem, elles he nec.º como verd.os possuidores e administradores são delle sem contradição de pessoa alguma.

I — Que estando os supp.tes na referida posse e liberd.e, os R.dos supp.tes domingo honze deste mez de setembro, se meterão á força e contra vontade dos supp.tes na Capella Mór do d.º Templo, a rezar de manhã com o cõp.to ás oras canonicas, e de tarde, e no dia seguinte mandarão pôr estantes e vão continuando, mandando tocar o sino na forma mais showa; cujo show instituio o R.do P.e Alvares da Serra, por contracto, q. fez com os R.dos supp.tes e sua companhia e a escritura a tem os Supp.tes dos

I — Que com o referido show ficão os supp.tes privados do uzo amplo do d.º Templo e capella mór que sempre tiverão livre em todas as horas e descuidada sem estantes nem showeiros, com cujos factos dos R.dos supp.tes não só fazem estes força e

violencia aos supp.tes mas tambem privão á sua confraria de consideraveis emolum.tos e fazend.a de poderem exigir choros com utilid.e da cera.

P.a V. Me. os admitta justificar o referido, citados os R.dos supp.dos e constandose julgase terem estes commettida lhes força e os condene a q. della degistão e restituão os supp.tes á sua posse com perdas e dános impondo-lhes as penas q. por este juizo se lhe podem pôr e o escri.m os certifique e lhe a pr.a pena de Suspensão.

E. R. M.ce

(Setembro de 1740)

Ahoje a apresentação em juizo a parte da Confraria dos Carpinteiros, como estes não tivessem procurador algum que lhes tomasse conta da sua causa, e pretendessem - se a fazer a sua nomeação por intermedio do Juiz de Fóra, esta pretenção foi do teor seguinte:

Ill.mo Snr.

Dizem o Juiz e mais off.es de Jesus, Maria José, q. tem nd.a q. certos Rend.os Sacerdotes desta Villa exigirão de novo hum cont.o de corriros na sua Capella como uma delles e da Confraria das Almas q. dizem ter instituido o P.e Fran.co Alves da Serra, e se intrometerão hoje á valentona a regar nomeyo da Capella do d.o Santo sem consentimento seu, á força e contra sua vont.e e prejuizo da d.a Confraria e porq. querem ser conservados no seu dir.to e posse e p.a o fazerem pelos meyos da justiça nomeyão o Ad.o Joseph da Costa Leytão p.a os patrocinar.

P. a V. M.ce seja servido ord.r q. o d.o assente sob pena de suspeição

Setembro de 1740

E. R. M.ce

Snr. D.r Juiz de Fóra

Eu nesse disse a estes supp.tes que não podia ser seu Advogado por justas causas q. á isso me movem e juro, Jurando me dou por suspeyto, e como o Snr. Juiz de Fóra ignora a minha causa

e nestes termos intendo sm não queria duvidar, nem lhe justo, por isso digo, que não aceito.

José da Costa Leytaõ

"Aceito pena de suspensão sem embargo do que requer o escrivam da semana lhe intime.

Mendonça."

No prosseguimento deste processo, que, como dis se vê, é curiosissimo, devido aos seus orcados incidentes nele levantados, como: recursos, aggravos, etc, etc, vê-se nele que por diversas vezes teve de ser ouvido o juiz ouvidor de Villa do Conde e de Vianna.

Dele se verifica que teve o seu começo em Setembro de 1740 e terminou em 1743.

"Despacho ouvindo o Juiz de Fora a folhas 115 v.º"

"A escrivão em maço de 24 horas de feitas as citações que se lhe encommendaõ no despacho de fl. 109 atraz passado e dito maço hei por suspenso e satisfeito terme logo vista nos apresentes pena em outras 24 horas findoreu a sua opposição apresente dita mandar separar destes autos e do Advogado ouvido em não protelar o curso da causa atraz.

Barcellos, 25 de Agosto de 1743

Almeida"

"O Advogado Nicolau da Costa Correia nos seus artigos ditos" ..... A Capella de N.ª Sr.ª Magdalena, em q. os apocados fazem festa de S. Iré, e os offs.os das Almas he e sempre foi dos Estudantes desta q. em tempos de q. não ha memoria, a erigiraõ, com a instituição de hum Conego desta V.a e seus suc.es os apresentes foraõ S.es e possuidores da dita Capella.

. . . . . .

Que crescendo a Igreja e Irmandade com os estudantes, que nacerão por serem filhos familias não tinham com q. reedificar a Capella de maneira q. seu Irmão a fazem varias esmolas e outros Irmãos fizerão algũa obra reedificarem a sua Capella e tendo feito muito maior q. a de velho se resolverão a reedificar a capella ampliando na forma em que hoje se acha.

. . . . . .

Que foi o D.r Joaquim de Villastoas, um dos estudantes que com os de seu tempo tinhão adquirido o direito de fazer a obra, sendo já formado e Juiz dos orfãos desta Villa deu a obra com os estudantes e elle foi o Superintendente da obra q. assistio continuadamente e foi o primeiro q. no dito tempo da Capella se sepultou.

. . . . . .

Que pelos apontamentos confrontados com o seu direito direito de tumba acima e não tem igreja em que lhe fundessem dar a remuneração devida, pedirão aos opponentes, q. n'aquella Capella, q. fazião, se lhe desse algũa esmola de seu donativo e como não foi a primeira vez q. a Magdalena lhe socorreo.

A q.to lhe concederão, sujeitando-se elles carrir.ros em particular da capella benzer a fazenda tudo q. fosse preciso com cellebre de ensadias para aquelle tempo fazendo sempre com a denominação da Magdalena.

Que he tanto verdade q. a Magdalena a Irm.a fundarão do d.o tempo q. nelle se acha a sua Imagem no portinhol, e tambem no altar Mayor, na parte direita — hupar q. pella mayor parte se dá aos fundadores.

. . . . . .

Que sempre os Estudantes opponentes e seus an-

Testadores sempre na dita Capella festejarão a dita
Santa e dita Irmandade festa desta fr.ª q. se expres
a Irmandade nos Augustissimos Soberanos sendo
Juiz o R.do Conigo Antonio de Villas boas Tinoco
e Irmã as Aphoretas fazendo a mesma festa á mes-
ma imitação se valerão dos documentos dos
Aphorentes.

Este outro Artigo he dos Aphorentes
e os Aphoretas Confinantes, não terão nelle mais q.
a faculdade e permissão dos Aphorentes fr.ª venera-
rem a dita Sancta Mis.ª do Destino, mal
podem dizer e falsamente alegão serem de-
votos d'ella, como tambem os Aphoretas offici-
aes das almas q. não tem hoje mais q.
fazerem todas as obrigações da sua Irman-
dade.

"Articulados do Advogado Luiz Manoel Lamego"

Satisfazendo ao despacho de fl. dizem os Aphorentes....

Sendo necessario que a Capella de que se tra-
ta sempre foi da S.ta M.ª Magdalena e dos Aphorentes
fosse a festejarem e fazerem todas as despezas que
lhe erão convenientes e sempre foi da S.ta M.ª
Magdalena e todos os consortes que exercerão desta
Villa como Joaõ P.ª de Soares Leite de Theotonio
da Fonseca da Soledade no seu Tratado Francez
sobre esta V.ª e o desembargador Ant.º de P.ª Pinto
Sam Payo na Monarchia Portugueza; Cunha
na Corografia Portugueza e todos dizem ser a Capel-
la da S.ta M.ª Magdalena dos Estudantes e assim
era foi dos Aphoretas.

Este em tempos antigos em que se fizerão
os acordãos do Senado da Camara desta Villa,
e apellido o Campo em q. a Capella está sitoa
da da S.ta M.ª Magdalena e nunca se chamou
de Santa José e se convence de meus verdadeiros

e alegado pelos A. A. apostos além do seu, Em um Tombo da Serenissima Casa de Bragança na medição de algumas terras que confrontão com o campo em que a Capella está situada, lhe chamão o Campo de S.ta M.a Magdalena e nunca se chamou de Sam José como os appellados mal dizem.

Que os depoentes são da mesma verdade e consciencia".

. . . . . .

M. Lamego

Custas do Agravo fl 30

Reis	90
ah.as	35
Tems	22
mandados	08
despacho	10
	165

Somma fr.s e Sen.s um cento e sessenta e cinco reis

Custas dos vencedores

Treslado	200
Reisam	40
Das custas da relasam	2.490
	2.895

Somma sendo dous mil oitocentos e noventa e cinco reis.

Conta fl 2

Carvalho

"Sentença do Juiz de Fora"

Como a presente Cauza he mercancil de pouca monta foi sentenciada Sumariamente por Seus termos de autos e fins e do art.o da appellação fr.s e do seu conteudo fr. respeitem á materia da pergunt.a 9. do alem do Juiz só se não pode recorrer neste Processo por necessitar de mayor plenario, salvo ficando no meio tempo suplita a causa

minacional de que não deve ser admissivel em causa tão privilegiada como a de hoje em que o direito absoluto recomenda a restituição dos esbulhados e ainda que esta materia seja allegada por alguns D.D. a respeito da propriedade e dominio allegados no 3º artigo a resolução de que não deve ainda ser admissivel he a mais assentada em cujo direito he certo não ter lugar a dita oppposição Portanto assim o declaro rejeitando de seus artigos em vendade da razão em ... que recebo e julgo provada.

Barcellos 24 de Setembro de 1748 e pagarão os 87 dos oppostos as custas de hoje em diante.

Almeida

Como se vê das primeiras peças do processo que entre os annos de 1746 a 1748 correu seus termos no Juizo judicial de Barcellos, foram os reverendos esbulhados restituidos ao direito de jazerem e serem a Santa Maria Madalena na parte da sua capellinha devidamente apropriada para tal fim, hoje por cima da Porta principal; e o direito á propriedade desta egreja desta santa (sua padroeira) vê-se claramente demonstrado nos advogados que patrocinaram tal causa é que a egreja dos carpinteiros não póde destruir em bases verdadeiramente solidas.

A companhia dos carpinteiros (S. José) foi sempre defendida (á bocca) pelo Dr. José da Costa Leytão e a de Santa Maria Madalena pelos Drs Nicolau da Silva Correia, Luiz Manuel Ramos, Manuel Ferreira da Costa e Francisco Filipe de Faria, tendo intervindo o Juiz de Fora José de Gouveia de Mendanha, Juiz ouvidor de Barcellos José Antonio de Oliveira Machado e Juiz ouvidor da vila de Vila do Conde Antonio Joaquim dos Reis Leite, sendo escrivão

do Jnvocassão Santa Cruz d'Araujo da Silva.

Os capelães do serviço do côro de Santa Maria Madalena que sustentaram esta antiga Igreja os padres. Pedro Ribeiro de Gouveia - Antonio Ribeiro Carneiro - Manoel Fernandes - Heliodoro Correia d'Oliveira - Antonio Dias Vilas-Boas e Bento de Vilas Boas; e a confraria foi representada em juizo pelos irmãos Comp. Manoel Correia d'Azevedo - Dr. Antonio Rodrigues do Vale - Comp. Nicolau A. P. Barros e Antonio Barbosa Correia, emquanto a confraria dos confrades foi a pessoa sempre representada pelo Escrivão Joaquim da Silva.

Os seus altares diziamos dito se não com a igreja tem foi a melhor parte da Basilica estava ao lado da confraria de Santa Maria Madalena, adornada dos estudantes.

O campo onde está a capellinha é dos mais bonitos da cidade e n'outros tempos, emquanto estivesse no arrabalde da antiga vila, foi o Rossio, todavia com a extensão desta localidade, chegou a estar completamente estragado por se permitir que dele se tirasse saibro para as construcções, fazendo n'elle verdadeiras lagoas, com grande prejuizo e mal.

Como se reconhecesse que isto não deveria continuar assim a Camara Municipal em 1884 regulamentou-lhe o preço e aformoseou-o mandando-o circundar com um bello muro e grandes castanheiros, abrindo n'elle um gradeado de ferro mais de acto realce.

Neste campo assenta a defumentada capella de Santa Maria Madalena (hoje conhecida por Capella de S. José), o Chafariz-cruzeiro (1) da nossa freguesia de Sta Maria Maior e a Capellinha de S. Bento da Boa

gaiveia (2).

Por mais pesquizas que fizessemos não fomos encontrar os limites estabelecidos da comarca dos carpinteiros, a não ser alguns documentos que se referem a elles, chegando ao conhecimento que ela era constituida por todos os carpinteiros que trabalhassem na vila, conforme a provisão de D. João, de 15 de Janeiro de 1749, expedida mandou ser assinado pelos doutores desembargadores do Paço Fernando Dias Monteiro e Inacio da Costa Quintela, juizes do seu conselho.

É bom saber-se que neste assunto, pouco ou nada tem a Capela de S. Bento da Boaçaminha e o seu Guardião (porque mais do meus depende da casa que hoje pertence ao Snr. Camilo Ramos), existia - com muito alpendrado adiante - uma Cruz que ali tinha ficado, onde dia e noite estava sempre bem cheia de cêra acesa, a qual era alimentada com promessas e muito principalmente pela gente do seu visinho.

Este visinho foi mandado demolir, nos ultimos annos do seculo XIX.

Notas:-

1) Este chafariz-cruzeiro, assenta no local onde já esteve um grande lago que a pedido dos moradores do campo, foi inutilisado por muito insalubre. O chafariz que foi construido no Largo da Camara entre os annos de 1631 a 1632 foi d'ali mandado retirar em 1927 pela Camara da presidencia do falecido Snr. Coronel Vila-Chã Leite e reconstruido n'este campo em 1933 tendo-se-lhe retirado criminosamente a Cruz que o encimava.

2) Esta Capelinha foi mandada construir pelo Conego da Colegiada da antiga vila Dr. Gaspar Pinto Correia nos principios do seculo XVII.

A Capela de Santa Maria Madalena foi, como já disse, uma pequena ermida com alpendre e um adro.

Sofreu muitas modificações para a tornarem maior e devido a várias que houve entre as confrarias a que nos temos referido, cada uma delas fez construir junto à capela, com entrada própria, uma pequena casa com sala para arrecadação das suas alfaias, de forma que a capela não possue grandeza dos tempos antigos, pois toda ela é de construção actual do século XVII.

Dentro, os seus altares são modernissimos, apenas o altar-mor tem um frontal do século XIV ou grandes meados do século XIII, em pau de nêda sua talha. (1)

As imagens dos santos que a adornam são realmente muito antigas mas de arte pouco apreciada.

Tem dois quadros em tela que estagiaram permitindo-se restaurassem.

Na sala das sessões da confraria do S. Paio existe um quadro a oleo junto em madeira, alusivo ao Espirito Santo, que julgamos ser o que existia na Capela deste nome que foi demolida no Campo do Salvador (hoje Campo da Republica).

No frontão do lado, em pedra, das casas que dão acesso ao adro, tem gravado a cinzel a seguinte inscrição - 1832 -

No interior da capela, ao fundo, existem algumas pedras que serviam de sepulturas, das quais constam as seguintes inscrições muito mutiladas.

À entrada da porta principal:

Notas: -

1) Parece-nos que este frontal veio da antiga Capela do Espirito Santo que existia no Campo do Salvador - antigo Campo dos Paços hoje Jardim Publico ou ainda do Campo da Feira.

S.A
DE FR.co DA SILVA E
SEVS HERDEIROS

QVEM MANDOV FASER
OID.o M.o DE VILLAS
BOAS
EFAS EEEP.os
Dentro da sacristia, junto á porta da capella mór

S.A
DE HI
O COELHO
SEVS HERDEIROS
1862

Vê-se que foi achada ha pouco tempo e que junto a fazerem lhe levantaram as pedras que deviam de ser pultiras, para com ellas fazerem os arruamentos que entenderam para tornarem a capella maior.

N'esta parte esterior da capella ainda existem restos do antigo adro da primitiva ermidinha, fazendo com elles um banco encostado á face interior da parede que serve de divisão.

Encontramos na trasladada mas arrecadada, certa documentação que nos diz claramente que o Bem-Estar das Almas foi aprovado e confirmado em Braga na Cúria Eclesiástica aos 10 de Janeiro de 1705, sob escrito pelo escrivão Manuel de Gouveia e Fiqueiredo e assinado pelo Dr. Francisco de Torres, cónego magistral na Santa Sé Primacial da cidade de Braga, juiz dos ditos vigários gerais e pelo e seu Provisorado pelo Ilustríssimo Senhor Arcebispo Primaz.

Ora interessante foi-nos na íntegra a seguinte documentação:

Dom José por Graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves da quem e dalem Mar em Africa, Senhor da Guiné etc.

Manda a vós Provedor da Comarca de Viana que vos informeis do conthendo na petição atras escrita do Juis e mais oficiais da Confraria do Senhor Bom Jesus declarando a origem desta confraria e fazendo juntar a copia de seus estatutos e sua confirmação e do que achares me escrevereis com vosso parecer e com vossa carta me tornará esta.

Sel-Rey vosso senhor o mandou pelos Ministros abaixo assinados do seu Conselho e seus desembargadores do Paço.

Constantino José Gouveia a fez .... em dezaseis de setembro de mil sete centos e cincoenta anos.

Gonçalo Franco da Costa de Sotto Mayor a fez escrever.

Dr. Ignacio da Costa Quintella.

Eu empossado do despacho acima e atras escrito, Dr. Duarte Ribeiro de Jesus e Lemos, Juiz de Fora em alçada em esta Vila de Barcellos e seu termo por sua Magestade que Deos guarde etc.

Certifico e porto fé em Comarca Capas de Azevedo, Tabelliam do Judicial e notas em esta dita villa e seu termo pella mesma lemos em virtude de verdade que por fóra da Lista do Arabalde do Senhor do Bomfim desta mesma villa e thesoureiro que disse ser da confraria de Sam Joseph desta dita villa me foi

apresenta huma Provisão de que e bem deveras saudosum de
de especie. Dom Pedro por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves
d'aquem e dalem mar em Africa, Senhor da Guiné etc.

Faço saber que o Juiz e mais officiais da Confraria de São Joseph sita na
Capella do mesmo santo extramuros da villa de Barcellos me representou por
huma petição que em razão de antigamente os Carpinteiros da Legoa e villas
serem obrigados a pôr na Procissão de Corpus Christi hum andor de Jesus, Maria
Joseph, a que chamavão a obrigação do mistér entravão estabelecendo
a antiguidade huma confraria na mesma Capella que constá ser só de irmãos
carpinteiros e a que o andor das Imagens da mesma capella servisse
para o dito mistér e com elle se satisfaça a obrigação porem de mes-
tre carpinteiro que servisse de Juiz do officio dar e applicar para
a confraria o que lucrava dos exames dos officiais para se lhe passar
carta na Camara do officio e de cada exame de costumada dar
dous tostões e com effeito sempre assim se observarão havia
sessenta annos que se erigio a confraria só havia queixa
que alguns mestres examinadores ou Juizes do officio o lucrarão sobre-
pararão em prejuizo da confraria que hera muito pobre e foi
erecta no mesmo mistér e arte de carpintaria e em todas as
villas e cidades aonde as ha entrava carpinteiro a usar do officio
lhe impedirão o exercicio em quanto senão addeitarão pelos ir-
mãos da confraria de São Joseph e para evitar o damno que
recebia a mesma confraria utilisando-se todo o mistér do andor
della nas preditas processões querião os supplicantes que se lhe
fizesse mercê e esmolla ao dito senhor Santo Joseph de lhe conceder
Provisão para que se observasse o costume antigo dos Juizes do of-
ficio applicarem para a confraria o estipendio que recebião dos
exames e que não podesse na dita villa e seus Arrabaldes
haver carpinteiros que usasse do officio sem se assentar por
irmão da mesma confraria e não querendo fosse esposto
pellas justiças.

Pedindome lhe fizesse a graça conceder aos supplicantes
a Provisão que pedião em forma e pareceu ao Senhor São Joseph
e visto seu requerimento, informações que se derão pello
Provedor da Comarca de Vianna ouvindo aos officiais do

Camera e aos Juizes do dittº Officio de carpinteiro que não tiverão duvida como tambem o não teve o Procurador da minha coroa a quem se deu vista. Hei por bem fazer mercê aos Supplicantes de lhe confirmar como com effeito confirmo e hey confirmado o estillo, antiguo que sempre tiverão os Juizes do dittº Officio de aplicarem para a confraria dos Supplicantes as estipendios que recebem dos exames.

E pedirão-me lhe fosse mandado que não fossem aos dittos exames e que lhes fosse dado Official de carpinteiro que exercesse o mesmo officio sem se assentar por irmão da dittª confraria cujas contas darão os officiais da mesma ao Juizo da dittª Camera

E tendo-se esta Petição como nella se contem que vallerá posto que sem effeito havia de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do Livro Segundo titº 40 no qual se ha em contrario se registará nos Livros da dittª confraria e nos da dittª Provedoria para a todo o tempo constar que eu assim o ouve por bem e hajão de pagos direitos quatro centos reis que se carregarão ao Thesoureiro delles a folhas honze versos do Livro primeiro de sua receita e se registou o conhecimento em forma no Livro primeiro do Registo geral a folhas nove. E El-Rey Nosso Senhor o mandou pelos Doutores Fernando Pires Mourão e Ignacio da Costa Quintella ambos do seu conselho e seus desembargadores do Paço. Francisco Xavier da Cunha a fez em Lisboa a quinze de Septembro de mil sete centos e quarenta e nove annos. De feitio desta quatro centos reis. Gonçalo Francisco da Costa de Sotto Mayor a fez escrever. Fernando Pires Mourão. Doutor Ignacio da Quintella — Por despachos do desembargo do Paço de Quinta de Janeiro de mil e sete centos e quarenta e nove. Joseph Vaz de Carvalho. Passou quatro centos reis. Lisboa degaseis de Septembro de mil e sete centos quarenta e nove. Dom Sebastião Madeira — Registada na Chancellaria mór da Corte do Reino no Livro de Officios e mercês a folhas duzentas e sessenta e quatro. Lisboa desoito de Septembro de mil sete centos e quarenta e nove. Levou duzentos reis. Antonio José de Moura. E não se continha mais em a Provisão a qual tornei a entregar ao dittº Juiz da Silva que ma apresentou e de como a recebeu assigna aqui e a ella em Sotto e por todo me reporto

donde eu Amaro Lopes de Azevedo fiz passar a presente certidão, bem e fielmente a qual com a propria Provizão e outra Provisão de justissa comigo ao diante assinados conferi e concertei e vay na verdade sem cousa que duvida faça que me fica ressalvado não vá e vay escripta em quatro meyas folhas de papel com esta todas numeradas e rubricadas com o meu sobrenome que é = Azevedo = em fé da verdade esta subscrevi que assino de meus signaes publicos e razo de que uzo em esta villa de Barcellos aos cinco dias do mez de Janeiro de mil sete centos e cincoenta annos. Amaro Lopes de Azevedo, Tabellião que a subscrevi e assino como dito é. - Amaro Lopes de Azevedo - Em publico e razo Amaro Lopes de Azevedo - E comigo Em.el Luiz Ter.a - Reverendo a propria Provisam - João da Silva.

= Beneplacito das almas =

Bem e proveito das almas os aprovo e confirmo e mando se cumpram e guardem como nelas se contem para o que lhes interponho minha authoridade ordinaria com decreto judicial. Dada em Braga sob meu signal e sello aos dez de Janeiro de mil sete centos e cinco annos. Manoel de Gouveia e Figueiredo, escrivão da Camera Ecclesiastica o subscrevi - Doutor Francisco de Torres - Lugar do sello - Soares - Pacheco - Vinte reis - Registado a folhas sete - Pimentel - Dez sello dez reis - Ao escrivão sessenta reis - Aprovação de estatutos - E não se continha mais em a dita Provizão escripta em o dito livro dos Estatutos e outro sim pelo mesmo João da Silva me foi mais apresentado hum livro que serve de contas do recibo e despezas da mesma confraria de Jesus, Maria, Joseph que principiou o dito livro no anno de mil sete centos e vinte e hum e por elle consta achanse sommadas todas as contas do recibo e despezas da dita confraria pelo Juiz Ecclesiastico como João pelos Reverendos vesitadores que vinhão a esta villa e nenhumas duvidas se achão sommadas pelo Juiz da Provedoria, como tudo assim era o que lançamente consta do dito livro das contas o qual com o dos estatutos ambos tornei a entregar ao dito Thesoureiro João da Silva e de como os recebeo assinou aqui e aos mesmos livros em todos e por todos meu reporto donde era sobredito Amaro Lopes de Azevedo fiz passar a presente certidão, bem e fielmente que vay sem cousa que duvida faça que me fica ressalvada não vá, e em fé de verdade esta subscrevi que assino de meus signaes publicos e razo de que uzo em esta

rilla de Barcellos aos sinco dias do mez de Junho de mil sete centos e sincoenta annos. Amaro Lopes de Azevedo Tabellião que o sobscreve e assigno como dito he Amaro Lopes de Azevedo. Reservi os meus proprios livros. João da Silveira.-

= Acta =

Aos dezaseis dias do mez de Julho de 1870 nesta Villa de Barcellos e casa do despacho da Confraria de S. José, onde se achavam reunidos, o Juiz e mezarios da mesma Confraria para o fim de assistir a benção dos sinos, para o que tinhão convidado - O R.do P.e Manoel dos Santos, que da milhor vontade e gratuitamente fez dita cerimonia na presença do Juiz - Joaquim José de Castro Maciel - e Mezario Benfeitor o Ill.mo Snr. Francisco Fernandes Duarte - e mais mezarios - José Machado Carmona Salter de Mendonça - José Bento Redondo Adaes - João Baptista Martins - José Pires Machado - José da Conceição e os nossos Irmãos Eduardo Tavira Coelho Lima e João Fernandes Duarte, que para este religioso acto forão convidados e todos reunidos dentro da nossa Capella com tochas acezas e o R.o Padre Manoel dos Santos se procedeo á benção dos sinos; e pelo benfeitor foi dito que era sua vontade que o sino grande que lhe dava se chamasse José = e pelo Juiz da Confraria foi dito que o sino pequeno se chama - de Marios, e como os indicados nomes se procedeu á benção d'elles e finda esta cerimonia forão logo elevados na torre que o mesmo Benfeitor a espensas suas mandou fazer, e logo depois de elevados se depoi as cerimonias do estilo - o Benfeitor deu trez badaladas no sino grande em sinal de fazer intrega delle á Confraria e o Juiz deu trez badaladas nos sinos pequenos em sinal de assistir tam abultadas esmollas e logo em seguida se mandou repicar os sinos, subindo ao ar algumas dugias de foguetes pagos pelos ditos mezarios - em seguida na dita caza do despacho foi dito pelo mezario benfeitor que dava aquelle sino de esmolla para a Confraria de S. José livre de toda e qualquer condição ficando a cargo dos mezarios presentes e futuros os reparos que forem necessarios - O Juiz e mais mezarios em seguida, agradeceram, em nome de todos tão abultada esmolla - elle Juiz mandou que se mencione - se n'esta acta que o sino pequeno foi feito com as seguintes esmollas - a sineta pequena que antigamente estava na capella - foi dado de esmolla pelo Snr. Dr. Antonio Carneiro da Fonseca. - Outra sineta que deu o Exm.o Snr. Marianno Arriscado - Outra tambem que deu o Exm.o Snr. Francisco Filipe de villa pouca Snr. da Casa da Silva e todas estas trez sinetas se mandarão fun-

dir em Braga e com mais algumas estrellas de mandou acrescentar ao frezo – O sino grande tem de pezar 5 arrobas – O sino pequeno tem de pezar 4 arrobas.

Nota:

Sino grande

Custou . . . . . 8$745

Sino pequeno

Custou . . . . . 2$580

(Vide fls. 121 e 123 do 1º Volume) e 191 do mesmo).

Indice

assuntos	Paginas
Barcelinhos	3
Ruas e Terreiros - de Barcelinhos	4v°-5v°-9
Chafarizes, Fanques e fontes - de Barcelinhos	5-19
Ponte sobre o Cavado	6
Igreja Paroquial de Barcelinhos	8
Capela de Nossa Senhora da Ponte	11-12v°-132
O Carvalho da Ponte	12
Capela de S. Miguel-o-Anjo	20
Capela de S. João de Brédhos	20 v°
Capela de Vessadas	21
Capela de Santo António de Vessadas	22
Capela de S. Braz	22 v°
Matadouro Municipal (de Barcelinhos)	25
Escola Apostolica de Barcellos - Antiga Escola Apostolica Gonçalo Pereira	26
Cemiterio de Barcelinhos	27
Corpo de Salvação Publica Barcelinense (B.V.)	28
Associação de Soccorros Mutuos Barcelinense	29
Barcellos é Dona ou Rainha do Cavado?	31
A Franqueira	43
Entrada para a Franqueira	43 v°
Ermida de Nossa Senhora da Franqueira	45
Apparecimento de um esqueleto humano na Ermida da Franqueira	51-55
Ermitões na Franqueira	54 v°
Senhor da Fonte da Vida	60
Convento da Franqueira	65-66
A Monte da Franqueira	44-71-
O Castello de Faria	72v°-77
Episodio juridico do Cruzeiro do Castello de Faria	81
A defeza do Castello de Faria	83
Igreja de Vilar de Frades	94
Lenda do frade e do passarinho	102-103-105

Continuação do Indice

assuntos	Paginas
O Convento de Bamba	108
Igreja de Abade de Neiva	112
Tradições de Abade de Neiva	115
Igreja de Meaninente	117-130-143
Capelinha de Nossa Senhora do Facho	122
Inauguração do 1º Cruzeiro da Independencia no Facho	123-124
Inauguração do 2º Cruzeiro da Independencia no Facho	125
O Monte do Facho	124
Uma lenda do Monte do Facho ("Citania de Briz") —	132
Carreira de Tiro Militar de Barcellos	136
Lenda do areal de Vilar de Frades	106
Comissão de Iniciativa e Turismo	137
1º Congresso Missionario Nacional	138
Templo de Nossa Senhora das Necessidades na freguesia de Paprinos	140
A Citania de Franqueira	41 vº
Nossa Senhora da Franqueira	58 vº
Citania de Briz	126
A Torre de Barcellos	30
Casa de Tinães e as Invasões Francezas	19
Antigo Palacio dos Duques de Bragança em Barcellos	142

biblioteca municipal barcelona
26796